Diário de Lisboa

ANO 56.º/19 093 4$00

SÁBADO 3 JULHO 1976

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

PARA AS ELEIÇÕES DE DEZEMBRO

GOVERNO REGULAMENTA AUTARQUIAS LOCAIS

..O Conselho de Ministros aprovou, na sua reunião extraordinária de ontem, presidida pelo comandante Almeida e Costa, um diploma do Ministério da Administração Interna relativo à forma de eleição, estrutura, competência e funcionamento dos órgãos do **Município e da Freguesia.**

O diploma, que terá de ser sancionado pelo Conselho da Revolução, poderá entretanto — refere o comunicado da reunião — ser sujeito a ratificação da Assembleia da República, caso a sua publicação venha a ser posterior à tomada de posse do novo Presidente da República.

Visando harmonizar, na generalidade, as estruturas, competência, funcionamento e regime eleitoral das autarquias locais (haverá eleições em Dezembro) com o disposto na Constituição, o diploma estabelece, nomeadamente, que os órgãos representativos da freguesia são a Assembleia de Freguesia e a Junta de Freguesia, e os do município sao a Assembleia Municipal, a Câmara Municipal e o Conselho Municipal.

Nas freguesias com menos de 100 eleitores a Assembleia de Freguesia será substituída pelo Plenário dos Cidadãos Eleitores.

A Assembleia de Freguesia é eleita por sufrágio universal, directo e secreto dos cidadãos eleitores residentes na área da freguesia, de acordo com o sistema de representação proporcional correspondente à média mais alta de Hondt. Partidos políticos e grupos de eleitores podem apresentar candidaturas, e a Junta de Freguesia é eleita por escrutínio secreto pela Assembleia de Freguesia, de entre os seus membros, sendo presidente o cidadão que encabeça a lista mais votada.

No tocante à eleição da Assembleia Municipal, a apresentação de candidaturas cabe apenas aos partidos políticos. A Assembleia Municipal é composta pelos presidentes das Juntas de Freguesia, eleitos pelo Colégio Eleitoral do Município. A Câmara Municipal é o órgão executivo colegial do município, eleito pelos cidadãos eleitores residentes na respectiva área, segundo, também, o princípio da representação proporcional.

A Câmara Municipal é composta pelo presidente e vogais, em número fixado em 16 em Lisboa, 12 no Porto, 8 nos municípios de primeira ordem, 6 nos de segunda e 4 nos de terceira.

Em cada município funcionará um Conselho Municipal, com funções consultivas e com a missão de colaborar na resolução dos problemas da vida local.

.O Conselho de Ministros aprovou por outro lado, a concessão de avales do Estado a pedidos de financiamento de órgãos de Informação estatizados ou sob intervenção do Estado. Foram concedidos os seguintes avales: a) 6000 contos à Anop; b) 3500 à Renascença Gráfica; c) 4700 à empresa do «Jornal de Notícias»; d) 5000 à Sociedade Industrial de Imprensa («Diário Popular»); e) 12.500 à Sociedade Nacional de Tipografia («Século»); f) 2500 contos à empresa do «Jornal do Comércio» e 12.000 contos à Empresa Nacional de Publicidade («Diário de Notícias»).

O Conselho criou ainda o cargo de coordenador-geral do ensino de português junto das embaixadas de Portugal na Alemanha Federal e em França.

..Um outro diploma aprovado, do Ministério das Finanças, prorroga até 31 de Dezembro do corrente ano, o prazo para o registo dos investimentos directos ou reinvestimentos estrangeiros a que se refere o Decreto-Lei 239/76. Segundo o novo diploma não é prejudicada «a vigência dos diversos direitos e garantias consignadas nas restantes disposições do referido diploma, pelo que para a reexportação de capitais ou de rendimentos estrangeiros a que, entretanto, houver lugar, atender-se-á ao montante que o interessa-

Costa Gomes no Porto com ementa popular

O general Costa Gomes deslocou-se ontem ao Porto para visitar o almirante Pinheiro de Azevedo, convalescente de um enfarte de miocárdio, brigadeiro Pires Veloso e cabo Custódio, estes dois últimos recuperando do acidente com um helicóptero da Força Aérea no mês passado.

O Presidente cessante almoçou com a sua comitiva no restaurante Abadia, de velhas tradições no burgo nortenho. Ementa: uma sardinhada com pimentos.

(Pág. 2)

..O suplemento do «DL» — Sete-Ponto-Sete» — faz hoje dez números. A «efeméride» é assinalada com um tema principal — Às armas, cidadãs!, numa abordagem da luta das mulheres portuguesas, que vem de sempre.

32 PÁGINAS

Prossegue a luta na capital do Sudão

CAIRO, 3 — (R) — Luta renhida prossegue em Cartum e dezenas de pessoas morreram em combates entre forças revoltosas e tropas leais ao presidente Jafaar Nimeiry do Sudão, segundo anunciou a agência noticiosa iraquiana.

Explosões de granadas de morteiro e disparos de metralhadora ocoavam hoje, de manhã, em toda a capital sudanesa — disse ainda a agência num telegrama de Cartum.

A agência afirmou que forças rebeldes pareciam controlar ainda o aeroporto de Cartum.

A agência noticiosa, citando fontes não nomeadas, prosseguiu dizendo que os corpos de mais de cem pessoas mortas durante a luta foram contados num só hospital.

Tanques chegaram a Cartum — continuou.

No aeroporto, tropas leais ao presidente Nimeiry recusam-se a disparar sobre os revoltosos com receio de causarem estragos em três aviões de transporte militar da Arábia Saudita que lá aguardam para levar soldados sudaneses para o Líbano, a fim de se juntarem à força árabe de manutenção da paz.

No entanto, um comunicado do Governo sudanês, emitido ontem, à noite, asseverava que fora esmagada a intentona.

● **DIVERGÊNCIAS EM ESPANHA SOBRE A SUCESSÃO DE ARIAS** **(Pág. 13)**

● **BICENTENÁRIO DOS E. U. A.** **(Centrais)**

● **OLIMPIADAS EM IMPASSE** **(Pág. 17)**

Obras de conservação estão a ser feita no Teatro Villaret, cujo destino parece neste momento o de transformar-se em cinema. O proprietário, Vasco Morgado, estaria em conversações com duas distribuidoras para concretizar o negócio

DE SEGUNDA A SEXTA

Menos luz na Grande Lisboa

. A partir de segunda-feira, e até sexta inclusive, será interrompido, das 15 e 30 às 17 horas, o fornecimento de energia eléctrica ao concelho de Lisboa e parte do concelho de Loures. No mesmo espaço de tempo, mas das 14 horas às 15 e 30, verificar-se-ão interrupções no fornecimento nas redes de distribuição de alta e baixa tensão dos concelhos de Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cascais, Cartaxo, Loures (parte Norte), Mafra, Oeiras, Santarèm, Sintra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira.

Estas medidas restritivas vêm na sequência de despachos emanados do Ministério da Indústria e Tecnologia e da Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, e manter-se-ão em vigor durante todo o mês de Julho.

Serão salvaguardadas, noentanto — estabelece a Empresa Pública de Electricidade de Portugal — os fornecimentos considerados prioritários, tais como a estabelecimentos hospitalares, instalações importantes afectas ao abastecimento de água e transportes públicos (tracção eléctrica), «na medida do possível e de acordo com as possibilidades de manobra das nossas redes».

Alerta ainda o aviso da E. D. P. para a necessidade de os consumidores manterem as precauções habituais a fim de evitar possíveis acidentes, já que o restabelecimento de energia após ou durante o período de interrupção é feito sem aviso prévio.

Finalmente, dada a possibilidade de retenção de pessoas dentro dos elevadores, são aconselhados os possíveis utentes a não se servirem deles nos períodos que imediatamente antecedam o início das interrupções de energia.

Embora o comunicado da Electricidade de Portugal não diga nada em relação às restrições energéticas previstas para o Norte do País, presume-se que essas medidas tenham início também na próxima segunda-feira, da parte da manhã, entre as 9 e as 12 horas.

É ainda possível que outros métodos sejam aplicados nas restrições ao consumo de energia eléctrica, tais como o encerramento das emissões televisivas às 23 horas, desfasamento nos horários de trabalho nos grandes centros urbanos e imposição de restrições à iluminação pública e comercial.

Nacional

Política de A a Z

PALAVRAS PROIBIDAS

. .Não é a «censura» que ressuscita, é a inteligência de bastidores e de antecâmaras que, desbocada e despudorada, vem declamar à praça pública o discurso pago à linha em papel selado ou em papel de impressão. No Portugal de Abril lê-se no editorial de um vespertino: «Que não se fale mais em «revolução», porque — e só por isso! — a Revolução acabou.

Que se procure moderar o uso de termos como «direita», «esquerda», «reacção», «fascismo», etc., e que, quando utilizados, o sejam com propriedade». Lê-se e pasma-se. Consulta-se a data do jornal, verifica-se o ano, e pasma-se. Tiraram a máscara. São, agitados e ruidosos, os «espectros do antigamente».

Se estes «liberais» tiverem ensejo de se converterem em «censores», de lápis azul e de tesoura em riste, não se adivinha até onde irá a lista das palavras proibidas.

UM PRESIDENTE PARA TRÊS VITÓRIAS ELEITORAIS

. .A «direita» não se considera confiante com a eleição de Ramalho Eanes. O Presidente aparece muito convivente com o P. S. Vota em Lisboa, acompanhado por Raul Rego. Faz visitas no Porto, acompanhado por António de Macedo. Declara que encarregará Mário Soares de formar o Governo. Aceita a fórmula de um «governo socialista homogéneo».

O Partido Socialista congratulou-se com a eleição de Ramalho Eanes. Considerou sua a vitória eleitoral. Com a vitória eleitoral de Ramalho Eanes, como se de um sucesso partidário se tratasse, igualmente rejubilou o P. P. D. E vem agora o C. D. S. e não são menos calorosas as suas afirmações. O Secretariado da Comissão Política declara: «O C. D. S. congratula-se com a vitória de Ramalho Eanes nas eleições presidenciais. Essa impressionante vitória é, acima de tudo, um triunfo da democracia portuguesa e da vocação europeia de Portugal. O C. D. S. recusa qualquer outra interpretação que pretenda vincular a eleição do presidente Eanes a um projecto partidário restrito ou a uma determinada corrente ideológica. Tal tipo de interpretação é abusiva, não se pode bastar na análise dos resultados eleitorais e não encontra apoio na própria personalidade do presidente eleito.»

. E embora o C. D. S. venha declarar que não pretende criar «um contencioso com o Partido Socialista, até porque considera antipatriótico e pouco favorável à consolidação democrática alimentar tensões ou divisões no seio da maioria presidencial que fez eleger o general Eanes», firmemente considera «ofensiva da maioria dos eleitores... a afirmação incluída em comunicado do Secretariado Nacional do P. S.» que creditava ao P. S. «a vitória eleitoral do general Eanes». Surge aqui, claramente, a ideia de «maioria presidencial» de que, dentro de meses ou de semanas, se irá falar em São Bento e em Belém. E surge, também, a refutação das interpretações políticas do P. S. que poderão vir a ser contestadas, preto no branco, com apoio nos números. Dos eleitores de Ramalho Eanes, C. D. S. e P. P. D. poderão dizer, feitas as contas, que a maioria não seria socialista. Donde o argumento: somos a maioria da «maioria de esquerda», poder sofrer a contestação: falta saber se o P. S. será a maioria da «maioria presidencial».

UM GOVERNO DE SALVAÇÃO NACIONAL

. .O secretário-geral do Partido Socialista declarou: «...é necessário que todos os partidos cooperem no projecto nacional». Sabe-se — não o pode ignorar o Partido Socialista — que uma «sociedade socialista» será sempre a resultante de uma luta política, de uma luta de classes. O «socialismo» é a meta de uma luta, não o termo de uma conciliação de interesses. Daí que o «projecto nacional» deva ser caracterizado e que a expressão «candidato de Portugal» seja equívoca. Daí que se compreenda nas fileiras socialistas de um modo, e de um modo bem diferente nas fileiras do C. D. S., a mesma fórmula: «governo de salvação nacional». Porque, como é evidente, o P. S. e o C. D. S. têm coisas diferentes a salvar.

Mário Soares, segundo os jornalistas que o escutaram, terá dito: «O P. S. não vai governar para o P. S.; o P. S. vai tentar fazer um Governo de salvação nacional para resolver os problemas concretos do povo português e isso implica uma política de concertação com os sindicatos dos trabalhadores e com o patronato também, com todas as forças sociais válidas que existem em Portugal. Implica, da nossa parte, um diálogo com os outros grupos parlamentares e naturalmente sem excluir o Partido Comunista, que é um grupo parlamentar importante, embora seja o quarto partido representado na Assembleia da República». É bem diferente o conceito de «governo de salvação nacional» do C. D. S. Para o C. D. S. a fórmula governamental deveria ser «um governo de salvação nacional constituído por P. S., P. P. D., C. D. S.». De não ter esta concepção, que corresponde à ideia de que «a maioria presidencial é uma realidade autónoma», assumirá o P. S. as responsabilidades e as consequências.

Esta concepção de «maioria presidencial» como realidade política autónoma, e a identificação de um «governo de salvação nacional» com a fórmula de «governo de coligação P.S.-C. D.S.-P. P. D.», são as figuras políticas para que se orienta a «manobra envolvente» que ameaça não só a potencial «maioria de esquerda», como a tentativa de «governo homogéneo de direcção socialista».

COSTA GOMES NO PORTO

"Penso que a maioria do povo vive mais feliz do que vivia antes de Abril de 1974"

. PORTO, 3 — O início do processo de descolonização, a democratização do País, as conquistas dos trabalhadores e as medidas tomadas no campo das nacionalizações, Reforma Agrária e controlo operário foram os pontos destacados pelo presidente Costa Gomes ao responder aos jornalistas sobre os aspectos considerados mais positivos e mais importantes durante o exercício do seu mandato.

Costa Gomes, conforme noticiámos, deslocou-se ontem ao Porto a fim de visitar o cabo Rui Custódio, o almirante Pinheiro de Azevedo e o brigadeiro Pires Veloso que continuam internados pelos motivos já suficientemente divulgados.

Acompanhado de sua mulher, dos seus ajudantes de campo, major Carlos Gomes e comandante Silva Pineiro, do comandante Martins Guerreiro e de outras individualidades chegou a Padras Rubras ao fim da manhã e regressou a Lisboa em avião da Força Aérea pouco depois das 17 horas. Costa Gomes almoçou num restaurante da baixa portuense e visitou ainda durante a tarde, alguns amigos que possui nesta cidade.

A chegada a Pedras Rubras e de novo no Hospital de S.João, onde muitas pessoas se juntaram para o saudar, Costa Gomes falou aos jornalistas afirmando nomeadamente que considera tarefas fundamentais para o novo Presidente da República, em sua opinião, a democratização, a conclusão do processo de descolonização e a construção de um Portugal democrático e socialista pelo povo em aliança com as Forças Armadas. A dado passo Costa Gomes afirmou: «O que posso dizer sobre o que gostaria de ver realizado neste País, é que fiz os possíveis para que a democracia fosse uma realidade, e para cumprir o mais fielmente que as circunstâncias mo permitiram todos aqueles objectivos consignados no programa do M. F. A.». Ainda no Hospital [illegible] consignados no programa do M.F.A». Ainda no Hospital de S.João, Costa Gomes adiantou: «Regozijo-me com a Constituição que os deputados conseguiram realizar e que na minha opinião representa realmente um estado muito avançado e progressista que, se o cumprirmos, vai possibilitar que o povo português possa viver num país liver e que possa ter uma felicidade que julgo que merece depois de 48 anos de estagnação e obscurantismo».

Sobre os aspectos mais importantes do seu mandato e que maior alegria lhe proporcionaram afirmou: «A primeira foi relamente termos iniciado um processo de descolonização que não correu como nós desejaríamos mas que julgo ter corrido o melhor que nos era possível dentro dos condicionalismos que tínhamos e dos meios de que dispunhamos. A segunda foi a democratização deste País. Eu penso que hoje a maiora do povo português vive mais feliz do que vivia antes de Abril de 74. A terceira, e uma das mais importantes foram as conquistas que os trabalhadores fizeram e que julgo que os colocaram numa situação, quer social quer económica, que faz uma diferença abissal daquela que tínhamos antes de Abril de 74. ge por último julgo que todas aqueles medidas já tomadas para a socialização deste país, como as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo operário, que são conquistas que realmente dão aos sectores da população que envolvem — a as ancionalizações envolvem todos os sectores — a possibilidade de fazer uma distribuição mais equitativa da riqueza e um melhor aproveitamento dos recursos nacionais».

A outra questão que lhe foi posta sobre a capacidade do geeneral Eanes para aritcular o civil e o militar de modo a manter o cargo acima dos partidos, das exigências meramente partidárias e das dificuldades políticas e económicas, Costa Gomes afirmou: «A Nação julga que ele a tem e eu também».

Banco de Portugal apoia relançamento económico

. O Banco de Portugal acaba de tomar algumas medidas no domínio da sua política de crédito tendentes a apoiar algumas actividades económicas consideradas fundamentais para a superação da crise actual.

É assim que, a patir do próximo dia 10 do corrente, serão aplicadas às operações propostas a partir desta dara, assim como aos contratos vigentes após a revisão destes, as seguintes taxas para operações de redesconto:

. — Taxa de 3 por cento para as operações de financiamento de entidades cuja actividade económica principal respeite aos sectores de agricultura, pecuária ou pesca — incluindo as operações de crédito agrícola de emergência, de operações de financiamento ao reapetrechamento e reestruturação de pequenas e médias empresas (P. M. E.) devidamente credenciadas ou cooperativas de produção, de operações de crédito à exportação nacional, realizadas por prazo não superior a um ano, de operações de desconto de «Warrants» referentes a bens essenciais, ou a produtos para exiortação, ou de operações de crédito, pcontratadas a médio ou longo prazo, de harmonia com a legislação especial em vigor sobre a matéria;

. — Taxa de 4,5 por cento para as operações que respeitem à aquisição de matérias-primas de produção nacional para a indústria, de operações que respeitem à aquisição de matérias-primas e pagamento a factores de produção relativas à indústria de construção civil, de operações que respeitem à compra de xbens de consumo geral, indispensáveis a abastecimento público, ou, ainda, de operações de crédito à exportação nacional, realizadas por prazo superior a um ano.

Para as restantes operações de crédito no banco, foram determinadas as seguintes taxas:

. a) 6,5 por cento, nas operações de desconto, a instituições de crédito de livranças, as condições definidas pelo conselho de administração do banco, em conformidade com o previsto no artigo 33.º n.º 1 alínea a) da Lei Orgânica do Banco;

. b) 7,5 por cento, nas operações de empréstimo, às instituições de crédito, por prazo que não exceda cento e oitenta dias, caucionados nos termos do citado artigo 33.º, n.º 1, alínea c) da Lri Orgânica do Banco;

. c) 7,5 por cento nas operações de abertura de crédito, em conta corrente, com garantia de títulos do Estado Português, referidos no dito artigo 33.º, n.º 1, alínea d), da mesma Lei Orgânica.

M.S.D. contra "argumento da bomba"

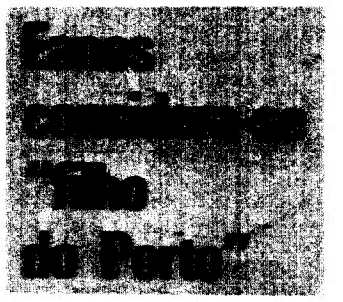
Condenação da passividade

. O Movimento Social-Democrata (M. S. D.), em comunicado do Secretariado da Federação Regional de Lisboa, refere-se ao que classifica como «o argumento da bomba», condenando todos os atentados bombistas e seus autores e chamando a atenção das autoridades para «as responsabilidades que lhes cabem de prevenir a utilização das bombas e de reprimir com severidade merecida os que as utilizam para perturbar a paz e a convivência democráticas».

«Condenamos igualmente — diz o comunicado — a passividade que até agora tem constituido o denominador da actividade das forças encarregadas da defesa da ordem pública e designadamente não podemos deixar de nos surpreendermos com o facto de até aqui ainda não ter sido identificado o autor de qualquer atentado.

«Também queremos deixar bem claro — prossegue o comunicado — que não conhecemos bombistas honestos. Qualquer que seja o seu quadrante político-ideológico todos eles são reaccionários. São portanto reaccionários os autores do atentado bombista cometido contra a Intersindical».

O M. S. D. opõe-se, porém, às paralisações de trabalho como sinal de protesto e de mobilização da classe trabalhadora contra a reacção.



. PORTO, 3 — Promovido pela comissão de apoio da candidatura do general Ramalho Eanes decorreu ontem à noite, no ginásio do Liceu Garcia de Orta, um jantar em sua honra e que contou com a presença de mais de um milher de pessoas.Antes de se iniciar o jantar e falando aos jornalistas, Ramalho Eanes declararia que a conversa que teve ontem com o dr. Mário Soares «serviu para esclarecer determinados aspectos da investidura no cargo que vou ocupar e a formação do próximo Governo», acresncentando ainda: «Limitámp-nos a falar de generalidades».

No decorrer do jantar usou da palavra o dr. António Macedo que se referiu aos asepctos mais significativos da campanha do general Ramalho Eanes. Este, por sua vez, afirmou que dificilmente conseguia deixar de se impressionar pela forma como no Porto eram sempre recebido, a tal ponto que se considerava já um filho desta terra.

Governador do Porto requisita prédio para onze famílias

. PORTO, 3 — O governador civil do Porto emitiu um despacho pelo qual requisita, ao abrigo do artigo 409 do Código Administrativo, um prédio desocupado há mais de cinco anos e situado na Rua da Picaria, propriedade da Empresa Industrial de Santo Tirso, para nele albergar onze famílias no total de 23 pessoas que habitavam a casa da Rua do Almada recentemente destruída por incêndio.

O despacho do governador civil tem em conta a situação dramática daquelas pessoas e a dificuldade em arranjar alojamento. O despacho afirma a dado passo: «Tem este Governo Civil que providenciar no sentido de resolver o problema, tanto mais que conforme se estabelece no artigo 65 da Constituição todos têm direito para si e para sua família, a uma habitação».

post-scriptum

Ao general Costa Gomes

Quero saudar V. Ex.ª prestando singela mas sentida homenagem pela forma exemplar como exerceu o cargo de Presidente da República, represtigiando-o e dignificando-o. Manifesto-lhe também profunda gratidão e apreço pela clarividência com que, firme e corajosamente, nas horas mais graves, soube defender os interesses superiores do nosso Povo.

Formulando-lhe votos das maiores venturas pessoais, exprimirei também o desejo de o ver, não na reserva, mas antes no activo da Nação, da República, da Revolução de Abril, desejo esse decerto compartilhado por todos os cidadãos honestos e esclarecidos deste País.

Um leitor devidamente identificado

Uma coisa é a crítica e outra o insulto

«... Considerava bastante o sr. Raul Rego, e em tempos cronologicamente não tão recuados como isso. Hoje já não acontece o mesmo.

O sr. Rego, pretendeu responder à entrevista concedida por Maria Estela Costa Gomes do «D.L.», diz que a revista da «PIDE» a «Continuidade», e outras afectas ao regime fascista, teciam elogios ao senhor general Costa Gomes. Podia indicar, já agora, em que números e em que páginas, e de que teor? É que, em vista do seu estranho e inexplicável silêncio em relação aos «crachats» — pois de «crachats» se falava — não vá correr-se o risco de alguma alma, decerto mal intencionada, pensar que se trata de mais uma porca e ignóbil invenção.

Mas há ainda que dizer que uma coisa é um elogio e outra um encómio, assim como uma coisa é uma crítica e outra coisa é um insulto»...

José Manuel das Neves Amaral — Abrantes

Um aviso aos conciliadores

Após o conhecimento dos números, várias têm sido as apreciações às Presidenciais, todas com a sua verdade, talvez algumas escondendo outras verdades, conforme as conveniências dos interlocutores.

Vem isto a propósito da afirmação do sr. dr. Mário Soares, que o PC tinha sido o grande derrotado, por o seu candidato obter apenas metade dos votos conseguidos para as legislativas.

Mas para além do total da soma da perda do PC e das forças que apoiavam o major Otelo, falta ainda justificar os outros 7 por cento e qual a base partidária dos 14 por cento conseguidos pelo **Almirante sem medo»**.

Ora se neste último caso se pode admitir uma pequena percentagem de votantes da direita, o mesmo se não poderá dizer dos 7 por cento referidos, do major Otelo, que julgo serem votos PS.

Se juntarmos a esta apreciação a não aceitação de bases do PS, do candidato apoiado pela cúpula do partido e que pode estar na razão do elevado número de abstenções, então poderemos concluir que o PS também não poderá cantar vitória.

Por outro lado, para além dos condicionalismos partidários, parece que o povo demonstrou que não esquece facilmente o 25 de Abril e que quanto mais politizado menos seguidista se torna, e que foi um aviso aos conciliadores das lutas de classes, pois quanto mais a direita avança mais a esquerda se radicaliza.

Luís Alves — Moscavide

A quem serve a Comissão Nacional de Inquérito?

Depois do 25 de Abril de 1974, foi criada a Comissão Nacional de Inquérito, no edifício da Boa Hora, com a missão de receber queixas, de injustiças praticadas durante o regime fascista, para que justiça fosse feita, àquelas que o merecessem.

A Comissão Nacional de Inquérito, não foi ainda dissolvida, e sendo passados quase dois anos, pergunta-se: Qual é o trabalho produzido? Alguém viu dar andamento a alguma dessas queixas? A Comissão, que eu saiba e sinta, parece servir, como no regime anterior a «Justiça» fazia: proteger os crimes praticados pelos maiores, contra os mais pequenos; aliás a sua actuação não tem demonstrado o contrário.

Porquê e para quê, então, a manutenção daquela Comissão? Quem souber responder a isto, muito grato lhe ficaria.

Um leitor devidamente identificado

Até quando os crimes contra a democracia?

Um leitor do «D.L.», lembrava há dias nesta secção, a luta dos jovens democratas, travada durante o fascismo, citando nomes diversos, de socialistas, comunistas e outros nomes de militantes de esquerda.

Todos nos lembramos desses lutadores, que depois foram seguidos e aumentados pelas gerações que lhe sucederam.

E uma constante se destacava nessa luta: a firmeza e o sacrifício que sempre lhe emprestaram os antifascistas a par de uma elevação e dignidade que contrasta com as práticas traiçoeiras e covardes usadas pela direita terrorista, associada a toda a espécie de mercenários e marginais do mundo do crime. Em qualquer parte do globo estes indivíduos são julgados como delinquentes de direito comun, com o tratamento que as nossas autoridades nunca lhes aplicaram. Chegou-se a uma situação vergonhosa.

Os democratas portugueses, os lutadores antifascistas, passam grande parte das suas vidas nas prisões da Pide, mas nunca foram incendiários nem terroristas. Contudo, uma escandalosa deturpação do conceito de liberdade tem servido de protecção e incentivo ao crime contra a Democracia. Até quando?

Sérgio Costa — Lisboa

VANGUARDISMO ESTÉTICO E VANGUARDISMO POLÍTICO

Mário Vieira de Carvalho

A contradição entre **vanguardismo estético** e **vanguardismo político**, que é classicamente aproveitada pela crítica burguesa mais reaccionária para veicular propaganda anti-soviética e anticomunista não pode ser colocada em termos de questão prioritária — daquelas que são acompanhados de um **já**! categórico — a resolver logo no início de qualquer processo revolucionário.

DO CAPITALISMO...

Nos países capitalistas, torna-se cada vez mais aguda essa contradição, resultante dos mecanismos da sociedade burguesa. Cingindo-me à música, poderia resumi-los assim: a) meios de comunicação e de edição nas mãos do capital monopolista, levando à massificação do gosto musical segundo um critério de rentabilidade comercial, acima de qualquer preocupação de ordem estética; b) consequente isolamento das grandes massas em relação à produção artística (não comercial), seja de proveniência individual, seja de proveniência colectiva-tradicional (etnográfica); c) existência de uma **indústria de cultura**, destinada ao público privilegiado e **cultivado** dos concertos, das óperas e da estereofonia, a qual também conduz à massificação do gosto musical (desse público) ainda segundo critérios de rentabilidade comercial; d) protecção aos artistas considerados **de vanguarda**, através de fundações ou das próprias empresas monopolistas, como operação de prestígio tendente a dar uma certa imagem pública da empresa e do sistema (operação que, por outro lado, consagra o isolamento do artista, na medida em que favorece as condições da sua subsistência material divorciado das grandes massas e do público consumidor da **indústria da cultura**, e procura aprisioná-lo no «ghetto» de pequenos círculos de intelectuais à altura de compreender o alcance estético das suas pesquisas, quase sempre fundadas numa oposição radical ao gosto estereotipado da referida **indústria da cultura**); e) manipulação de todo e qualquer produto artístico-musical como mero objecto de consumo, esvaziado de conteúdo ideológico ou social, destinado a divertir mais ou menos requintadamente a burguesia, valorizado em termos puramente comerciais-lucrativos, lançado no mercado segundo uma estratégia de «marketing».

Todos estes mecanismos contribuem para a formação de compartimentos estanques, que na verdade impedem a floração da arte (da música) como forma de consciência social e retiram aos artistas — sejam os populares-artesanais, sejam os protegidos pela indústria da cultura, sejam os **radicais** (para usar uma expressão cara a Adorno) — a possibilidade de uma inserção consequente na sociedade em que vivem e trabalham. No que se refere aos músicos **radicais** ou **de vanguarda**, a contradição torna-se particularmente aguda, pois, mesmo quando politicamente progressistas, eles não conseguem transformar a sua música em instrumento de uma adesão **orgânica** à classe operária e ao movimento popular: são prisioneiros das estruturas que espartilham a «vida musical» e restringem o seu campo de acção à relação com certos círculos da intelectualidade burguesa ou pequeno-burguesa (progressista ou não).

...AO SOCIALISMO

Entretanto, nos países socialistas, a própria lógica do desenvolvimento do processo revolucionário tem conduzido dialecticamente ao fim da contradição entre **vanguardismo estético** e **vanguardismo político**.

Na União Soviética — que é o alvo preferido da crítica reaccionária de todos os matizes — a polémica esteticoideológica, em relação à música, tem atravessado diferentes fases, tem sofrido mesmo uma evolução contraditória. No fundamental, porém, as linhas de orientação dominantes são bastante claras e coerentes e podem sintetizar-se assim: a) democratização efectiva, em quantidade e qualidade, a todos os níveis pedagógicos, do ensino da música, da formação artística e da formação cultural geral; b) estímulo ao desenvolvimento das diferentes culturas populares e nacionais das repúblicas que integram a União; c) fomento em grande escala das actividades artísticas profissionais e amadoras; d) colocação dos meios de comunicação, das salas de espectáculos, do disco, inteiramente ao serviço de uma informação e de uma circulação cultural de massas, e favorecendo a interpenetração das diferentes práticas artísticas (desde as mais «eruditas» às artesanais e amadoras); e) apelo aos artistas-criadores no sentido de que saibam corresponder às condições de trabalho, de estudo, de pesquisa, de profissionalização, proporcionadas pelo Estado soviético, produzindo obras musicias capazes de exercer uma ampla e imediata função social, capazes de interpretar os anseios e de conquistar a adesão de multidãoes de interpretar os anseios e de conquistar a adesão de multidões de trabalhadores e de jovens ávidos de cultura (multidões que se organizam por toda a parte em grupos amadores, que esgotam diariamente cinemas, teatros e salas de concertos, que inundam os museus e salas de exposições).

Ora é, precisamente, à volta deste último ponto que se tem desenrolado a polémica, desde os primórdios da revolução de 1917. Não cabe na economia deste texto fazer a história de todo o processo. Basta observar que as controvérsias acerca de tal ou tal caso, de tal ou tal critério, muitas vezes ignoravam ou fingiam ignorar duas questões prévias: o ineditismo da experiência soviética, que lhe impunha aprender, à sua própria custa, de como pôr a arte ao serviço da revolução e a revolucão ao serviço da

Continua na pág. 4

O.E.A. INOPERANTE

Luís Alberto Jara

SANTIAGO DO CHILE, (IPS) — Uma das conclusões dos observadores, à luz dos prolongados debates sobre a ordem de trabalhos de 41 pontos da Sexta Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), foi que a presença dos Estados Unidos como Estado membro constitui um factor importante de inoperância do organismo. E isto porque os interesses do país mais rico do mundo se chocam com as aspirações dos países em vias de desenvolvimento da América Latina.

Outro aspecto negativo da política dos Estados Unidos no contexto das relações hemisféricas é a sua tendência para o bilateralismo, prejudicial para os fundamentos unitários da região. Até os observadores locais de um país como o Chile cujo Governo fez declaração pública de amizade com os Estados Unidos, apontaram essas diferenças.

Durante a sua permanência de três dias nesta capital, o secretário de Estado Henry Kissinger orientou a sua acção para os contactos bilaterais, iniciando uma série de conversações privadas com o chanceler do Brasil, António Azeredo da Silveira, representante do principal aliado de Washington na região, e continuando-a com a maioria dos ministros das Relações Exteriores que participavam na Sexta Assembleia.

Por esta disparidade de posições, os problemas mais candentes da América Latina foram uma vez mais adiados, enquanto alguns se mantêm numa fase de procura difícil de solução a longo prazo.

As promessas de Kissinger não passam disso: promessas, pois, estando a terminar o seu período de gestão, não tem poder para tomar compromissos até que se apure o resultado das eleições no seu país.

Se os sul-americanos põem o problema da urgente necessidade de Washington dar o seu apoio amplo e concreto ao desenvolvimento económico do hemisfério, forneça tecnologia moderna, favoreça a industrialização das matérias-primas, os Estados Unidos apoiam essas aspirações, mas através de empréstimos que apenas contribuem para o enfeudamento dos países em vias de desenvolvimento. Além disso, verificou-se uma vez mais na OEA o «diálogo de surdos», em que um dos interlocutores diz algo e o outro responde como se se tratasse de coisa absolutamente distinta. «Há que criar um Conselho de Desenvolvimento para a América Latina». Sim, somos a maior potência mundial e o nosso dever é proteger os aliados mais débeis». Quando não tem possibilidades de iludir a resposta, Kissinger «compromete-se» a procurar uma solução aceitável.

A lei do comércio externo norrte-americana constitui um bom exemplo: Washington tomou nota da unanimidade latino-americana contra essa legislação e comprometeu-se a colaborar para eliminar as exclusões do Equador e da Venezuela, cujo pecado é serem membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), e minorar as restrições e coerções que afectam outros países. Mas essa promessa do executivo norte-americano — através de Kissinger — é difícil de concretizar porque é o Congresso desse país quem bloqueia as alterações. Os legisladores norte-americanos poderiam negar-se a legislar e, se aceitarem a proposta, não se sabe quando o farão.

O bloco latino-americano deu o seu apoio unânime ao Governo do Panamá na questão do canal. O chanceler Aquilino Boyd disse publicamente: «A paciência dos povos tem um limite». Surgiu então a «boa vontade» dos Estados Unidos de estudar uma solução harmónica do conflito. Mas acontece que aqui também o executivo norte-americano propõe e o Congresso dispõe.

Algumas expressões dos delegados latino-americanos reflectem ocasionalmente o seu mal-estar pela prolongada confrontação em questões básicas com os Estados Unidos. Fernando Ortiz disse numa Conferência de Imprensa sobre o tema «Empresas Multinacionais»: «Se pudesse exprimir a minha opinião pessoal a este respeito, as minhas opiniões seriam consideradas incendiárias», acrescentando que, como diplomata, tinha de cingir-se a certas normas.

No decorrer da Sexta Assembleia da OEA, as multinacionais transformaram-se num dos temas mais controversos da ordem de trabalhos. Um projecto de moção que propunha um «código de conduta» de onze pontos para essas empresas, a maioria das quais tem sede nos Estados Unidos, foi bloqueado pela delegação norte-americana, que aceitou quatro pontos, pôs em causa outros quatro e rejeitou três.

A questão será levada à Sétima Assembleia, e continuar-se-á à procura de um difícil consenso mínimo entre a unanimidade latino-americana e os Estados Unidos. Entretanto, e com raras excepções, as multinacionais continuarão a usar métodos criticáveis, como o suborno à escala internacional, negando a tecnologia moderna aos países receptores, ignorando a legislação local, trazendo capitais e retirando-os em seguida em igual ou maior quantidade e logo que os seus interesses sejam tocados por um governo que lhes faça frente, originando graves conflitos, afectando o crédito e realizando, inclusivamente, acções de intromissão nos assuntos internos, como o projecto de moção latino-americano denuncia.

Os observadores não ocultam o seu desalento pela inoperância da Organização dos Estados Americanos e, em certos meios, volta a ser mencionada a ideia de uma OEA latino-americana. Outros pensam que essa via levaria a um confronto estéril com os Estados Unidos, enquanto o secretário-geral, Alejandro Orfila, afirma que é proveitosa a presença norte-americana na OEA, porque permite um diálogo directo.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE PANIFICAÇÃO E PRODUTOS ALIMENTARES AFINS DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. António Augusto de Aguiar, 25-cave Lisboa-1 — Telef. 57 20 45

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

CAMARADAS:

Mantém-se o patronato na sua posição de não querer negociar

Rejeitando a proposta do C. C. T., apresentada pela Federação dos Sindicatos das Indústrias de Panificação, Produtos Alimentares e Afins.

O patronato assumiu todas as responsabilidades que essa teimosa recusa, lhe possa acarretar.

Nós não podemos ficar de braços caídos e, como o **Patronato** mantém a sua **recusa** à proposta da Federação para encetarmos as negociações no dia 30 de Junho:

Só temos a opôr uma alternativa ante esta **teimosia** e cobardia dos patrões, **A NOSSA UNIDADE E ORGANIZAÇÃO E, SEM PREJUÍZO DO POVO CONSUMIDOR DE PÃO, LEVARMOS DE VENCIDA MAIS ESTA BATALHA, QUE DECERTO IRÁ SER BEM DURA.**

ASSIM:

Convoco uma Assembleia Geral Extraordinária para o próximo Domingo dia 11 pelas 09.30 horas, a realizar na Sociedade de Instrução e Beneficência «Voz do Operário» na Rua Voz do Operário, n.º 13, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1.º — Apreciação da situação decorrente da rejeição do patronato em negociar a nossa proposta do C. C. T.

2.º — Estruturação das formas de luta a pôr em prática.

CAMARADA:

NÃO FALTES, MOBILIZA OS TEUS COMPANHEIROS DE TRABALHO
SÓ COM A PRESENÇA DE TODOS
SÓ VERDADEIRAMENTE UNIDOS E ORGANIZADOS, HOJE E SEMPRE, VENCEREMOS

Lisboa, 1 de Julho de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Ário das Neves Ribeiro

AGORA TAMBÉM NA
RUA ANTÓNIO MARIA PAIS, 45 - A
(Gaveto com a Rua Almirante Gago Coutinho) em MOSCAVIDE
Frangos assados na brasa (espeto e churrasco) e Frangos prontos a cozinhar
CASA DOS FRANGOS DE MOSCAVIDE
Símbolo de qualidade no comércio de frangos
Rua Artur Ferreira da Silva, 19 - A — MOSCAVIDE

CONION
O MELHOR EM CAPTAÇÃO E SOM
O melhor Rádio e Gravador do Mundo
Rua Pascoal de Melo n.º 7, 1.º — Lisboa

SURDOS
CASA SONOTONE

Não vá para fora a ouvir mal. Podemos remediar o seu problema. Faça um exame audiométrico que é gratuito, sem compromisso algum e verá os resultados que obtém ouvindo perfeitamente. Temos as últimas novidades em aparelhos de bolso, atrás da orelha e óculos de condução óssea sem fios nem pipetas. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à laringe. Pilhas de todas as voltagens. Facilidades de pagamentos. Trabalhamos com as Caixas de Previdência. Assistência permanente a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer casa ou marcas. Também somos oculistas. Visite-nos sem hesitar e desde já os nossos agradecimentos em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33, S/L — Telef.: 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef.: 02-315602

Geral

Vanguardismo estético e vanguardismo político

Continuação da pág. 3

arte; a colocação do problema em cada momento, como tarefa a resolver no imediato e não a resolver no quadro do avanço da revolução, como sua consequência e conquista histórica, uma vez alcançados certos pressupostos socioculturais. Indiscutível é, em todo o caso, que a melhor música soviética representa o **estado de espírito dos artistas, do povo, da relação entre ambos**, ao longo do percurso da revolução. Seria aquela música, e não outra, com ou sem Lunatcharsky, com ou sem Jdanov, por força das condições histórico-sociais profundas e da sinceridade dos artistas-criadores que, bem inseridos no processo, queriam fazer-se porta-vozes das grandes lutas travada pelo seu povo. Os maiores músicos russos, designadamente Prokofieff e Chostakovich, quiseram e souberam assumir-se como **intelectuais orgânicos** do proletariado do seu país. Foram a **vanguarda estética** possível e, por serem **vanguarda estética**, algumas das suas obras nem sempre foram logo compreendidas pelo público, pela crítica, pelos responsáveis políticos. No caso da ópera **Katerina Ismailova**, por exemplo, só decorridos cerca de vinte anos sobre a data da estreia ela deixaria de ser «difícil» para se transformar num êxito popular de Moscovo.

Mas, é claro, essa **vanguarda estética** soviética não podia nem devia coincidir com a **vanguarda estética** da música dos países burgueses — aqueles onde ainda não estava em curso uma revolução socialista. A crítica burguesa fica muito escandalizada pelo facto de Chostakovitch escrever em 1948 **O Canto das Florestas** — em 1948, quando Alban Perg, Webern e Bartók já tinham morrido, quando Schöenberg e Varèse já tinham composto praticamente toda a sua obra, quando Boulez aparecia com a **2.ª Sonata para piano** —, mas, entretanto, pergunta-se: qual é, hoje, em 1976, a situação da arte dita **de vanguarda** e dos **artistas de vanguarda** nos países capitalistas? É, sensivelmente, a mesma situação de isolamento e de elitismo de há trinta anos. Não se avançou um passo.

Em contrapartida, nos países socialistas, as transformações, dentro da lógica do próprio desenvolvimento da revolução, estão à vista: uma das mais importantes escolas de **vanguarda estética**, na música, é a polaca, e um dos mais importantes festivais internacionais de música contemporânea (aliás, com larga audiência de massas) realiza-se anualmente em Varsóvia; a pesquisa electroacústica tem-se desenvolvido expressivamente na União Soviética e começam a proliferar aí as jornadas de música contemporânea com a presença não só de jovens compositores soviéticos, mas de artistas **de vanguarda** de todo o mundo; em todos os países socialistas abundam as edições de música impressa e gravada dos novos compositores. A chamada **música de vanguarda** — reconhecida como **de vanguarda** pela crítica burguesa — começa hoje a ser um fenómeno de massas, a ter uma audiência de massas: mas é nos países socialistas e não nos países capitalistas que isso acontece.

O fim da contradição entre **vanguardismo estético** e **vanguardismo político** acabará por ser uma conquista da luta revolucionária da classe operária e das forças progressistas, acabará por ser uma consequência lógica do desenvolvimento sociocultural, no quadro da revolução socialista.

AQUI E AGORA

Quer isto dizer que numa situação como a nossa, só restará aos artistas-músicos portugueses (de vanguarda) aguardar que passem mais dez ou vinte anos e contentar-se, até lá, com o mesmo auditório de uma centena de pessoas, aparentemente divorciadas da gravidade da hora que vivemos?

Torna-se desnecessário responder. Por parte dos intelectuais e artistas politcamente progressistas — sejam quais foram a suas opções estéticas — não pode haver hesitações. Vivemos um momento crucial da história deste país: tudo está posto em causa de novo, e tudo depende de novo da nossa capacidade de agenciar resistências e de passar da apatia à acção persistente e contundente. Entre a direita e a esquerda, entre o retrocesso e o avanço da revolução socialista, entre o terror fascista e o movimento popular, joga-se, não apenas a liberdade, não apenas a democracia, não apenas o socialismo, não apenas a Reforma Agrária, as nacionalizações e o controlo operário, não apenas a Constituição, mas o próprio destino cultural e intelectual do nosso povo. Correm perigo de ser defendidas — porque ao defendê-las defendemos também tudo o mais — a cultura e a «inteligência» portuguesas, forjadas em resistência antifascista, na comunhão com o povo e com a sua luta.

Campeiam, nos órgãos de informação, a mentira, a calúnia, o insulto soez; campeiam a ignorância e a estupidez militantes; campeiam os mais torpes conluíos entre uma pequena facção corrupta da intelectualidade e as forças negras do obscurantismo, do assalto à razão, do secular **Reino Cadaveroso**, apostada sem jamais deixar seguir este país por uma via progressista. É a ofensiva da anticultura, é o fascismo a levantar cabeça.

Creio que os artistas progressistas, neles se compreendendo os músicos, têm o dever de encontrar os meios de estabelecer uma ligação orgânica com o movimento popular, de se automobilizarem, enquanto artistas, para fortalecer, ao mesmo tempo, a frente cultural e a frente política de defesa da revolução.

Em Itália, Luigi Nono, o grande compositor contemporâneo, que é também um político activo (hoje membro do Comité Central do Partido Comunista Italiano), não abdica das suas convições estéticas **de vanguarda**, mas não abdica também de uma posição firme na primeira linha da luta política. Assim, desenvolve coerentemente a sua prática artística no âmbito de um grupo de acção cultural composto por artistas de diferentes ramos e «escolas», que escolheram trabalhar em estreita colaboração com organizações sindicais, comissões de trabalhadores, municípios socialistas-comunistas, enfim, dentro do próprio cerne do movimento popular. Trata-se de subverter a «ordem» cultural burguesa e criar condições para que o artista se assuma como **intelectual orgânico** das forças populares e progressistas que estão na vanguarda do movimento revolucionário antifascista, antimonopolista, anti-imperialista.

Tarefa semelhante se coloca, hoje, e mais imperiosamente, aos artistas progressistas portugueses: para defender a revolução, para defender a arte e a cultura, para apressar o processo que, também entre nós, há-de conduzir no fim da contradição entre **vanguarda estética e vanguarda política.**

Conselho Directivo dos Seguros

. O conselho directivo do Instituto Nacional de Seguros, parcialmente nomeado no passado dia 16 pelo ministro das Finanças, foi agora completado com a nomeação de mais dois vogais.

É a seguinte a constituição daquele conselho directivo: dr. Luís Frederico Redondo Lopes presidente; dr. Ruy Petávio Matos de Carvalho, vice-presidente; Albano Emídio Vigário Pinho, dr. Armando Francisco Silva Almeida, dr. Fernando Júlio Veloso Feijó, Henrique Rogério Rente de Brito e eng.º Homero António Abrunhosa de Brito, vogais.

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIARIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA PESSOA

«SOCIEDADE ESTORIL»

CAMINHOS DE FERRO DO CAIS DO SODRÉ A CASCAIS

SE VAI À PRAIA no **COMBOIO** da linha de Cascais, **NÃO SE SUJEITE A LONGAS DEMORAS** em bichas para comprar bilhete.

Utilize as **MÁQUINAS AUTOMÁTICAS**, práticas e **RÁPIDAS**, bastando trazer, em **MOEDAS** de 5$00, 2$50, 1$00 e $50 o **PREÇO EXACTO** do bilhete.

Os preços são:

CAIS DO SODRÉ A	PREÇOS	
	1.ª classe	2.ª classe
Santos Alcântara Belém Pedrouços Algés	7$50	5$00
C. Quebrada Caxias Paço de Arcos Santo Amaro Oeiras	11$00	7$50
Carcavelos Parede S. Pedro S. João Estoril Monte Cascais	15$00	10$00

NO REGRESSO utilize também as **MÁQUINAS AUTOMÁTICAS** existentes em quase todas as estações.

Geral

MOÇAMBIQUE

Hoje há "manif" contra o regime do "tabaqueiro" Smith

MAPUTO, 3 — (Do nosso correspondente) — Os ministros da Defesa e do Interior da República Popular de Moçambique deslocaram-se à localidade do Mapai, situada a 80 quilómetros da fronteira com a Rodésia, para averiguarem os estragos causados pelo último ataque das tropas de Ian Smith.

Entretanto, a sede provincial da Frelimo, no Maputo, emitiu anteontem um comunicado em que, depois de tecer comentários acerca das últimas agressões praticadas pelo **regime criminoso do tabaqueiro Ian Smith** convida a população a participar numa manifestação que terá lugar hoje.

Prevê-se que a delegação moçambicana que hoje se apresenta na reunião anual dos chefes de Estado da Organização de Unidade Africana apele para uma participação mais activa dos estados membros na luta comum contra a Rodésia. Espera-se a presença nesta reunião de duas dezenas de chefes de Estado, número bastante reduzido se recordarmos que, durante a conferência ministerial preparatória, se fizeram representar 47 dos 48 países membros da OUA.

Kurt Waldheim chegou anteontem ao Maputo, onde manteve conversações com Samgra Machel, tendo declarado, após desembarcar no aeroporto da cidade, que iria renovar o seu apelo **para que aqueles países que ainda não encerraram as suas fronteiras com o território do Zimbabwe, o façam.**

Entretanto, o Ministério do Trabalho da R. M. P. divulgou através das Associações Comerciais e Industriais uma circular onde se apela às empresas privadas para não recrutarem trabalhadores nos serviços públicos. Na circular lê-se que **a actividade privada colaborará melhor na reconstrução nacional promovendo a formação dos seus próprios quadros, embora com algum sacrifício temporário da sua eficiência.** A circular termina dizendo que as empresas devem ter em atenção **não ser aceitável a admissão de pessoal vindo do Estado a menos que haja prévia e expressa concordância dos serviços a que esteja ligado por qualquer título.**

De certo modo, esta situação já tinha sido referida por Samora Machel no seu discurso do aniversário da independência, particularmente no que se refere ao ensino onde se assiste a uma debandada de muitos professores que preferem ir auferir melhores salários noutras actividades em empresas privadas. Por exemplo, existem professores primários que ganham 3.500 escudos mensais enquanto continuos em bancos ou empresas privadas auferem vencimentos da ordem dos 5.000 escudos. Isto tem criado descontentamento em alguns professores que assim preferem abandonar a profissão.

DE TERÇA A SÁBADO QUE VEM

Estudantes de Letras (Lisboa) organizam uma Semana Cultural Africana

Os alunos do Seminário de Literatura Africana de Expressão Portuguesa, da Faculdade de Letras de Lisboa, organizam, a partir de terça-feira, uma Semana Cultural Africana com exposição de fotografias, pintura, artesanato, cartazes e livros africanos, paralelamente a certas sessões culturais, tudo isto aberto à generalidade do público.

Destas sessões, reveste-se de particular significado a programada para a noite de terça-feira, que incluirá um recital de poesia africana e uma parte musical com temas anticolonialistas e anti-imperialistas. «Poesia africana e canto» chamaram as alunas do seminário organizadoras da Semana a esta sessão cultural marcada para as 21 horas na Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa. **Esta sessão só se tornou possível graças à ajuda de actores, poetas e cantores que se prestaram a colaborar graciosamente connosco**, salientaram-nos Carolina Guerra e Fátima Mendonça, duas das alunas do Seminário que, por pertencerem à Comissão Organizadora, nos falaram sobre a Semana Cultural Africana.

Participam na apresentação dos poemas escolhidos o poeta José Carlos Ary dos Santos e os actores José de Castro e Fernanda Lapa. Espera-se, ainda, a possibilidade de Henriqueta Maya participar. Serão lidos poemas de Angola (Agostinho Neto, David Mestre, Viriato Cruz e António Jacinto), S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde (Ovídio Martins, Osvaldo Osório e Corsino Fortes), Guiné-Bissau (Agnelo Regala e José Carlos Schwartz) e Moçambique (José Craveirinha, Rui Knopfil, Rui Nogar, Mutimati Barnabé, Armando Guebuza, Samora Machel e Marcelino dos Santos). Conta-se com a presença do Conjunto Outubro, Roberto (cantor angolano), Fernando Tordo, José Barata Moura, José Jorge Letria e, talvez, Fausto, na parte de canto.

SEMINÁRIO DIRIGIDO POR MANUEL FERREIRA

A Semana Cultural Africana principia na terça-feira com esta sessão e com a abertura da exposição. Na quarta, dia 7, às 17 horas, no Anfiteatro 2 da Faculdade de Letras, alunos do Seminário dirigirão uma mesa-redonda, com participação pública e sobre temas de cultura africana. No dia 9, o professor Conrad-Benedikt Bann da Universidade de Ibadan, na Nigéria, proferirá uma conferência sobre «Educação no seu país», encerrando-se a Semana com a projecção do filme «Do Rovuma ao Maputo», cedido pelos Serviços Culturais da Frelimo. No entanto esta sessão fica dependente da chegada de nova cópia do filme, pois a que fora projectada no aniversário da independência foi destruída pelo rebentamento de uma bomba na sede da Associação de Amizade Portugal-U. R. S. S.

O Seminário de Literatura Africana de Expressão Portuguesa funciona há dois anos na Faculdade de Letras e é orientado pelo escritor Manuel Ferreira. Foi aliás Manuel Ferreira que deu a ideia da organização em movimento.

Este ano o Seminário tem 60 alunos, divididos por três turmas, contando-se entre eles estudantes na sua grande maioria ligados à África ou com intenções de lá se fixarem a trabalhar, além de um senegalês, uma brasileira exilada política e um nigeriano. As actividades do Seminário enquadram-se no Departamento de Literatura do Curso de Românicas onde, aliás, ficará patente a exposição até ao dia 10.

Alunas do Seminário de Literatura Africana de Expressão Portuguesa, pertencentes à organização da Semana Cultural, falam ao «D. L.». Da esquerda para a direita Carolina Guerra, Izilda Maria da Costa e Fátima Mendonça

ANGOLA

F.A.P.L.A. numa fábrica para impedirem greve

BELGRADO, 3 (ANOP) — O Governo angolano enviou tropas para uma fábrica de sacaria cujos trabalhadores entraram em greve — informa de Luanda a Tanjung.

Segundo esta agência jugoslava, a greve destina-se a reforça as reivindicações de aumentos salariais e de melhoria das condições de trabalho. Todavia, é considerada contra-revolucionária pelo Governo, uma vez que se trata da única fábrica do género no país e a greve surge numa altura em que decorre a colheita do café e do açucar.

700 000 REFUGIADOS COMEÇAM A REGRESSAR

LUANDA, 3 (ANOP) — Uma missão das Nações Unidas, conduzida por David Nicol, subsecretário-geral, encontra-se em Luanda desde o princípio desta semana, para estudar as possibilidades de assistência aos refugiados angolanos que estão a voltar ao seu país.

Calcula-se em cerca de 700 000 o número de cidadãos angolanos actualmente refugiados no Zaire, na Zâmbia e na Namíbia.

O presidente Agostinho Neto dirigiu, recentemente, um apelo a esses refugiados para que voltem.

«Nós criaremos», disse ele então, «condições para favorecer o seu repatriamento, o qual desejamos que seja o mais rápido possível».

MERCENÁRIOS ISRAELITAS TREINAM A U.N.I.T.A.

LUANDA, 3 (FP) — A Organização dos Povos do Sudoeste Africano (S.W.A.P.O.), num comunicado difundido em Luanda, acusa a África do Sul de manter mercenários israelitas na Namíbia e de treinar tropas da U.N.I.T.A. nas regiões de Ohanguena e de Omboloka, no Norte da Namíbia.

O comunicado da S.W.A.P.O. indica, ainda, que mais de cinquenta soldados sul-africanos foram mortos entre 25 de Maio e 15 de Junho, e numeroso material destruído pelo Exército Popular de Libertação da Namíbia (P.L.A.N.), durante operações levadas a cabo ao Norte do país, nomeadamente em Odibo, Oshandi e Omboloka.

Ainda segundo o comunicado, o P.L.A.N. perdeu cinco dos seus quadros durante estas operações.

A L.C.I. E AS ELEIÇÕES

"Os trabalhadores não sofreram uma derrota decisiva"

«A vitória da burguesia é apenas uma meia vitória. Fundamentalmente, os trabalhadores não sofreram uma derrota decisiva» — diz a L. C. I., numa nota do seu Comité Executivo acerca dos resultados das eleições presidenciais. Para a organização trotsquista, com a vitória de Eanes «a burguesia não pode ainda respirar fundo»: «a eleição de Eanes é feita apenas na base de 45 por cento do eleitorado português, o que significa que mais de 50 por cento desse mesmo eleitorado, e na sua maioria os trabalhadores, não dão um voto de confiança a Eanes, ao seu programa e à sua política burguesa»; «depois porque, mesmo considerando os 60 por cento dos votos «validamente expressos», a vitória de Eanes não foi uma vitória esmagadora, tendo em conta o apoio eleitoral do conjunto dos três partidos que o apoiavam e que, à partida, deveriam representar 75 por cento do eleitorado».

UMA PROFUNDA DESORIENTAÇÃO

Para a L. C. I., «os resultados das eleições presidenciais reflecte também a divisão e a profunda desorientação existente em largas camadas de trabalhadores». A organização reporta-se à inexistência, para os trabalhadores, de «um candidato seu, uma candidatura operária, apoiada sobretudo pelos partidos operários maioritários, o P. S. e o P. C. P, e em que a esmagadora maioria dos trabalhadores pudesse confiar para enfrentar e derrotar Eanes». E inculpa as direcções do P. S. e do P. C. P.: «A direcção do P. S. preferiu colar-se a um candidato burguês apoiado e impulsionado pelos partidos de direita, cujo programa era claramente o programa do P. P. D.» — diz a L. C. I. «A direcção do P. C. P., em resultado da sua política de alianças com os militares burgueses do C. R., recusou-se sempre a apresentar uma candidatura de independência dos trabalhadores contra as candidaturas burguesas de Eanes e Azevedo.»

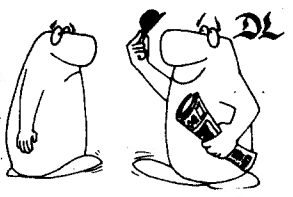
O PONTO DE CONVERGÊNCIA

A L.C.I. reconheceu que a «candidatura de Otelo foi, sem dúvida, a que mais entusiasmo provocou no seio dos trabalhadores» e «a que mais os mobilizou para o seu apoio»: «pôde, por isso, ser o ponto de convergência de duas correntes fundamentais que atravessam o conjunto dos trabalhadores». E a organização diz quais são essas duas correntes: «aqueles que, votando em Otelo o fizeram votando «útil», ou seja, porque alimentava ilusões quanto à possibilidade de Otelo vir a ser eleito, o que foi enormemente estimulado pela campanha triunfalista de Otelo e das organizações que o apoiaram»; e «aqueles que, votando em Otelo, o fizeram porque afirmavam desse modo a sua vontade de lutar contra Eanes e pela defesa dos seus direitos e conquistas».

UM GOVERNO P. S.-P. C. P.

No final do seu texto, a organização trotsquista preconiza «a unidade dos trabalhadores» independentemente da sua filiação partidária, lembra a «maioria de esquerda» existente na Assembleia da República e aponta para a necessidade de «um governo do P. S. e do P. C. P.» — «sem pactos nem compromissos com a burguesia, o seu presidente, os seus generais». Esse governo, diz o texto, deve pôr em aplicação «um plano de luta dos trabalhadores de resposta à crise capitalista, definido por um Congresso Democrático de Sindicatos».

AMORTECEDORES
Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A (Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B (A Benfica)



PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES

da Grande Lisboa

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os professores do Ensino Médio e Superior do Sindicato dos Professores da Zona da Grande Lisboa para uma assembleia plenária no dia 5 de Julho, segunda-feira, às 21,30 horas na sede do Sindicato, Rua das Gaivotas, 6 com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Aprovação do Caderno Reivindicativo
2 — Articulação com outras zonas

O Secretariado do Sector

Nacional

Novos acordos Portugal-C.E.E.

As negociações que decorreram ultimamente entre uma delegação portuguesa e a Comunidade Económica Europeia chegaram ao fim, havendo-se alcançado os objectivos que as autoridades portuguesas se propunham atingir, e que eram: por um lado, a melhoria de certas concessões já feitas pela CEE a Portugal no âmbito comercial do acordo de 1972; e, por outro lado, o alargamento do actual acordo a domínios que por ele não estavam cobertos.

Os resultados destas negociações foram consignados num protocolo adicional ao acordo de 1972, num protocolo financeiro entre Portugal e a CEE e em declarações e trocas de cartas anexas, textos que já foram rubricados e que virão a ser assinados por membros do Governo português e por ministros dos países membros da CEE em fins do mês em curso.

O acordo de Portugal com a CEE deixará assim de se aplicar unicamente ao domínio comercial, passando a abranger a cooperação no domínio da mão-de-obra e da segurança social, a cooperação industrial e tecnológica e a cooperação no domínio financeiro.

A entrada em vigor dos protocolos concluídos em Bruxelas far-se-á após haverem sido finalizados pelo nosso país e pelos Estados membros da CEE os necessários processos de ratificação.

Entretanto, e a fim de poderem ser postos antecipadamente em execução os resultados obtidos no domínio comercial está já a ser elaborado um acordo intercalar, o qual se espera possa entrar em vigor em 1 de Outubro próximo.

Quanto aos resultados obtidos no domínio comercial eles consistem quer em concessões da CEE a favor de certos produtos agrícolas e industriais da exportação portuguesa, quer no reforço da protecção à indústria portuguesa contra a concorrência das mercadorias importadas da CEE.

As concessões da CEE relativas a produtos agrícolas incidem sobre certos preparados e conservas de peixe, certos produtos hortícolas e vinhos do Porto, da Madeira e Moscatel de Setúbal.

As concessões da CEE relativas a produtos industriais ionsistem numa redução antecipada de direitos, na abertura de contingentes pautais com direito nulo para certos produtos do sector do papel e num arranho, válido para o ano em curso, aplicável a certos produtos da indústria têxtil e ao vestuário.

Em relação a todos os peodutos portugueses das indústrias têxtil e do vestuário actualmente submetidos ao regime de máximos de exportação permitida, a CEE aumentou de 10 por cento (e não de 5 por cento como previsto no acordo de 1972) o montante dos máximos para o ano de 1976. Por outro lado, o nosso país comprometeu-se, durante o ano de 1976, a tomar todas as medidas necessárias para que as suas exportações com destino ao mercado do Reino Unido de alguns produtos têxteis e de vestuário não ultrapassem determinados níveis, de acordo com o que fora exigido pela Grã-Bretanha. As autoridades portuguesas e as britânicas chegaram a acordo quanto à necessidade de prosseguirem as consultas e os acordos neste âmbito.

No capítulo do reforço da protecção à indústria portuguesa, Portugal obteve ainda três concessões significativas da CEE: a possibilidade de restabelecer ou aumentar os direitos de importação sobre alguns produtos que já se encontravam livres de direitos; o prolongamento do período de desmantalamento pautal para alguns produtos, o qual só se completará em 1 de Janeiro de 1985, em lugar de 1 de Janeiro de 1980; e a possibilidade de invocação por parte de Portugal da cláusula de indústrias novas para além da percentagem de 10 por cento das importações portuguesas, em 1970, originárias dos nove países membros da CEE.

Souto Cruz nos Estados Unidos

A convite do chefe do Estado-Maior da Armada norte-americana partiu hoje para os Estados Unidos o vice-almirante Souto Cruz que assistirá às comemorações do bicentenário daquele país e tomará parte em conversações com vista ao reapetrechamento da Armada portuguesa no âmbito dos acordos do Atlântico Norte.

O vice-almirante Souto Cruz entregará também, em nome do Presidente da República, a Grã-Cruz do Infante ao cardeal de Boston, D. Humberto de Medeiros, natural dos Açores.

No regresso dos Estados Unidos Souto Cruz deslocar-se-á a Londres onde efectuará conversações com altas individualidades britânicas.

INATEL

TURISMO SOCIAL

O INATEL informa que os trabalhadores e seus familiares, que o desejarem, poderão participar nas seguintes excursões:

NAZARÉ e S. PEDRO DE MOEL — 25 de Junho
SALINAS e GRUTAS — 15 de Agosto
NAZARÉ e FOZ DO ARELHO — 22 de Agosto
CHECOSLOVÁQUIA e HUNGRIA — 17 a 26 de Agosto
ITÁLIA — 5 a 15 de Setembro
MADEIRA — 11 a 18 e 18 a 25 de Julho, 15 a 22 de Agosto e 5 a 12 Setembro

Para efeitos de inscrições ou informações, os interessados devem contactar, com a maior brevidade, os serviços de Turismo Social do INATEL — Calçada de Santana, 180, ou pelo telefone 53 88 71.

SURDEZ

Recupere a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSOM — Organização especializada em prótese auditiva.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.
PORTO: Praça da Batalha 3-4 — **FARO**: Rua Ivens, 24-26

Nacional

EM MONTE REDONDO

População perde a paciência e levanta a linha férrea

ÀS 10 horas da manhã de ontem, a paciência do povo de Monte Redondo, concelho de Leiria, esgotou-se. «Armados» com uma máquina escavadora do tipo «Caterpillar», os habitantes da zona levantaram 60 metros de linha férrea, na sequência de mais um acidente numa passagem de nível sem guarda. Desta vez, a automotora 4021, procedente de Lisboa e com destino a Alfarelos, que se deslocava pela linha do Oeste, colheu e destruiu parcialmente a camioneta conduzida por António Cereijo Bastos, 24 anos, casado, que na altura atrevessava cautalosamente, mas sem visibilidade, a linha férrea. Enquanto o povo de Monte Redondo, ajudado por moradores de Montijos e Aroeiro se vingava da indiferenca da C.P. aos insistentes avisos e apelos já feitos, a vítima seguia para o hospital de Leiria, transportado numa ambulância dos bombeiros voluntários desta cidade.

A velha aspiração da população de Monte Redondo, a colocação de um guarda ou de qualquer sinalização na referida passagem de nível, situada numa curva bastante larga e com a visibilidade prejudicada pelo arvoredo, nunca foi atendida. Somente a precaução com que é transposta fez com que os vários acidentes que lá se registaram até hoje, regra geral, tenham apresentado como saldo apenas danos materiais. O último pedido foi feito no passado dia 11 de Março, através de um contacto entre a Comissão de Moradores e a C.P. Também a Junta de Freguesia já havia solicitado a transferência de um guarda que trabalha numa outra passagem de nível, a 100 metros do local, mas que é pouco utilizada e tem melhor visibilidade. Entretanto, todas as tentativas foram infrutíferas.

Curiosamente, a população local acusa a fatídica passagem de nível de ser ainda uma fonte de renda para a C.P., pois apesar dos alegados prejuízos da linha do Oeste, todos os acidentes que ali se têm verificado, rendem indemnizações «por prejuízos causados às automotoras».

Após a remoção dos carris,, a população contactou técnicos responsáveis da C.P. Esta manhã, por volta das 7 horas, sob a protecção da G.N.R., que nesses casos aparece, começaram os trabalhos de reposição da via, esperando-se que até ao meio-dia a situação esteja normalizada. Apesar da disposição do povo só abandonar o local depois de a CP tomar providências quanto à segurança da passagem de nível — um telefone ou um guarda — a C.P. diz que só negociará depois de recomeçar o tráfego na linha.

Enquanto não há carris para os comboios, os que vêm de Lisboa têm ficado retidos em Leiria, e os procedentes do Norte permanecem na estação da Guia. A C.P. não colocou camionetas à disposição dos passageiros e os que não podem esperar estão a safar-se pelos chamados «meios próprios».

Maria Armanda Falcão (Vera Lagoa) fotografada no banco dos réus

COM A PENA SUSPENSA

Vera Lagoa condenada a três meses de prisão

. «Isto é uma barraca. Está tudo sentado no banco dos réus» — assim falou ontem Vera Lagoa momentos antes de ser lida a sentença. De facto a sala estava a abarrotar. Uma olhadela para o banco dos réus. «É...?» — alguém pergunta. «É, é». Quem estava mesmo no meio do banco dos réus era Miguel de Araújo, braço direito de Ramiro Valadão na RTP e saneado depois do 25 de Abril. Também ali estava sentado José Vacondeus, director do semanário «O País». Respirava-se um ambiente de confiança.

O advogado de defesa dr. Proença de Carvalho, director do «Jornal Novo» ainda não tinha chegado. Mas a maioria das pessoas lembrava-se do «repto» lançado por ele ao juiz na parte da manhã: «V. Ex.ª poderia condenar Vera Lagoa, mas a justiça que condenasse Vera Lagoa estaria condenada por este País inteiro».

Entra o juiz, dr. Carlos da Silva Caldas. Vera Lagoa olha para a porta. É que o seu patrono de defesa ainda não tinha chegado. De manhã, já lhe tinha faltado o tenente-coronel Casanova Ferreira e o major Jaime Neves. Mas eis que surge o dr. Proença de Carvalho. Sorridente.

O juiz começa a ler a sentença. Apesar de algumas atenuantes, a linguagem do artigo era objectiva, injuriosa para a pessoa do Presidente da República, que está protegido por um mecanismo jurídico especial. Isto não o isenta de todas as críticas, não deixou de recordar o juiz.

Vera Lagoa e Proença de Carvalho trocam olhares. Miguel de Araújo deita duas fumaças do cachimbo. Aquilo não estava a caminhar bem.

O juiz condena a ré,Maria Armanda Falcão, 58 anos (pseudónimo: Vera Lagoa) em três meses de prisão, igual tempo de multa diária de cem escudos e dois mil escudos de imposto de justiça. A pena foi suspensa por dois anos. O dr. Proença de Carvalho pede, então, para interpor recurso. Visivelmente excitado. Eleva o tom de voz: Considera que acabava de se cometer «um grave erro judiciário e um histórico atentado à liberdade de Imprensa em Portugal e que ignora, jactantemente, todo um período que marcou a história dos nossos dias e parece estar já esquecido por muitos, o gonçalvismo». O juiz olha para o tecto. O «gonçalvismo» esteve sempre presente nas intervenções do director do jornal da C. I. P. (Confederação dos Industriais Portugueses). A certa altura, o juíz pede-lhe para falar mais baixo. Foi o fim. O dr. Proença de Carvalho descontrola-se. E grita. Bom, mas lá acaba por interpor o recurso.

O juiz abandona a sala. Os repórteres fotográficos disparam enquanto o dr. Proença de Carvalho compõe um sorriso. Vera Lagoa é cumprimentada.

Cá fora alguns elementos da assistência aguardam a saída de Vera Lagoa. Um deles grita contra a União Soviética, a Ucrânia (porquê a Ucrânia?). Ouvimos, então, com mais um colega nosso, o desabafo de Miguel Araújo para Vera Lagoa, quando atravessava o «seu» público». «Este é dos nossos. Este é dos bons». E lá seguiu de braço dado com Vera Lagoa.

F. M

Nota do P.C.P. denuncia

Escandalosa utilização da Imprensa para propaganda fascista

. «Está-se tornando cada vez mais frequente e escandalosa a utilização da Imprensa portuguesa pela propaganda fascista para lançar as mais ignóbeis difamações e calúnias contra democratas e antifascistas que deram uma contribuição inestimável à conquista da liberdade e instauração do regime democrático e que são credores do respeito do povo português» — lê-se numa nota da S. I. P. do P. C. P. em que se comenta a contínua agressão da Imprensa reaccionária que prolifera no País.

Aludindo às «proporções de grande provocação organizada» que caracterizam as campanhas da Imprensa fascistas e que «constituem um autentico crime contra a liberdade», a nota da S. I. P. conclui:

. «Não se pode tolerar que os agentes fascistas continuem a desprestigiar e degradar a liberdade de Imprensa, servindo-se dela para violar direitos fundamentais consagrados na Constituição, designadamente o direito ao bom nome e integridade moral dos cidadãos.

«Não se pode aceitar que a complacência dos tribunais e de autoridades responsáveis permita aos serventuários fascistas utilizar impunemente a Imprensa para lançar campanhas de provocação e diversão ideológica e para darem cobertura às actividades terroristas do fascismo.

«O P. C. P. entende que se impõem medidas urgentes contra tal situação.

«As calúnias lançadas pelo jornal «A Rua» e outros órgãos do fascismo não atingem apenas o P. C. P. São uma indignidade inadmissível contra a democracia portuguesa.

«O P. C. P. considera que é imperioso fazer aplicar com rigor o disposto na Constituição e nas leis, de forma a não permitir a utilização da mentira, da calúnia, da intriga e da difamação como arma política contra a liberdade, a coberto das liberdades conquistadas pelo povo português».

Sá Carneiro na Madeira estuda Governo regional

. Parte hoje para o Funchal o dr Sá Carneiro, secretaprio-geral do Partido Popular wdemocrático, que na Madeira tratará de problemas relacionados com o próximo Governo regional a constituir pelo P. P. D. que ali ganhou as eleições

Entretanto, o Secretariado Nacional do P. P. D. tornou público um comunicado em que salienta que a escolha das populaçoes madeirenses e açorianas foi por «um projecto de verdadeira autonomia» e que marca «uma viragem decisiva contra o centralismo de Lisboa, agravado depois do 25 de Abril».

Reportando-se ao mandato recebido do povo, o P. P. D. afirma que vai realizar nas ilhas uma esperiência e governo social-democrata, «primeiro passo da social-democracia portuguesa, servindo como exemplo e testemunho da viabilidade deste caminho para o caso português.

A terminar o comunicado do P. P. D. refere as afirmações do P. S. sobre as eleições nas ilhas em que este afirma que os resultados foram «obtidos sob o signo da santa aliança conservadora e terrorista contra a esquerda, representada nos dois arquipélagos pelo P. S.».

O P. P. D. condena os termos desta posição do Partido Socialista, aproveitando para fazer votos no sentido de «o futuro Governo central não venha a impedir os Governos regionais de pôr em prática uma experiência que as populações insulares livremente escolheram, optando em massa pela social-democracia».

Dia da Força Aérea

Com início às 11 horas, realizam-se amanhã, na Base Aérea de Sintra, as comemorações do Dia da Força Aérea. Do festival que contará com a colaboração da Força Aérea Francesa, farão parte, entre outros números, lançamento de pára-quedistas, manobras acrobáticas, passeios de avião para o público inexperiente da sensação de voar e ainda demonstração de helicópteros.

A Força Aérea tem à disposição do público que desejar assistir às comemorações, autocarros que farão o trajecto B. A. 1-Sintra.

ACÇÃO MÉDICO-SOCIAL

Caixa C. U. F. — Caixa de Setúbal

MÉDICOS

Precisam-se para prestar serviço na área de Sines.

Garante-se

— **Ocupação a tempo inteiro**
— **Vencimento correspondente**
— **Regalias dos beneficiários da Previdência.**

Os interessados podem obter informações directamente em qualquer das Caixas ou pelos telefones 28 041/2/3/4 e 28 045, Setúbal — 65 80 31, Lisboa.

As Comissões Administrativas

RIO DE JANEIRO

7.º CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA FÍSICA E REABILITAÇÃO

DE :
1 a 6 de AGOSTO

Duração da viagem: **16 DIAS.** Possibilidade de visitar as seguintes cidades: **BRASÍLIA — BELO HORIZONTE — SALVADOR (Baía) e RECIFE**

PREÇO POR PESSOA : 25.950$00

Inscrições limitadas.

ORGANIZAÇÃO E VENDAS
abreu
fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Trabalho

Ex-militares denunciam situações de injustiça

. «Os ex-militares desempregados representam cerca de 40 por cento do total de pessoas sem emprego neste país», afirmaram em conferência de Imprensa, no Porto, os elementos de vários distritos do Norte da Associação dos Ex-Militares Desempregados. Referindo que as suas idades se situam por volta dos 27 e 28 anos, acrescentaram ser vítimas de uma série de discriminações que os governantes reconhecem mas a que não dão resposta. Entre outras, salientaram a de não serem considerados desempregados nem trabalhadores, ao mesmo tempo que não podem frequentar aulas nos cursos diurnos por causa da idade nem nos nocturnos porque não são trabalhadores. A denúncia destas anomalias tem sido feita em diversos ministérios, onde têm andado de um lado para o outro sem obter solução nenhuma.

Um dos elementos da Associação esclareceu por que se denominam «ex-militares» e não apenas «desempregados» afirmando: «É assim porque a tropa alterou profundamente a nossa vida, foi o serviço militar o culpado da situação em que nos encontramos, pois ele acarretou perda de empregos ou impossibilidade de os ter conseguido.»

. Foram igualmente apontadas situações de discriminação face a retornados e outras pessoas sem emprego. Assim os ex-militares reivindicam acima de tudo o direito ao trabalho, que consideram objectivo fundamental da sua luta. E reivindicam, ainda, o estatuto de desempregados tal como o de trabalhador-estudante. O reconhecimento desse estatuto daria aos ex-militares direitos e regalias sociais, nomeadamente assistência médica, cuja falta tem criado situações aflitivas, a milhares de pessoas nestas circunstâncias.

Referido também, um recente assalto à sede da Associação, em Braga, onde foram roubadas todas as fichas de inscrição. Sobre isto disseram que, embora sem provas concretas, tudo leva a crer que tenha sido obra de organização terrorista de direita interessada nos ficheiros onde constavam as especialidades militares dos inscritos. Aliás, o aliciamento de ex-militares por organizações desse tipo, disseram, tem sido uma constante no Norte desde há muito.

Criada Comissão Instaladora do Cachão

. O Conselho de Ministros determinou a criação da Comissão Instadadora da nova empresa pública do Cachão cuja actividade principal será a transformação industrial de produtos agro-pecuários e a exploração do conjunto de unidades fabris do «complexo do Cachão».

O despacho ontem publicado no «Diário da República» atribui à Comissão Instaladora a competência para a elaboração do projecto dos estatutos da empresa, com a obrigação de aí ficar estabelecida a possibilidade de integrar os interesses regionais (autarquias, cooperativas, uniões, etc.) e «preparar as medidas necessárias ao seu correcto dimensionamento de funcionamento».

Mais atribuições da Comissão Instaladora da Empresa Pública do Cachão: promover os estudos necessários à integração na nova empresa das actividades até agora desenvolvidas pelo «complexo» no âmbito da cooperativa Ribatua; transformação do núcleo de mecanização de Macedo de Cavaleiros numa sociedade cooperativa autónoma em termos a definir pelo M.A.P.

Na resolução ontem publicada autoriza-se um aval do Estado a créditos adicionais de 35 mil contos, «indispensáveis para assegurar o funcionamento do complexo do Cachão até 15 de Setembro próximo».

DOCUMENTO SINDICAL REVELA

C.A. dos supermercados integrados favorece recuperação capitalista

. O Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal e os delegados sindicais dos Supermercados Pão de Açúcar, A.C. Santos, Nutripol e Boa Ajuda Modelar, depois de considerarem que a actuação da actual Comissão Administrativa daquela cadeia de Supermercados não é a que mais favorece os interesses dos trabalhadores, e atentos ao facto de, pelo Dec.-Lei 422/76, o Governo findar a sua intervenção nas empresas ao fim de 18 meses (Outubro próximo), posto o que «terá de ser aplicada uma solução definitiva», decidiram tornar público um documento no qual poem à discussão dos trabalhadores «as causas e os porquês do que nos vai acontecendo diariamente».

Justificam a sua iniciativa «considerando que é fundamental que estejamos conscientes e atentos à forma como vão sendo — ou não sendo — resolvidos os problemas que põem em causa a segurança dos nossos postos de trabalho».

O documento começa por recordar os objectivos que determinaram as tomadas de posição dos trabalhadores durante um longo processo de luta desencadeado logo após o 25 de Abril: tornar os supermercados num instrumento de regularização do abastecimento e preços; estabelecer contactos para estreita cooperação com outros supermercados em vias de nacionalização; comprar directamente aos produtores, eliminando intermediários; dar preferência à produção nacional; estabelecer relações de cooperação com as comissões de moradores; estruturar uma forte organização dos trabalhadores nas empresas, a partir de cada local de trabalho.

Caracterizando, seguidamente, a situação política actual como marcada pela «tentativa generalizada do capital para recuperar aquilo que os trabalhadores conquistaram», o documento passa a considerar que, dada a importância das empresas em causa, «seria grave ingenuidade pensar que elas escapariam a esses planos de recuperação capitalista».

Determinadas condições que predisporiam a essa recuperação estariam a ser criadas já pela comissão administrativa, a qual, «quando aborda os diversos problemas, assume dois aspectos bem demarcados; por um lado, responsabiliza os trabalhadores por quase tudo o que de mau existe nas empresas; por outro, revela uma mal disfarçada defesa da necessidade de uma hierarquia repressiva, como forma de por as coisas «na ordem» (do ponto de vista dos interesses do capital, claro)».

Segundo o documento do Sindicato de Setúbal e dos delegados sindicais, a actuação da CA reflecte «uma preocupação de sobrestimar as responsabilidades dos trabalhadores, para depois os fazer pagar, por inteiro, o preço da recuperação económica das empresas». Paralelamente, a mesma CA «aponta que os custos duplicaram, especialmente os encargos com os trabalhadores», enquanto aumenta os seus próprios ordenados e os dos chefes de serviço; «não hesita em afirmar que as decisões tomadas pelos trabalhadores em Abril são ilegais»; «procede à divisão do cálculo em dois serviços, um relativo às 19 lojas da SUPA e outro relativo às lojas das outras cadeias, significando um dos primeiros indícios da desarticulação da integração praticada»; tenta desmotivar os trabalhadores da sua luta», sugerindo-lhes que aguardem a definição de controlo de gestão por parte do Governo e, finalmente, começa a promover processos disciplinares. Quanto a estes, o documento sindical não deixa de comentar: «Esta modalidade, também hoje profusamente utilizada a outros níveis, representa um sério aviso a todos os trabalhadores.

«POR QUE É QUE A CA AGE ASSIM?»

Depois de lembrar que a crença ingénua em que a recuperação capitalista não afectaria os trabalhadores, «como nos querem fazer crer os lacaios do capital» mas que, ao contrário, tal recuperação implicaria, num futuro próximo, o aumento do leque salarial, a limitação da liberdade de organização dos trabalhadores, a exploração desenfreada da força do trabalho e por fim, o recurso ao despedimento, o documento sindical afirma que «a comissão administrativa, colocando de lado as grandes questões, ou aflorando-as superficialmente, nada mais faz do que lançar poeira nos olhos dos trabalhadores».

Entre esses problemas de fundo, o documento avança, fundamentalmente, com a insuficiência de meios próprios. Refere depois «a incobrança de dívidas dos brasileiros (antigos patrões) e das empresas criadas para seu interesse (60 mil contos) e a imobilização (sem qualquer exploração) de avultados investimentos em Vila Nova de Gaia e em terrenos e instalações (120 mil contos). Criticando a seguir vivamente, certas fórmulas de gestão que a CA tem vindo a desenvolver, o Sindicato de Setúbal, no texto elaborado em conjunto com os delegados sindicais, pergunta: «Perante tanta inoperância, melhor dizendo, sigilo, na abordagem e na prática em relação às questões fundamentais, pode-se pôr a questão: Por que é que a CA age assim?»

. A resposta vem de imediato: «Sabemos que quem dá as orientações para os Supermercados, ou tem de as aprovar, é o Ministério do Comércio Interno. Portanto já temos uma primeira resposta: a CA age assim, porque é esss a orientação do Ministério. É assim que assistimos ao «empastelar dos problemas fundamengais destas empresas. É assim que assistimos ao «embalar» dos trabalhadores para melhor os dividir. Se ainda restassem dúvidas em alguns trabalhadores menos atentos, bastaria recordar a política de recuperação capitalista daquele Ministério para se perceber que anda o «dedo» de Magalhães Mota e dos seus correligionários em tudo o que tem sucedido ultimamente nos supermercados».

Na sequência dos factos apontados, o documento sindical, após denúncias os avanços da direita ultimamente registados no País, afirma que o objectivo das forças direitistas «hoje, tal como o temos vindo a enunciar, não é mais do que fazer o tempo andar para trás, explorando ao máximo as nossas divergências superficiais e procurando esquecer que os trabalhadores têm os mesmos interesses básicos».

CAIXA DE PREVIDÊNCIA DO PESSOAL DA C. U. F. E EMPRESAS ASSOCIADAS

ADMITE-SE

Para o Posto Clínico do Barreiro
BARREIRO

Enfermeira de 3.ª classe, em regime de efectividade.

Enfermeiro de 3.ª classe, em regime de efectividade.

Para o Posto Clínico Central
Av. 24 de Julho, 120 a 122 — Lisboa

Enfermeiros de 3.ª classe, em regime de substituições.

Os interessados devem dirigir-se ao Serviço de Pessoal ou ao Serviço de Superintendência de Enfermagem, na Rua D. Francisco Manuel de Melo, n.º 3 — Lisboa, onde lhes serão prestadas todas as informações.

SINDICATO DOS PROFESSORES
da Grande Lisboa
CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os professores colocados pela Direcção-Geral do Ensino Permanente no ano lectivo de 1974/75, para uma reunião a realizar na sede do Sindicato, Rua das Gaivotas, 6, pelas 21.30 horas do dia 5 de Julho, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1 — **Pagamento do vencimento referente aos meses de Agosto e Setembro de 1975.**

Assina: O SECRETARIADO-GERAL DO SECTOR

PREÇO DO CIMENTO
COMUNICADO

As empresas produtoras de cimento, CIMPOR e SECIL, vêm por este meio informar sobre os novos preços de cimento, estabelecidos por resolução do Conselho de Ministros tendo em atenção os seguintes aspectos:

— Eliminação do subsídio concedido à indústria, pelo Fundo de Abastecimento, para compensar o aumento do preço do combustível.

— Incorporação dos encargos suplementares resultantes do recente aumento do custo da energia eléctrica.

— Compensação parcial das despesas de transporte das fábricas, para o Porto, Lisboa e Ilhas Adjacentes.

Face ao exposto, os novos preços a praticar a partir de hoje são os seguintes:

CIMENTO PORTLAND NORMAL, A GRANEL:

À porta das fábricas — 870$00 por tonelada.
No Porto, em Lisboa e Ilhas Adjacentes (cais e entrepostos) — 930$00 por tonelada.

CIMENTO ENSACADO (Sacos de 3 folhas):

Os preços anteriores acrescidos de 50$00 por tonelada.

Lisboa, 1 de Julho de 1976

CIMPOR SECIL

Trabalho

Amplo movimento de solidariedade em torno da Intersindical

«Caso as autoridades não actuem na defesa da segurança e tranquilidade das populações, estes órgãos representativos farão apelo aos trabalhadores que representam para que estes tomem medidas de luta contra o terrorismo, contra o crime», advertem os delegados sindicais e comissão de trabalhadores da Setenave na moção aprovada contra o ataque bombista à Intersindical.

Este acto de terrorismo levou a que ontem os trabalhadores paralisassem das 11 às 11 e 30, tendo realizado plenários durante a paralisação, nos quais se fez a análise da situação política. Assim se deu cumprimento à decisão anteriormente aprovada em plenário de dirigentes sindicais em que foi também tomada a decisão de se intensificar a unidade dos trabalhadores e de se proceder a um amplo esclarecimento nas fábricas, oficinas, empresas e nos campos.

Na empresa Sorefame foi total a paralisação, tendo os trabalhadores aprovado uma moção em que protestam contra a «incúria e passividade das autoridades perante a já demasiado longa lista de atentados à bomba e outras formas de terrorismo e banditismo desencadeadas pelos bandoleiros e desordeiros fascistas pagos pelos agrários e grandes monopólios nacionais e internacionais, e alimentados politicamente pelos partidos reaccionários e pela imprensa da direita».

Nas empresas Cuf do Barreiro, a adesão dos trabalhadores foi superior a 90 por cento, segundo revelou à Anop um elemento da comissão de unidade dos trabalhadores da CUF, tendo os trabalhadores aprovado uma moção de protesto.

Também a Carris aderiu inteiramente à paralisação. «No entanto — declarou à Anop um dirigente sindical da empresa, «os trabalhadores que conduzem os transportes colectivos de Lisboa, cientes de que ervem os trabalhadores pertencentes as classes mais desfavorecidas, não pararam a circulação de veículos, embora estejam solidários com os camaradas portugueses que paralisaram».

Por seu lado, as direcções sindicais do Porto aprovaram uma moção em que situam o atentado à Central Única dos Trabalhadores na sequência da escalada de agressões terroristas com que o grande capital procura intimidar e desorganizar os trabalhadores e exigem das autoridades «as medidas que vêm tardando».

Aprovaram também moções de repúdio pelo ataque bombista à Intersindical, exigindo das autoridades acção imediata contra o terrorismo, os trabalhadores dos seguintes locais de trabalho e organizações sindicais: Seicla, Fábrica Militar de Braço de Prata, secção do Montijo do Sindicato dos Corticeiros dos Distritos de Setúbal; Mague Unidade 2, de Setúbal; secretariado da assembleia popular do concelho de Vila Franca de Xira; comissão unitária de trabalhadores da Standard Eléctrica; Sindicatos da Panificação, Metalúrgicos, Hotelaria, Construção Civil, Escritórios, Têxteis, Calçado e Malas, de Braga; Cerâmicos, Construção Civil e Têxteis, de Barcelos; Metalúrgicos, de Famalicão; Construção Civil e Têxteis, de Guimarães; Serrações, de Barcelos; Têxteis de Deláes e Fafe; Sindicatos dos Metalúrgicos Construção Civil, Escritório e Comércio, Cerâmica, Rodoviários, Têxteis e União dos Sindicatos de Viana do Castelo; trabalhadores do Crédito Predial Português; trabalhadoresda Argibay; trabalhadores da Construtora Moderna; trabalhadores do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa; trabalhadores da Heska Portuguesa, Trabalhadores da Trefilaria, da Utic, e das fábricas de condutores eléctricos Diogo d'Ávila.

EM SINES

Despedimentos param trabalho

. . Como forma de protesto contra o despedimento dos membros da comissão de trabalhadores e dos delegados sindicais da firma Tomás de Oliveira, cerca de 70 por cento dos trabalhadores do complexo de Sines paralisaram as suas actividades, ontem, das 15 às 16 horas. Esta foi a primeira etapa de um processo de luta que poderá levar à greve total na próxima terça-feira, se, até lá, as entidades competentes não derem solução ao problema, problema que se adensa na medida em que vão pairando novas ameaças de despedimento na mesma empresa. O calendário da luta envolve, como segunda etapa, a paralisação, na segunda-feira, entre as 15 e as 18 horas.

Segundo os dirigentes da união sindical local, os trabalhadores mantêm-se dispostos a participar em negociações que levem a uma solução rápida e satisfatória da crise aberta, reconhecendo que poderá haver eventuais aproveitamentos políticos do prejuízo que acarretaria uma greve prolongada. Entretanto, contactada ontem a Presidência da República, não foi obtida qualquer resposta por falta de informação do Ministério do Trabalho, departamento ao qual se dirigiram já os trabalhadores mais do que uma vez. Também o Conselho da Revolução se tem recusado a intervir, sob alegação de que o problema pertence ao âmbito específico dos departamentos governamentais com competência na matéria. (Entenda-se, de novo, o Ministério do Trabalho). Por outro lado, o mesmo Ministério teria comunicado expressamente aos sindicatos que não seriam aceites os despedimentos. Mas tal comunicação não produziu até agora quaisquer efeitos.

O processo de luta no complexo de Sines abrange, para lá dos trabalhadores da Tomás de Oliveira, os seus camaradas de outras empresas que ali desenvolvem actividades. Não são poucas: Empac, Areal, AC, jcondotto, A. Veiga, Luz e Alves, Metalsines, Sorefame, Construterra, Sociedade Lisbonense de Metalização, Seabra e Nascimento e Lisnave.

COM NOVO JUIZ

Caso do vidreiro vai ser julgado

. Inicialmente previsto para o passado dia 2 de Junho, mas adiada nassa altura, inicia-se na segunda-feira, no Tribunal de S.João Novo, no Porto, o julgamento do caso do militante sindical vidreiro assassinado a tiro na madrugada de 26 de Novembro último, na Rua de Santa Catarina. Conforme então noticiámos, o presumível autor do crime, Ludgero Babo de Carvalho, foi preso pela P.J. em 22 de Janeiro último.

Entretanto, os delegados sindicais da empresa vidreira onde trabalhava o sindicalista morto, emitiram um comunicado em que estranhavam ter sido escolhido para presidente do tribunal o juiz Vasco Tinoco, a quem acusavam de ter sido visto integrado num grupo que se destacou de uma manifestação em frente do Quartel General da R.M.N., em 13 de Novembro, para assaltar e destruir a sede da União dos Sindicatos do Porto. Todavia foi, entretanto, nomeado um outro juiz que presidirá a este tribunal em substituição do juiz Vasco Tinoco.

Aquele comunicado acrescentava, ainda, que «pela primeira vez vai ser julgado um dos directos responsáveis pelos crimes que têm sido cometidos» no âmbito da «vasta campanha das forças terroristas» escondidas por detrás dos partidos da direita reaccionária que tem criado um clima geral de medo e pânico no Norte do País».

A F. I. L. é comércio interno ou externo?

«O dr. Mota diz que a F. I. L.-76 foi uma feira semelhante às do passado, com alguns remendos. Diz de cor, pois não a visitou, e contradiz entre outros vários colegas do Governo que a visitaram e cujas declarações à Impresa reproduziu. Quem tem razão?» Afirmação e pergunta constam de um texto-resposta da comissão de trabalhadores à entrevista dada pelo ministro do Comércio Interno à agência Anop, no qual interrogam se lhes incumbirá a eles «fazer planos económicos nacionais ou refazer hábitos de consumo que o dr. Mota, que é ministro e deve ser responsável, diz que não há».

Justificando a orientação dada à F. I. L.-76, os trabalhadores, embora não se afirmando satisfeitos com os resultados obtidos, explicam que «entenderam — e fizeram-no — dar preferência aos produtos nacionais e bens essenciais, limitando as inscrições de produtos supérfluos e de importação». Citam a propósito o caso dos electrodomésticos, de presença muito discreta na Feira deste ano. No tocante à Nauticampo, cujo interesse teria sido contestado pelo ministro, a comissão de trabalhadores considera que o dr. Magalhães Mota se teria referido «certamente aos salões de antigamente, esquecendo-se que a Nauticampo já não é isto, pois os trabalhadores da F. I. L. entenderam conveniente transformá-la num salão de ocupação de tempos livres, onde o trabalhador português passou a encontrar soluções para uma ocupação salutar dos seus ócios, ou a juventude, e foram aos milhares os jovens, este ano, pôde reencontrar-se com o desporto».

Um certo contencioso eventualmente existente nesta matéria (F. I. L.) entre os responsáveis pelos departamentos governamentais encarregados do Comércio Interno e do Comércio Externo parece remanescer de um outro passo do texto-resposta da comissão de trabalhadores, quando é abordada uma afirmação atribuída ao dr. Magalhães Mota pela qual este remeteria para o Ministério do Comércio Externo a definição de uma orientação e de um estatuto para a Feira Internacional de Lisboa. Diz a comissão de trabalhadores: «A contradição que os trabalhadores da F. I. L. contestam é que um responsável pelo Comércio Externo afirma que a nossa actividade interessa apenas ao Comércio Interno. Entenderão dr. Mota que incumbe aos trabalhadores da F. I. L. pôr os membros do Governo de acordo entre si?»

TRANSPORTES DO PORTO

Prazo de 48 horas para recondução do Conselho de Gerência

. Durante o plenário dos trabalhadores dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto, ontem realizado, foi aprovada uma moção de repúdio pela atitude do Ministério dos Transportes em relação á demissão do Conselho de Gerência daquele serviço e exigem «a recondução imediata nos seus lugares de todos os elementos do Conselho de Gerência, para a qual dão um prazo de 48 horas, findo o qual encetarão as formas de luta que entenderem mais convenientes».

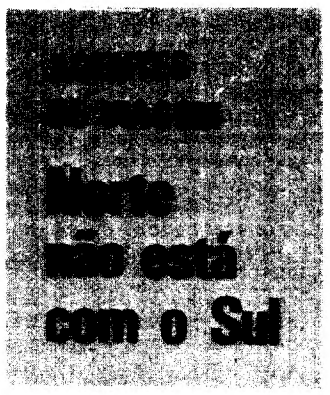
Na mesma moção, considera-se que «cabe aos trabalhadores dos S. T. C. P. o direito de se pronunciarem sobre as pessoas que devem presidir aos destinos da empresa.

Recorde-se que o conselho de gerência pediu a sua demissão anteontem devido ao Ministério dos Transportes e Comunicações não confirmar ou desmentir, por escrito, o boato posto a circular de que iriam ser substituídos em breve.

Num comunicado aprovado por mais de meia centena de sindicalistas salienta-se que «em termos de eficácia, uma empresa com a envergadura dos S. T. C. P. não se compadece com mudanças constantes dos seus dirigentes sob pena de se prejudicar seriamente o seu desenvolvimento, face á sua complexidade». No documento afirma-se que o Conselho de Gerência merece, neste momento, de uma forma geral, a confiança dos trabalhadores.

O texto, aprovado por delegados sindicais em plenário, manifesta o «mais vivo repúdio por esta atitude do Ministério dos Transportes» e exige a reintegração no prazo de 48 horas.

A disposição dos trabalhadores enveredarem por formas de luta muito severas, até que este problema seja devidamente resolvido, deverá ter em consideração a necessidade de não ser prejudicado o público dos S. T. C. P.



. . Os trabalhadores das agências de viagens do Porto, reunidos ontem em plenário na Faculdade de Letras, recusaram a proposta dos seus colegas de Lisboa, considerando não ser aquela a melhor forma de solucionar o problema criado com a publicação da portaria dos sete mil escudos.

Confirmando a decisão tomada na reunião anterior, o grupo coordenador então formado irá fornecer mais elementos às entidades oficiais, de molde a patentear os erros da portaria do Ministério das Finanças. Desta froma pensam vir a conseguir a suspensão ou reformulação da aludida portaria.

Recorde-se que os agentes de Lisboa decidiram em plenário boicotar a saída de membros do Governo e a importação de turismo.

Ourives do Norte em greve de zelo

Os dirigentes do Sindicato dos Ourives e Relojoeiros do Norte promoveram esta tarde uma conferência de Imprensa para esclarecimento da situação criada pela greve de zelo dos seus associados.

Desde que estão em greve para conseguirem do patronato a revisão das tabelas salariais, os trabalhadores reduziram a 50 por cento a sua produção. A adesão tem sido da ordem dos 80 por cento, localizando-se os trabalhadores em 10 distritos, de Castelo Branco a Bragança.

Em consequência da luta, alguns patrões despediram já trabalhadores, mas outros concordaram com as reivindicações salariais. O patronato convocou uma reunião para a próxima segunda-feira, esperando-se que seja decisiva para a resolução do conflito.

EDITAL

FRANCISCO JOSÉ DE FARIA TEIXEIRA BASTOS, PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO DO CONCELHO DE CASCAIS

FAZ SABER QUE, durante o mês de Agosto próximo, em todos os dias úteis, se encontra aberto o Cofre da Tesouraria destes Serviços Municipalizados para o pagamento da taxa de conservação de colectores, a qual poderá ser paga em duas prestações com vencimento em Agosto e em Outubro.

Não sendo paga qualquer das prestações no mês de vencimento, começarão a correr imediatamente juros de mora.

Passados 60 dias sobre o vencimento de qualquer das prestações da taxa sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar à procedimento executivo para a sua arrecadação, considerando-se vencidas, para o efeito as prestações ainda não pagas.

Para constar se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares de estilo de todas as freguesias do Concelho.

E eu, José Rodrigues Duarte, Chefe dos Serviços Administrativos, o subscrevi.

Cascais, Secretaria dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento do Concelho de Cascais, em 1 de Julho de 1976.

O Presidente do Conselho de Administração,
Francisco José de Faria Teixeira Bastos

Estrangeiro

Bicentenário dos E.U.A.

O século do recuo

Amanhã, 4 de Julho, os E.U.A. celebram o segundo centenário da sua história como nação independente. No curto espaço de dois séculos, os E.U.A. tornaram-se a maior nação do mundo, a potência mais rica da história. A expansão para os países vizinhos, primeiro, para os restantes continentes, depois, foram o ponto de chegada. Segundo tudo indica, o círculo está encerrado. A era agora tem de ser de recuo. As declarações crescentemente agressivas dos seus dirigentes, o aplauso e popularidade granjeados por um nostálgico do passado, como Ronald Reagan, de nada servem ante a necessidade objectiva e mundialmente sentida da política de desanuviamento e coexistência pacífica. Ao iniciaram o terceiro centenário da sua existência, os norte-americanos vêem chegada a hora de optar por uma nova maneira de estar no mundo. O dilema que com clareza se põe à humanidade neste ano de 1976 é este: ou o anseio milenário de paz e justiça social é satisfeito nesta terra ou a própria espécie humana fica ameaçada de liquidação. Os E.U.A. que, por todos os meios, têm lutado contra a satisfação desse anseio, terão de operar uma viragem decisiva, sob pena de se afundarem na destruição que a todos nos ameaça.

Em 1607 um grupo de britânicos estabeleceu em Jamestown (Virginia) a primeira colónia inglesa permanente no continente americano. Em fins do século XVIII já os ingleses eram o povo que mais colónias tinha no continente, depois de terem feito deslocar os franceses e os holandeses. A guerra colonial franco-inglesa, e o tratado de Paris, que lhe pôs termo, afastou o perigo de concorrência francesa para os colonos ingleses, os quais, tendo participado na luta, adquiriram um sentimento de união e comunidade de interesses.

Finda a guerra com os estrangeiros, os colonos erguem-se em luta contra a metrópole, que, por todos os meios, procurava impedir o desenvolvimento da indústria e do comércio das suas colónias americanas. A lei do imposto de selo, que agravava todas as transacções comerciais, recaindo como pesado fardo sobre os ombros da população, suscitou levantamentos em vários pontos da colónia. O governo inglês viu-se obrigado a abolir a lei do selo, mas não tardou que o Parlamento decretasse novos impostos e que mais soldados fossem enviados para a colónia rebelde.

A «tomada do chá de Boston» em Dezembro de 1773 é um episódio marcante nesta luta. Quando os comerciantes ingleses levaram a Boston um grande carregamento de chá, agravado com impostos, os habitantes da cidade atacaram o barco e atiraram o carregamento ao mar. Como represália, o governo de Londres decretou o encerramento do porto ao comércio. O congresso de Filadélfia, reunido em 1774, decidiu enviar uma petição ao rei de Inglaterra, pedindo a supressão das limitações ao comércio e à indústria e exigindo que nenhuma tributação lhes fosse aplicada sem o seu consentimento.

O rei não só recusou a petição como declarou a colónia em estado de sublevação.

As acções bélicas inevitáveis começaram em 1775. Os três milhões de colonos não dispõem de tropas regulares, dinheiro, material de guerra e de uma direcção centralizada. George Washington, rico plantador da Virgínia, é nomeado comandante em chefe do exército americano pelo Segundo Congresso. Nesta segunda reunião de Filadélfia, realizada em 4 de Julho de 1776, os 13 Estados — simbolizados nas 13 listas da bandeira — aprovam a «Declaração da Independência», redigida por Jefferson, verdadeiro manifesto da burguesia, a classe revolucionária de então. Nesta declaração anuncia-se a separação da Inglaterra, formulando-se que «todos os homens são iguais e possuem direitos inalienáveis: a vida, a liberdade e a aquisição do bem-estar».

Em 1781 o congresso dos representantes dos Estados aprovam uma constituição.

A luta pela independência só iria ficar decidida no ano seguinte. Os patriotas tinham tido terríveis obstáculos para vencer: à sua inferioridade manifesta em termos militares, somava-se a multiplicidade dos inimigos contra os quais combatiam: tropas regulares britânicas, estrangeiros, colonos fiéis à metrópole, índios aliados aos ingleses. Benjamin Franklin inicia pela Europa uma campanha a favor da causa americana. Voluntários aristocratas franceses (entre os quais o marquês de Lafayette) partem em defesa dos rebeldes. As potências absolutistas, França e Espanha, intervêm em 1778 a favor da república norte-americana com o fim de enfraquecer o seu inimigo tradicional, a Grã-Bretanha. Esta intervenção foi um factor de grande importância, e em 1781 na localidade virginiana de York os soldados ingleses depõem as armas. O reconhecimento da independência do novo Estado ficou consignado no tratado de Versalhes de 1783.

Tal como viria posteriormente a acontecer em França, também aqui se dá uma cisão clara entre os interesses dos trabalhadores e dos burgueses ricos. Daniel Shays é o líder de um movimento popular de revolta contra a burguesia dominante. A guerra arruinara muitos fazendeiros e deixara uma grande dívida pública. Os pequenos fazendeiros foram as vítimas dos impostos que o governo carecia de receber para pagar essa dívida. Unidos aos artesãos e pobres da cidade, os fazendeiros despojados, sob o comando de Daniel Shays — que participara na guerra da independência — sublevaram-se, tendo sido esmagados pelas tropas do novo Estado.

A burguesia nortenha e os donos de plantações e escravos do Sul viram-se obrigados a unir-se mais intimamente.

Uma nova Constituição é estabelecida em 1787. Anteriormente cada Estado era um corpo aparte com as suas próprias forças armadas, as suas finanças, as suas fronteiras alfandegárias. O poder central passava agora a ser fortalecido, muito embora os Estados continuassem a gozar de grande autonomia. O Poder Executivo Central era encabeçado pelo presidente, que, eleito por quatro anos, dirigia o exército e a armada, e nomeava os funcionários. George Washington foi eleito o primeiro presidente. O Parlamento americano (Congresso) é constituído por duas câmaras: a Câmara dos Representantes (Câmara Baixa) onde os Estados são representados por uma quantidade de delegados proporcional ao número dos seus habitantes, e o Senado (Câmara Alta) que conta com dois representantes por Estado.

A nova Constituição restringiu substancialmente os direitos dos trabalhadores: em quase todos os Estados o direito de sufrágio estava limitado àqueles que possuissem propriedade, terra ou capital. As mulheres não tinham direito de voto. Manteve-se a escravatura. Aos escravos e aos índios não eram concedidos quaisquer direitos cívicos. A exigência de que o eleitor vivesse determinado tempo em determinada circunscrição foi uma restrição essencial, pois privava do direito de voto grande parte da população forasteira. Sob o regime republicano de fins do século XVIII, o bloco que se encontrava no poder na América do Norte era o da burguesia industrial e comercial do Norte e dos donos das plantações e escravos do Sul. A luta no seio desse bloco rebentará em meados do século seguinte, com a guerra da Secessão.

As mulheres também combateram, como Mary Hays, conhecida por «Molly Pitcher», no campo d

Os primeiros anos do século XIX são ocupados com a conquista do Oeste, a colonização expansionista para o interior, levada a cabo sobretudo por emigrantes europeus. Colonos e companhias comerciais obtêm do Estado terras a preços mínimos fixados por lei. Os índios são exterminados à medida que os brancos avançam no Oeste. Os territórios do Noroeste e o Mississipi são colonizados igualmente. Sete novos Estados se formam no período compreendido entre 1792 a 1819. A aquisição da Luisiana termina com a presença francesa na América do Norte e permite novo e considerável alargamento do território dos EUA.

Na primeira metade do século assiste-se ao crescimento veloz da indústria fabril e antes do mais da indústria algodoeira. Também na construção da maquinaria se registaram grandes avanços. Em 1860, na indústria norte-americana trabalhavam já 1300 mil operários assalariados. A rede ferroviária alcançava o primeiro lugar do mundo com os seus 15 mil quilómetros de extensão. Enquanto camponeses europeus e doutros pontos da América emigravam para o novo Estado, muitos operários migravam para o Oeste, fugindo à exploração da indústria. A jornada de trabalho durava de 13 a 14 horas, e os operários viviam em acampamentos especiais, sujeitos a um estrito controlo. Isso não impedia, porém, que a situação dos operários europeus fosse ainda pior. Assim, a América foi um atractivo poderoso para a emigração. De 1787 até ao período da guerra civil, 5 milhões de pessoas foram para a América, e em 1914 esse número alcançava os 35 milhões.

A colonização do Oeste, ao criar um imenso mercado para a indústria acelerou o desenvolvimento do capitalismo. A partir da quinta década começam a utilizar-se máquinas ceifeiras e outras na agricultura, onde o trabalho assalariado vai aumentando velozmente.

O desenvolvimento da indústria têxtil elevou a procura do algodão. Nos Estados do Sul, de terras muito férteis e de fraca taxa de industrialização, era mais vantajoso investir nas plantações algodoeiras, que se cultivava com mão-de-obra escrava vinda de África. Estas plantações iam alastrando cada vez mais para oeste. Duas correntes de colonos afluiam assim para as novas terras: os ricos palantadores com os seus escravos, a gente humilde vinda da Europa ou fugida ao trabalho nas fábricas. Bandos armados de gente pobre, que não tinha direito para adquirir as terras (os «squatters») ocupavam as terras fiscais. O conflito que estalou no Kansas entre os operários, pequenos fazendeiros, por um lado, e os grandes plantadores, por outro, os primeiros exigindo a abolição da escravatura, os outros, querendo tornar o Kansas num Estado esclavagista, saldou-se, após uma tenaz guerra de guerrilhas, pela vitória dos esclavagistas apoiados pelo poder central. Em 1859, a luta armada estende-se à Virgínia, onde o fazendeiro John Brown tentou uma sublevação geral dos escravos, acabando por ser enforcado. O seu exemplo frutificou, porém, e seguiu-se uma série de levantamentos em vários pontos do país. Entretanto, durante a guerra no Kansas havia-se formado um novo partido, o partido Republicano, constituído pela burguesia industrial, fazendeiros e com o apoio dos operários. Os círculos avançados da burguesia — que assumiram a direcção do novo partido — eram contra a escravatura, porque o Sul escravizado quase não consumia mercadorias industriais e a posterior conservação da escravatura ameaçava o país de ficar atrasado em relação aos outros países industrializados. Este ponto de vista só não era seguido pelo sector industrial ligado aos têxteis, que receavam uma ruptura com o Sul e consequente paralisação das suas fábricas.

O partido republicano exigia a abertura de todas as terras do Oeste para serem povoadas gratuitamente pelos fazendeiros e restrições (depois a total abolição) à escravatura. Em 1855 os republicanos obtêm a maioria na Câmara dos Representantes. Em 1860 conquistam a presidência com Abraham Lincoln.

O Sul respondeu com o amotinamento. De 20 de Dezembro de 1860 a Fevereiro de 1861 cinco estados do Sul tinham-se separado da União.

Dois presidentes, duas Casas Brancas dois Congressos, dois Exércitos coabitavam agora na América do Norte. A Norte, uma indústria desenvolvida, uma densa rede ferroviária, 22 milhões de cidadãos. A Sul, uma indústria débil, 8,5 milhões de cidadãos, 3 milhões e meio de escravos. A luta só podia ser ganha para o Sul com auxílios exteriores, mas

George Washington visita os aquartelamentos de Valley Forge, no decorrer da guerra da independência

Geral

batalha de Monmouth

lutas, por meio de greves, através das quais alcançam satisfação de parte das suas reivindicações.

A expansão dos EUA para fora das suas fronteiras é exigida pela própria lógica do desenvolvimento capitalista. Os meios postos em acção para a «colonização» de outros países são, sobretudo, económicos. Recorrendo aos meios militares, sempre que necessário (contam-se até à intervenção no Camboja 157 acções militares norte-americanas no estrangeiro), os EUA baseiam a sua potência, importando a baixo preço uma grande parte das matérias-primas que consomem, e exportando a preço elevado os produtos transformados ou semitransformados que produz. Até 1918 competiu com a Grã-Bretanha no domínio do continente sul e centro-americano. O fim da Primeira Guerra Mundial eliminou as antigas potências ocidentais, transformando os EUA na primeira potência mundial. Vencida a grande depressão dos anos 30, ao chegar a Segunda Guerra, os EUA estão suficientemente recompostos para intervir no final do conflito, ao lado dos Aliados e para contribuir para a derrocada final do inimigo, ferido de morte pelas derrotas sofridas na frente russa. O final da Segunda Guerra assinala o declínio da Europa e o fim dos impérios coloniais. Um vasto «Oeste» se abre novo para os norte-americanos.

O Plano Marshall, para «ajudar» a Europa a reconstruir a sua economia e a constituição dum bloco militar ocidental colocam o Velho Continente na dependência e sob a asa tutelar dos EUA.

Quando não basta o «auxílio amigável», usam-se os grandes meios de actuação militar. A guerra da Coreia foi outra etapa de aceleração do progresso capitalista nos EUA. As jovens nações independentes da África por interposição das antigas metrópoles, são outro terreno de penetração económica dos EUA.

Século e meio depois da sua constituição, os EUA adquirem um império de novo tipo, mais vasto e poderoso que qualquer outro até hoje conhecido.

Mas uma grande ameaça paira sobre este potentado. A primeira revolução socialista foi o reverso da medalha para o capitalismo vencedor da guerra de 1914-1918. Com o final da Segunda Guerra, cria-se um bloco socialista na Europa. Nos anos de 60 a 76 assiste-se a um constante alargamento e fortalecimento do mundo socialista. Dois regimes se erguem agora frente a frente: o capitalista e o socialista.

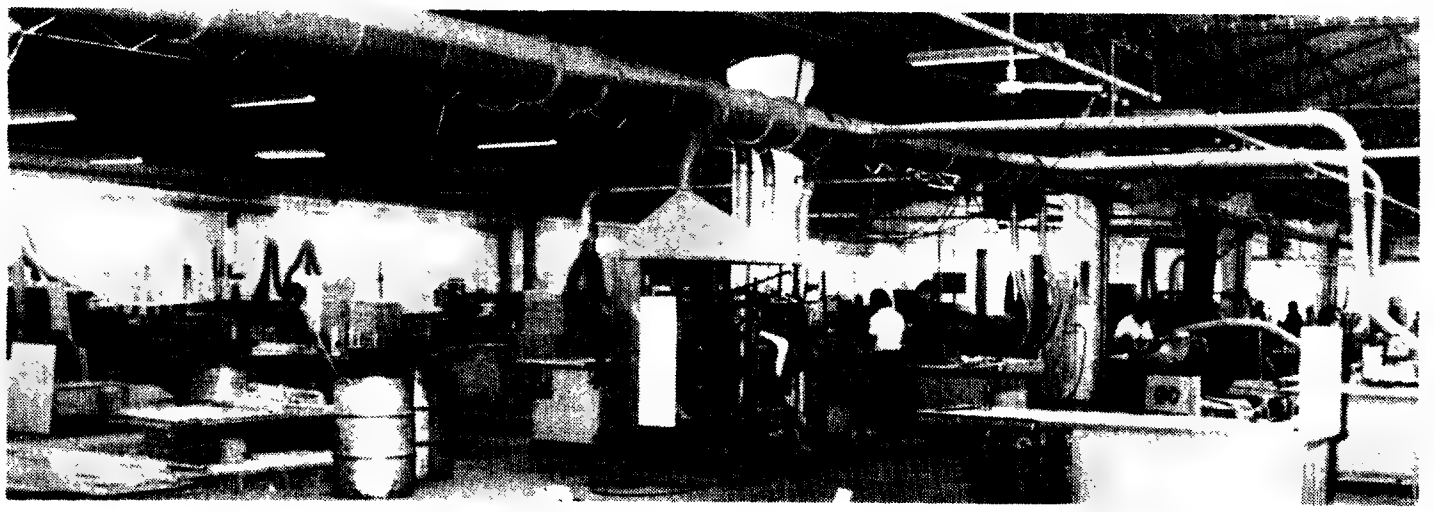
As crises que o regime capitalista conhece incessantemente desde o final da guerra da Coreia , a falência das aventuras intervencionistas da antiga Indochina francesa e no continente africano, o pesado custo das vitórias aparentes ganhas na América Latina (exemplos do Chile, Uruguai, Bolívia), a própria crise institucional que se vive dentro das fronteiras dos EUA (depois dos escândalos Watergate, CIA, FBI, Lockheed) ensombram os alvores deste terceiro centenário da grande nação americana. A crise de hoje é mais profunda de todas quantos na sua história os EUA conheceram. O império poderá sobriviver ainda. O capitalismo poderá vencer novas crises. Mas a fronteira, as terras largas acabaram. O mundo é cada vez mais escasso para os expansionistas. E os seus habitantes cada vez mais conscientes dos seus direitos, cada vez mais dispostos a instaurarem o reino da justiça, que já se instalou em muitos pontos desta Terra.

A.N.

em o governo inglês nem o rancês se decidiram pela inervenção. Por seu lado, os ortistas tinham que transformar a luta numa guerra revolucionária e popular. A abolição a escravatura, a distribuição ratuita das terras não cultivadas do Oeste por aqueles que s quisessem cultivar (lei de homestead») estimularam a uta por objectivos claramente rogressistas. Na Primavera de 865, a vitória sobre o Sul estava alcançada. O assassínio de incoln abriu um período de ta pelo poder e levou ao iunfo da grande burguesia. e 1869 a 1877, sob o presidente Grant, o país vive um dos eríodos mais sombrios de corupção da sua história. Os esclavagistas do Sul organizam-se em grupos terroristas como o Ku Klux Klan) e ançam-se na perseguição dos egros. A ineficácia e a corupção favorecem a especuação e a formação de gangs», estimulando, ao mesmo tempo, o individualismo no lano social e a iniciativa prida nos campos comercial e ndustrial.

Com a abolição da escravatura e a ivre expansão dos comnos pobres para as terras do este, o capitalismo americano entra numa fase de expanão acelerada. Apesar das cries sucessivas que surgem ene 1873 e 1917, os EUA (cuja opulação passou de 31,3 miões em 1860 para 91,9 em 914) colocam-se em 1915 à abeça da produção mundial e ferro, carvão, petróleo, core e prata. Os mecanismos roteccionistas favorecem a ormação de monopólios. Surem os «trusts» e os grandes omplexos industriais dos reis o «big business». Em 1913, por cento dos americanos mbolsam 60 por cento do rendimento nacional.

As organizações sindicais, uja formação foi estimulada ela participação operária na uerra civil, sustentam grandes



Dia Mundial da Cooperação

—Inquérito de Luís Humberto

«O Estado deve fomentar a criação e a actividade de cooperativas, designadamente de produção, de comércio e de consumo. (...) A lei definirá os benefícios fiscais e financeiros das cooperativas, bem como condições favoráveis à obtenção de crédito e auxílio técnico.» — Artigo 84.º da Constituição Portuguesa.

Trave fundamental da alteração das estruturas sociais e portanto, da construção da sociedade socialista, o espírito cooperativista, estrangulado no tempo do fascismo, explodiu após o 25 de Abril, originando amplas movimentações populares. Objectivo: fugir aos circuitos especulativos do mercado (no caso do consumo), impedir a apropriação dos meios de distribuição pela burguesia, defender ou conquistar os postos de trabalho ameaçados pelos agrários e industriais (no caso da produção agrícola e industrial).

Desde o Alentejo até Trás-os-Montes, passando pelas zonas industriais são inúmeras as cooperativas surgidas com o processo desencadeado no 25 de Abril.

Nestes dois anos após o 25 de Abril, foram criadas mais de duas mil cooperativas, abrangendo praticamente todos os ramos de actividade. No sector agrícola e pescas existem 646 cooperativas, 381 no consumo, e 1048 na indústria e serviços.

Contra os boicotes, as sabotagens, intimidações (com bombas e buscas à procura de armas) e calúnias de toda a espécie, os trabalhadores têm oposto a sua firmeza e determinação, resistindo, construindo a nova forma de entender as relações socioeconómicas. Mais a Sul que a Norte, as transformações entram pelos olhos dentro. Nesta realidade pesam naturalmente factores não só de ordem sociológica, mas também político-administrativos. O facto de em muitas zonas do interior e Norte do País não ter havido, nestes dois anos de «processo revolucionário», alterações significativas no poder local que continua a ser dominado por caciques, não poderá ser iludido.

Na materialização do articulado da Constituição torna-se imperioso alterar esta realidade, libertar as regiões dominadas pelo caciquismo, pelo obscurantismo. Um cancro chamado «intermediários» terá, também, de ser sanado, mas não se vislumbram medidas nesse sentido.

O corre hoje o Dia Mundial da Cooperação que deverá ser entendido como um alerta para a necessidade de transformar todos os dias do anoa em «dias da cooperação». Só assim é que o cooperativismo será a «luta organizada dos trabalhadores contra a exploração capitalista». Neste sentido o «DL», fazendo eco desse alerta, ouviu alguns cooperativistas do Norte. Ligados ao coopreativismo de consumo ou de produção eles falam-nos dos entraves, dos apoios populares e do muito que há a fazer. Aos três entrevistados formulámos as mesmas questões: quatro.

Quatro questões do "DL"

1 **Numa breve análise ao movimento cooperativo nortenho, que lhe parecem os passos dados desde o 25 de Abril de 1974?**

2 **Quais os maiores obstáculos ao desenvolvimento do cooperativismo no Norte?**

3 **Qual tem sido a receptividade das populações às iniciativas em que mais activamente tem participado?**

4 **Considerando que os governantes se dizem interessados no desenvolvimento do cooperativismo, em que termos se tem materializado o apoio dos organismos oficiais às cooperativas? Qual deverá ser, na sua opinião, o papel do Estado no desenvolvimento do cooperativismo?**

Neo-capitalismo ou socialismo?

—interroga José Linhas

Primeiramente ouvimos José Linhas, fundador da Cooperativa Popular de S. Roque da Lemeira e membro do gabinete de formação técnica e cooperativa:

. 1 — De facto o movimento cooperativo (de consumidores) tem dado desde o 25 de Abril de 74 passos enormes e bastante importantes. A comprová-los está o número de cooperativas de consumidores que têm surgido nestes dois anos. Isto devido, quanto a mim, a um factor importante: aumento do custo de vida. Com o aparecimento do 25 de Abril abrem-se novas perspectivas aos trabalhadores que, ansiosos por verem os seus problemas resolvidos, não esperam as promessas dos sucessivos governos da burguesia (refira-se a medida positiva do V ao congelar alguns preços) e lançam-se na procura da solução dos seus problemas. Fazem-no a nível de fábrica, de bairro, juntando com os outros trabalhadores as poupanças que possuem e começam a responder à alta de custo de vida com a criação de cooperativas de consumidores. Provam assim que é possível acabar com a alta do custo de vida, mostrando que, para isso, é fundamental acabar com os intermediários exploradores que não só exploram os trabalhadores da cidade a quem vendem os bens de consumo aos preços mais altos mas também os camponeses e rendeiros comprando-lhes aos preços mais baixos. Os trabalhadores mostram assim que, através das cooperativas, é possível acabar com a separação que muitos dizem existir entre os camponeses e os trabalhadores das cidades, já que vão directamente ao campo buscar os produtos, pagando-os ao preço justo; distribuindo-os depois a preços justos, nas cidades. Provam assim que nas cooperativas não se distribui gato por lebre, nem se faz açambarcamento.

2 — Têm sido vários os obstáculos, sendo um dos fundamentais a questão do financiamento às cooperativas. Como é sabido, torna-se difícil só com o dinheiro dos trabalhadores, dos cooperantes construir um edifício e adquirir todo um equipamento que é hoje caríssimo, etc.. Outra dificuldade é a falta de bens essenciais. Não se compreende porque é que, até agora, um governo que se diz estar ao lado dos trabalhadores e interessado no avanço das cooperativas não tenha tido até hoje qualquer medida que privilegie as cooperativas. É o caso de bacalhau, da carne, do leite, das margarinas, etc. Não! Assim não! Entendemos que para estar realmente ao lado dos trabalhadores, para se defender as cooperativas, não se pode privilegiar as armazenistas, os intermediários, como se tem feito, em prejuízo das cooperativas. Outra questão importante é a falta de uma escola ou instituto cooperattivo que prepare técnicos, gestores de cooperativas. Não creio que estas possam resistir às duras batalhas que o futuro nos promete, sem que os seus corpos gerentes e não só, tenham um mínimo de conhecimentos nos campos da gestão económica, financeira, de pessoal, de stocks, etc.

3 — Embora tenha participado esporadicamente numa ou noutra iniciativa, aquela que melhor conheço é a de S. Roque da Lameira. Com o aparecimento desta cooperativa, um dos aspectos para mim mais importantes foi o de responsabilizar trabalhadores do bairro que até aí não tinham uma participação activa e efectiva na resolução dos problemas que os afligiam, bem como a outros trabalhadores. Tal responsabi-

Continua na pág. 12

Geral

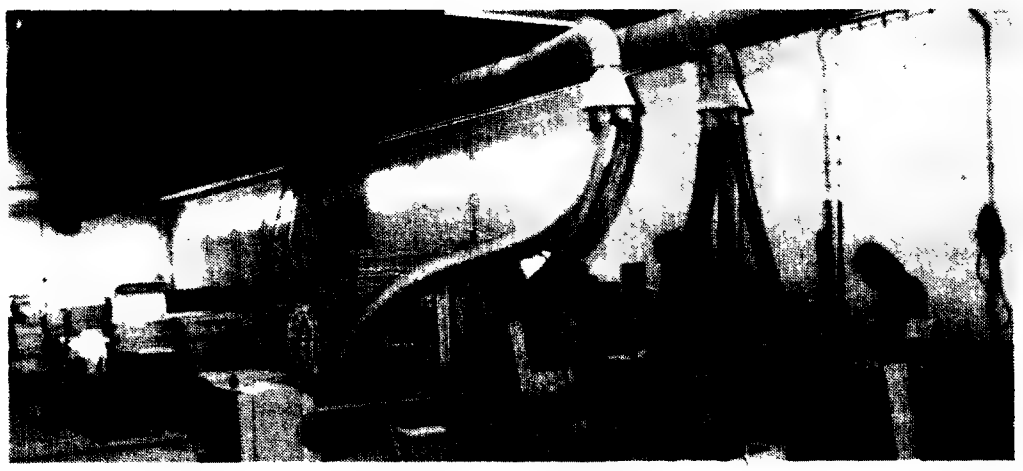
DIA MUNDIAL DA COOPERAÇÃO

Continuação da pág 11

lização tem criado não só uma mentalidade nova ao nível do bairro — descobrem que o seu problema é o do vizinho e que só colectivamente se resolve — mas também uma nova forma de encarar a realidade da fábrica, da família, do sindicato, etc.Quanto à receptividade da população tem sido francamente boa. Apesar de ainda não termos edifício (estamos à espera dum despacho do MAI para construirmos num terreno camarário) temos feito algumas experiências com a distribuição de alguns produtos: caso do bacalhau que distribuímos à tabela (coisa rara!); caso dos atoalhados das fábricas Sousabreu de Guimarães, em autogestão; das frutas, vinho, produtos hortícolas que são o resultado das nossas idas a Arouca, Penedouro, Curia etc, processo este que chamamos «ligação cidade-campo». Tudo isto se esgota em dois tempos e a população pede à cooperativa para arranjar maiores quantidades.

4 — Pouco ou nenhum tem sido apoio dos organismos estatais às cooperativas. Como exemplo muito simples, mas ao mesmo tempo significativo, temos o facto de na Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau terem assento pessoas que, entre outras coisas, dão pareceres sobre a forma de atribuir o bacalhau, o que nos leva a dizer que os armazenistas e retalhistas têm os seus representantes e as cooperativas não. Noutros departamentos o panorama é o mesmo, pelo menos no que toca ao consumo. Quanto à questão de financiamento fala-se que há cem mil contos para as cooperativas mas a uma taxa de 8,5 por cento. Eu pergunto: como pode uma cooperativa suportar juros tão altos se o seu objectivo não é, não pode ser, o de explorar?

Entendo que o Governo deve canalizar para as cooperativas uma parte do dinheiro que é retirado aos trabalhadores, através dos mais diversos impostos e da mais-valia. Mas deve fazê-lo a uma taxa de juros muito baixa, sem qualquer tipo de favor ou interferência. Tudo o que não for feito nesta linha é caminhar para o neocapitalismo e não para o socialismo, ou seja é caminhar para uma forma mais refinada de exploração, tipo Europa Ocidental, é não defender os trabalhadores, é fazê-los pagar a crise de que não são responsáveis. Por outro lado, defendo a criação de um código Cooperativo que defina, claramente, o que são cooperativas de consumidores, quais as verdadeiras e falsas cooperativas, tratamento preferêncial a dar, espécies de benefícios, etc.



Urge passar das boas intenções

—afirma Adriano Russo

Por fim ouvimos outro cooperativista ligado a empresas fabris. Adriano Russo, membro da direcção provisória da Uninorte — União Cooperativa Polivalente do Norte, SCARL, que integra cerca de 11.º cooperativas de produção, com um total de 7500 trabalhadores aproximadamente, fala-nos de outro tipo de experiências:

1 — O cooperativismo era em 25 de Abril de 1974 um conceito quase totalmente desconhecido da grande massa dos trabalhadores industriais do Norte e com relativa divulgação no sector agrícola, habitação e consumo.

A ameaça de desemprego que caiu sobre grande número de trabalhadores, sobretudo de pequenas empresas arruinadas devido à gestão capitalista ao longo dos últimos anos da ditadura fascista, levou estes a reivindicarem o direito de controlar as acções dos gestores.

Formaram-se as primeiras comissões de trabalhadores. Os patrões, procurando esconder a estas s fraudes permitidas ao longo dos anos, resistindo a todas as tentativas para a concessão de justas melhorias salariais e outras, exigidas nos contratos colectivos de trabalho, procuraram, por todos os meios, impedir ou retardar a tomada de consciência dos trabalhadores sem todavia o conseguirem.

Perante esta situação geraram-se conflitos. Os patrões intensificaram processos de sabotagem, descapitalizando e tentando retirar das empresas o máximo de capital possível no mínimo tempo. Depois, muitos fugiram, outros foram expulsos uma vez detectadas pelos trabalhadores as suas manobras.

Nas empresas abandonadas pelos patrões, mas não pelos trabalhadores, discutiram-se formas de continuar a laboração e chegou-se em muitos casos à cooperativa.

A partir da criação da Federação das Cooperativas de Prbução no Porto e graças à militância de alguns cooperantes a ela ligados foi possível motivar muitas das comissões de trabalhadores, a braços com dificuldades legais para poderem autogerir as suas empresas, a adoptarem a forma de cooperativa.

Com a sectorização das unidades produtivas autogeridas constituindo uniões cooperativas por ramos de produção tem-se vindo a criar condições para a sobrevivência económica das mesmas, o que atrai naturalmente mais produtores para o movimento.

Muitos desempregados e retornados das ex-colónias, têm vindo no Norte a contribuir para o desenvolvimento do cooperativismo.

2 — Além dos obstáculos encontrados a nível de todo o País, há ainda a acrescentar em algumas zonas do Norte a oposição violenta de caciques locais à formação de cooperativas de produção.

Para muitos trabalhadores mal esclarecidos qualquer movimento autogestionário, significando uma ruptura nos seus hábitos de subserviência, aparece como um salto no desconhecido e origina receios no futuro. Por isso é ainda possível aos sabotadores ligados ao patronato reaccionário obter dividendos das suas manobras intimidatórias.

3 — O nosso movimento cooperativo, dada a sua originalidade, está repleto de experiências aliciantes.

Estou-me a lembrar, por exemplo, da exigência feita por várias comissões de moradores obrigando a que as suas casas fossem construídas por cooperativas operárias.

Recordo um plenário em que alguns elementos de comissões de moradores, descontentes com a cooperativa que construia para eles, se deixaram aliciar pela ideia de entregar as obras a empresas capitalitas e nesse sentido se manifestaram; a maioria opôs-se porém, frontalmentee, apoiando de forma decisiva uma outra cooperativa que se encontrava apenas em vias de formação, não só contribuiu para a defesa do movimento cooperativo do sector como aumentou a sua capacidade de resposta.

4 — Para além da constituição de uma comissão interministerial de apoio às cooperativas (CAC) cuja actividade é ainda incipiente, não detendo qualquer poder para resolver os problemas de fundo que afligem a maioria das cooperativas de produção, desconhecemos aqui no Norte qualquer apoio estatal. É que apoios técnicos ou financeiros, concedidos por este ou aquele departamento, sendo raros, não passam de casos pontuais, com praticamente nula influência no movimento.

Num colóquio promovido há cerca de um mês pela CAC em Lisboa, largamente participado por cooperantes, representantes do Estado, banca e outras individualidades, concluiu-se ser largamente maioritária a corrente de opinião que entende dever o Estado apoiar objectivamente o movimento cooperativo. Foi exigido crédito barato e a médio prazo, facilidades fiscais, suspensão de acções judiciais, e rápida legislação que permita legalizar os patrimónios detidos por muitas cooperativas.

Aqueles que entendiam ser possível desenvolver em Portugal um movimento cooperativo de características semelhantes ao dos países nórdicos, esquecendo as condições reais do país em que vivemos viram as suas fórmulas mágicas relegadas para o campo das utopias.

Quem pode exigir aumento de produção aos trabalhadores de cooperativas quando escasseiam as encomendas, faltam créditos acessíveis para adquirir matérias-primas, substituir máquinas ultrapassadas ou inoperantes e quando os sócios operários recebem na maioria dos casos apenas uma pequena parcela do salário a que justamente têm direito?

A Constituição aponta claramente qual o papel que o Estado deve desempenhar em relação ao movimento cooperativo. É extremamente urgente que o Estado passe das meras declarações, de boas intenções aos actos.

Eliminação das burocracias

—propõe Saul Fernandes

Em Lourosa (Vila da Feira) contrói-se dia-a-dia a Lourocoope — cooperativa de consumo. É um exemplo significativo de como o espírito colectivista se fortalece mesmo em zonas pouco desenvolvidas. Saul Fernandes, seu presidente, fala-nos da sua experiência.

1 — Parece-me que os passos que foram dados, através da criação de novas cooperativas, a partir do 25 de Abril, no desenvolvimento do Movimento Cooperativo Nortenho, são muito importantes na medida em que traduzem concretamente a vontade das pessoas, tentarem construir uma sociedade nova.

2 — Os maiores obstáculos, no nosso caso concreto, foram a burocracia na legalização da cooperativa, falta de instalações, conseguir terreno onde construir a sede própria e dificuldades financeiras para levar até ao fim esta iniciativa. Tivemos também dificuldades na aprovação do projecto das obras, por parte dos Serviços Técnicos da Câmara da Feira, muito embora o referido projecto fosse elaborado segundo indicações dos mesmos serviços.

3 — Como em toda a parte onde aparecem estas iniciativas, o interesse não foi muito grande por parte da população, cremos que devido ao descrédito em que se encontrava o cooperativismo antes do 25 de Abril e cujas marcas ainda se não apagaram, bem como ao espírito individualista das pessoas. Apesar disso, consideramos que em Lourosa e na nossa cooperativa a aderência foi e é muito boa, na medida em que temos 670 sócios e a maior parte deles aderiu e contribuiu sem ver algo de concreto durante muito tempo.

A nossa cooperativa, nascida antes do 25 de Abril (Dezembro/73) mas cuja vida se tem desenvolvido fundamentalmente depois do 25 de Abril, tem revelado a capacidade criadora, organizativa e de unidade das pessoas mais desfavorecidas, valores que se vêm desenvolvendo dia após dia.

A Lourocoope, primeira cooperativa a ser criada no populoso conselho da Vila da Feira, apesar de ainda não funcionar por falta de instalações (e apesar da campanha desenvolvida em determinada altura, com o objectivo de ela não ir até ao fim) tem feito um trabalho de esclarecimento que vai levando as pessoas a interessarem-se progressivamente pelo cooperativismo.

4 — Até ao momento, que tenhamos conhecimento, não tem sido dado qualquer apoio às cooperativas da zona. No nosso caso, tem-nos sido criadas dificuldades, na medida em que tivemos de pagar 24 contos de sisa pela compra do terreno para as instalações e por várias vezes pedimos ao Ministro das Finanças a devolução dessa importância e todas as vezes foi o pedido indeferido.

Por parte da Câmara da Feira, foi-nos negado o pedido de isenção de licença das obras e respectivo pagamento.

Por parte do Governo Civil entidade a quem pedimos ajuda, foi a mesma recusada com a alegação de que a cooperativa era uma empresa comercial.

Foi pedido ao subsecretário do Fomento Cooperativo, ao abrigo do crédito concedido pelo Governo para apoio das cooperativas de consumo (cem mil contos), que nos fosse dado apoio financeiro dado que tinhamos dificuldades financeiras e, até ao momento, nada sabemos de concreto sobre o assunto.

Dado que a Constituição aponta claramente para a construção de uma sociedade socialista e porque entendemos que o cooperativismo é uma das formas correctas de lá chegar, pensamos que o papel do Estado neste campo deve ser:

. Apoiar e incentivar o desenvolvimento do cooperativismo através de créditos financeiros em boas condições e a longo prazo; eliminação das burocracias existentes; criação de técnicos capazes de fazerem um trabalho educativo e formativo neste campo; tornar obrigatório o ensino também neste campo, desde a escola primária; criação de meios de ligação entre todos os tipos de cooperativas; política preferencial de fornecimento de produtos às cooperativas de forma a que elas possam cumprir a sua missão junto das populações; ouvir as cooperativas em toda a matéria que lhes diga respeito e actuação sobre todos aqueles que tentarem boicotar as iniciativas cooperativistas.

Estrangeiro

Divergências em Espanha sobre sucessão de Arias

MADRID, 3 — (ANOP e R.) — O conselho consultivo do reino de Espanha reúne-se hoje em sessão, pela segunda vez, para auxiliar o rei Juan Carlos a escolher um novo primeiro-ministro para chefiar um Governo que depara com problemas políticos e económicos cada vez mais graves.

O Conselho de 17 membros, o organismo consultivo de cúpula de Espanha, interrompeu ontem à noite, uma sessão de três horas e o seu secretário disse a repórteres que os seus elementos simplesmente «trocaram impressões» acerca das três individualidades que deve indicar para o cargo de chefe de Governo.

Fontes bem informadas disseram que existiam divergências entre os membros sobre quem deveria substituir Carlos Arias Navarro, que se demitiu na quinta-feira.

A especulação sobre o seu sucessor concentrou-se em dois reformistas de destaque, que pertencem ao último gabinete de Arias Navarro — o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jose Maria de Areilza, e o do Interior, Manuel Fraga Iribarne.

Outro candidato é o general Manuel Gutierrez Mellado, um liberal nomeado recentemente chefe do Estado-Maior-General e que é apoiado por aqueles que acreditam que apenas um militar dessa patente, com o apoio das Forças Armadas, poderá introduzir no país reformas importantes.

As mesmas fontes notaram que a decisão do soberano em aceitar a oferta de Arias Navarro, há muito pendente, de se demitir fora provocada por divisões no seio do gabinete, ataques ao primeiro-ministro por parte da direita e da esquerda e problemas económicos, que se agravam de dia para dia, como se poderá concluir de uma média de inflação recorde que atinge os 20 por cento.

Grupos oposicionistas pediram um primeiro-ministro mais ousado e liberal do que Arias Navarro, a fim de introduzirem reformas rápidas ao regime ditatorial legado pelo generalíssimo Franco.

A crise está também a ser demorada pela concretização de uma lei aprovada pelas Cortes (Parlamento), há quase um mês, levantando uma proibição que tem 37 anos de existência, sobre todos os partidos políticos, com excepção dos comunistas, anarquistas e separatistas.

As Cortes adiaram por tempo ilimitado uma sessão marcada para terça-feira, para debater uma revisão do código penal, revisão sem a qual a lei sobre os partidos não pode entrar em vigor.

Entretanto, as bolsas de valores de Madrid, Barcelona e Bilbau, reagiram favoravelmente ante a situação política criada com a demissão de Arias Navarro.

Desde há vários dias que as descidas eram constantes e o ambiente que se vivia nos meios bolsistas era de pessimismo.

A intervenção do banco de Espanha tornava-se crescente como medida não só econó... ca, como política.

Ontem, a maioria dos valores cotados, embora sem maior impacto a não ser o facto da alta, melhoraram com uma certa firmeza e esperança.

Na bolsa de valores de Madrid, o índice geral subiu, 1,60 pontos.

A ESTIAGEM

Os lagos alpinos estão a secar

LAUSANA, 3 — (ANOP e R) — Os lagos alpinos estão a secar, os agricultores abatem o seu gado por falta de pastagens e lançam-se apelos para o racionamento de água, em consequência da pior estiagem registada na Suiça em mais de um século.

As autoridades decidiram proibir fogos de artifício no Cantão de Vaud em 1 de Agosto, o dia nacional da Suiça, se o tempo seco persistir. A população já tinha sido proibida de acender as fogueiras tradicionais naquela festa, para evitar incêndios nas florestas e matas.

Na região do Tessin, confinante com a Itália, o nível nos lagos alpinos desceu 20 a 40 por cento em relação à média normal da temporada. O Cantão de Zurique, o mais populoso da federação helvética, recomendou a redução do consumo de água.

Os serviços meteorológicos de Basileia, a segunda cidade do país, anunciaram que a primeira metade de 1976 foi a mais seca desde 1964.

Quanto à França precisa de cinco a seis meses de chuvas abundantes para normalizar o estado do seu subsolo, ressequido depois do mês de Junho mais seco em mais de um século.

Um alto funcionário dos serviços meteorológicos franceses, Patrick Brochet, declarou numa conferência de Imprensa que o nível da água no subsolo estava 60 por cento abaixo do normal no Norte da França em 30 de Junho.

Por seu lado, o Governo britânico anunciou ontem estar a despachar legislação de emergência para o Parlamento, de modo a permitir o racionamento de água, numa altura em que a Inglaterra atravessa a pior seca registada na sua história.

O ministro da administração local, John Silkin, disse ao Parlamento que a actual legislação não é suficientemente forte para permitir aos governos locais agir numa «situação de emergência como esta».

EXPLOSÃO DE UMA BOMBA

Dezoito mortos em Buenos Aires

BUENOS AIRES, 3 — (R.) — Perderam a vida, pelo menos 18 pessoas ao explodir ontem uma bomba no interior do Departamento da Polícia de Segurança Federal, um dos edifícios mais fortemente guardados de Buenos Aires.

Foi o maior número de mortos que ocorreu na luta que as forças de segurança travam, há cinco anos, contra guerrilheiros esquerdistas.

A deflagração registou-se apenas poucas horas depois de 17 guerrilheiros serem mortos numa batalha com soldados nos arrabaldes da capital argentina.

Um comunicado do Exército dizia que 18 pessoas incluindo alguns civis, foram mortos pela bomba na sala de jantar do Departamento. Mais 66 pessoas ficaram feridas.

Um informador governamental comunicara antes que 25 polícias tinham perecido devido à explosão.

Jornalistas locais revelaram terem recebido telefonemas anónimos dizendo que os montoneros, os guerrilheiros esquerdistas eram responsáveis pelo atentado bombista Os montoneros afirmam ser os verdadeiros partidários do presidente Juan Domingo Perón, que faleceu há dois anos.

A bomba era feita com explosivos de plástico e cheia com pedaços de metal — disseram fontes bem informadas.

O inspector da Polícia Jorge Saullo declarou julgar que o ototal de mortes seja superior a 30

A batalha nos arredores de Buenos Aires começou quando guerrilheiros desencadearam um ataque à granada e com metralhadoras contra um comboio de camiões do Exército, perto da base de campo de Mayo, ferindo três soldados.

Foi o combate mais sério desde que as Forças Armadas depuseram a presidente Maria Estela Peron, em 24 de Março. Cerca de 420 pessoas perderam a vida na onda de violência política desde que os militares ocuparam o Poder.

PUBLICAÇÕES ENCERRADAS NO PERU

LIMA, 3 — (ANOP) — Guardas da prisão peruana de Lurigancho, mataram quatro presos e feriram outros 27, mais nove funcionários da prisão, ao reprimirem uma tentativa de fuga em massa da maior penitenciária do país a escassos quilómetros da capital — anunciou o Governo.

Segundo o comunicado oficial, os presos ao saberem dos motins ocorridos em Lima, procuraram explorá-los e desencadear uma fuga maciça.

Entretanto, o Governo militar anunciou ontem novos aumentos de preço de géneros alimentícios e encerrou publicações independentes que habitualmente rriticavam a sua política.

Polícias à paisana deslocaram-se às instalações de todos os semanários críticos peruanaos e encerraram dez deles, ao abrigo do estado de emergência e suspensão das garantias individuais que regem actualmente todo o país.

Entre as publicações atingidas por esta medida contam-se os semanários «Oiga», «Momento», «Equis-X» e «Marka», de esquerda e «Opinion Libre» e «El Tiempo», conservadores.

Prenunciando estes encerramentos, o diário governamental «La Cronica» denunciara em editorial «o incitamento» que certas publicações faziam «à oposição violenta às medidas económicas» do Governo.

Resistência à nomeação de um militar

MADRID, 3 — (Anop) — Os comentários em que se insistia sobre a personalidade que ocuparia o cargo de chefe de Governo foram ontem à tarde mais difusos, sobretudo depois de não se conhecer qualquer resultado da reunião do conselho do reino e de se supor que tenha havido divergências e dificuldades para elaborar a lista com os três nomes favoráveis aos planos do rei.

Embora se reconheça a conveniência de que o próximo chefe do Governo fosse um militar, encontram-se por outro lado sérias resistências. Acima de tudo em virtude de um estratégico afastamento dos militares espanhóis de uma participação política muito directa.

Cre-se que o compromisso de nomeação de um militar para a chefia do Governo criaria algumas resistências e dificuldades.

Talvez esta solução funcionasse apenas como alternativa.

O argumento de que Carrero Blanco também era militar (da marinha não se pode aplicar directamente e quase nem como paralelismo neste caso.

As vantagens de um militar seriam no entanto inegáveis. Os compromissos dos civis com um ou outro grupo ou força política representam uma situação problemática, quando se exige da personalidade que ocupe o cargo um mínimo de independência, autoridade e credibilidade política.

Embora apenas alguns jornais se refiram aos nomes de supostos presidenciáveis, não abordam o problema de ser ou não ser militar.

Apenas o «Informaciones» escreveu em editorial: «Baralham-se nomes e alude-se a eventualidade de uma personalidade militar.

«Não é isto o decisivo. O importante é que, militar ou civil a pessoa que assuma a presidência do Governo se proponha tirar rapidamente o país de uma situação de estancamento.»

Comentário americano à decisão do rei

NOVA YORK, 3 — (ANOP) — O chefe do Governo espanhol Carlos Arias Navarro, apresentara há já vários meses a sua demissão ao rei Juan Carlos I, que decidiu aceitá-la apenas ontem — afirma o «New York Times».

Num artigo do seu correspondente em Madrid, o jornal acrescenta que o rei adoptou a surpreendente decisão ao ter em conta as crescentes tensões políticas e económicas que afectam o país.

Salienta ainda que a recente visita do rei aos Estados Unidos, que foi um êxito diplomático e político de primeira grandeza para o chefe de Estado espanhol, fez aumentar a sua autoridade e autoconfiança, permitindo-lhe exercer o seu papel constitucional com maior força.

Segundo o «New York Times», o rei não tinha até agora a força necessária para aceitar a demissão de Arias Navarro, cujo sucessor — prossegue — deverá ser um primeiro-ministro capaz de impor um programa de reforma contra a resistência da direita, ao mesmo tempo que deverá contar com as maiores simpatias por parte da esquerda e dos liberais.

O jornal especula por fim com a possibilidade de o tenente-general Jose Vega Rodriguez vir a ser escolhido para substituir Arias Navarro, visto tratar-se de um militar reputado como liberal.

Mais de cem reféns poderão morrer amanhã no Uganda

NAIROBI, 3 — (R) — Mais de cem reféns conservados por piratas pró-palestinianos no aeroporto de Entebbe, no Uganda, entraran hoje no que uma dasiindiviaualidades que procuram salvar-lhes a vida, o embaixador somali Hashi Abdullah Farah, descreveu como «o fim-de-semana mais crukial da sua existência».

Os reféns, na maioria israelitas, foram ameaçados de serem mortos ao meio-dia de manhã a menos que possa ser concluido um acordo para a libertação de guerrilheiros palestinianos presos em Israel.

O Estado sionista, abandonando a sua política do passado de se recusar a negociar sob coação, afirmou que poderia estar disposto a soltar alguns dos presos em troca da vida de todosmos reféns.

Uma equipa ministerial especial, sob a direcção do primeiro-ministro Yitzhak Rabin, trabalha hoje, sabbath judaico em Israel. Não foram revelados detalhes do progresso das negociações, que Israel está oficialmente a efectuar por intermédio da França.

Os assantantes pretendem a libertação de 53 presos cujos nomes foram indicados numa lista e que se encontram 40 em Israel, seis na República Federal Alemã, cinco no Quénia, um em França e um na Suíça.

Em ALCÁCER DO SAL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ SADO

Caleidoscópio

PORT LOUIS (MAURÍCIAS), 3 — (R) — Ministros dos Negócios Estrangeiros da Organização de Unidade Africana (O.U.A.) estiveram reunidos em sessão durante toda a noite, o que fizeram pela quarte vez, para tentar solucionar uma grande disputa sobre o Sará Ocidental.

Essa questão e uma intentona no Sudão constituiem os temas de uma sessão secreta que chefes de Estado da O.U.A. efectuam hoje em Port Louis.

A cimeira foi inaugurada ontem, à noite, pelo marechal Idi Amin do Uganda, o presidente cessante da O.U.A. que esteve envoldido no drama de um cato ce pirataria aérea que se desenvola perto de Kampala.

A sessão dos ministros dos Negócios Estrangeiros fora já afectada por polémicas sobre a Rodésia e um sugerido boicote da África negra aos Jogos Olímpicos de Montreal. A última disputa envolve a Argélia, Mauritânia e Marrocos.

A Mauritânia e Marrocos, que partilharam o Sará Ocidental, no ano passado, opõem-se a que a questão apareça na agenda da conferência. Ambos os países abandonaram a sessão de ontem, enquanto Marrocos boicotou também a inauguração da cimeira.

DJAKARTA, 3 — (R) — Desconhece-se a sorte de vários milhares de aldeões indonésios, após um violento abalo de terra que matou, pelo menos, 350 pessoas numa remota província, no último fim-de-semana.

Um informador de um centro de missionários disse que brigadas de socorro procediam a buscas no meio dos escombros de quatro aldeias, procurante mais vítimas do terramoto, que aginfiu uma intensidade de 7,1 pontos na escala de Richter.

PASSADENA (CALIFORNIA), 3 — (R) — Cientistas espaciais norte-maericanos indicaram 17 de Julho como a nova data da aterragem em Marte da Viking-1, a sonda não tripulada lançada pelos Estados Unidos.

A Viking devia inicialmente aterrar no Planeta Vermelho amanhã, dia 4 de Julho, data do bocentenário da independência dos Estados Unidos, numa missão para se averiguar se existe vida na superfície marciana.

BERLIM, 3 — (R) — Indira Gandhi, primeiro-ministro da Índia, chegou na quinta-feira a esta capital, para uma visita oficial de quatro dias.

ROMA, 3 — (ANOP) — Luigi Pintor deixou a direcção do diário «Il Manifesto», tal como no s dias anteriores deixara os seus cargos no Partido Democrático de Unidade Proletária, agrupamento que se encontra à esquerda do P.C.

O motivo do afastamento de Pintor está nas dissnsões verificadas no último congresso do partido, quanto à política de alianças, nomeadamente no que diz respeito à aliança eleitoral do grupo «Ial Manifesto» com outra formação da extrema esquerda, «Lotta Contínia».

Espectáculos

Pequena nota (sem pretensões) sobre "Trás-os-Montes"

V. A. Bolina

A leitura da nota de F. Assis Pacheco, inserta em uma edição do «Diário de Lisboa» (precisamente no dia em que se anunciara publicamente tratar-se da «última exibição» sexta-feira, dia 18 de Junho, não foi?), fez-me recordar com não pouca raiva algumas interrogações que levara comigo para a pequena sala do Satélite, e aquelas que se adicionaram às primeiras após a visão do belo filme de Margarida Cordeiro e de António Reis.

Desejaria transmitir algumas das questões que se me colocaram, como eventual contribuição mínima para um necessário e amplo (e cada vez mais urgente a todos os níveis) debate a propósito não só deste filme como do cinema português em particular, como ainda do cinema em geral que se pretenderia ver e que não vemos ou aquele que nos é impingido (para quem quer deixar-se levar...).

Assim temos:

1.º) Eis que, após algum escândalo quase tornado imperceptível no meio de tantos escândalos assaz maiores dia-a-dia acontecidos na nossa praça refiro-me, quanto àquele, obviamente, à reacção suscitada pela apresentação do filme em Trás-os-Montes eis que, como ia dizendo, se estreia em Lisboa, quase envergonhada, praticamente sem qualquer publicidade, aquela película. E em que sala? No «Satélite», a 25 «paus» o bilhete (à tarde, pois à noite é mais caro, 30 ou 35 «paus»), com uma redução para metade relativamente aos estudantes (quais estudantes?, os que têm «posses», ou os «outros»?, os da «grande cidade» ou os da «província»?). Gostaria de perguntar por que não tal atitude com vistas aos trabalhadores, sindicalizados ou não, aos reformados, aos desempregados, etc., etc.

2.º) Decorre do anterior que se questione: Porquê o «Satélite»? (note-se que não temos nada contra esta sala). Porquê *só* o «Satélite»? A que público pretende o filme chegar? Qual a protecção a dar ao cinema português, quer quanto à realização, quer relativamente às salas e aos circuitos de exibição, sejam estes comerciais ou não?

. Poderíamos, cada um de nossa parte, adiantar algumas respostas e fazer ainda mais perguntas as quais correriam o risco de ficarem no ar, sem resposta alguma. Enfim!

. 3.º) Ao ler a nota-alerta de F.A.P. no «D.L.», e mesmo depois, constatei a ironia da situação: Quando F.A.P. lançava o seu apelo (e julgo que em boa hora!) e ao mesmo tempo que algum público mais principiava a afluir à pequena sala do Saldanha, eis que o filme saía de cena (ainda não se sabia da decisão de ficar mais uma semana, e depois outra, mas somente nas sessões das 19 horas!). E as críticas que aqui e ali iam aparecendo, apareciam extemporaneamente, isto é publicavam-se *após* a prevista saída do filme (o facto de este ficar a título experimental e condicionalmente algum tempo mais em cartaz não altera em nada a questão de fundo)!

. Bom, e após este arrazoado, algumas das questões que surgiram depois da visão do filme:

. 1.ª questão) Trata-se de um belo filme.

2.ª questão) Trata-se de um filme antecipado e ao mesmo tempo atrasado.

3.ª questão)Trata-se de um filme aparentemente «intelectual».

4.ª questão) Trata-se de um filme provocante.

Primeira questão Embora opinião pessoal, reafirmo tratar-se de um muito belo filme, talvez um «demasiado» belo filme. Isto, que poderia ser encarado como uma «heresia», poderá significar que o torna ao filme com toda a probabilidade «desfasado», isto é, relativamente deslocado quanto ao tempo e ao local da sua apresentação, e também ao conjunto da população que ele poderia ou deveria abranger.

Daí que,

Segunda questão Penso tratar-se de um filme antecipado e ao mesmo tempo atrasado. Atrasado, na medida em que chegou algo tardiamente, pois fez falta (e ainda o faz, como toda a certeza!) de há dois anos e picos a esta data como parte integrante de um processo de inventário e conhecimento indispensáveis da nossa realidade o país que somos, como somos, etc. Este, e outros filmes, pois claro, são agora necessários, mas tê-lo-iam sido também há algum tempo atrás. E não é difícil descortinar o porquê. Por outro lado, é um filme julgo que antecipado, algo que vai muito à nossa frente, não estando provavelmente nós preparados para (nos) reconhecermos a existência de um outro país paredes meias com aquele que julgávamos ser o nosso de todos os dias. Pura ilusão! Que «lixada» impressão, que sabor amargo nos fica na boca!

. Vai ser um filme importante daqui a alguns anos, mas agora e aqui é mesmo incómodo! (Não o iremos tentar esquecer depressa de mais, com medo da vergonha que nos assalta?).

Terceira questão Trata-se de um filme aparentemente «intelectual». Com isto não pretendo diminuir tão sensível, tão bela e estranha obra, não. Simplesmente, o que pretendo dizer é que tal filme me parece resultar de uma extraordinária visão de artista (s), elaborada e tão difícil (os próprios autores o reconhecem e disso nos advertem com plena responsabilidade. Mas, a questão estará na visão do (s) artista (s) e na nossa penosa dificuldade em o (s) acompanhar, por (de) formação, ou será antes devida à não-identidade «daquele mundo» com o «nosso mundo» a que estamos habituados?).

Nesta perspectiva, não correrá o filme o risco de não ser reconhecido (aceite) pelas mais amplas camadas da população e os próprios intérpretes não se reconhecerem naquela realidade, que é a do (s) artista (s) e não a deles próprios, intérpretes?

Quarta questão Trata-se de um filme provocante. Entenda-se aqui «provocante» no sentido de uma clara bofetada vibrada em pleno rosto do espectador. Ou, se se quiser, um forte soco no estômago, sem ser esperado, o que nos retirou praticamente todo o fôlego. Foi esta uma das leituras possíveis que retirámos do filme.

É que, relembrando o filme, o sono é-nos perturbado! Com uma prévia certeza: a de que mesmo recuperado o sono, a consciência, essa, nunca mais nos deixará sossegado. E fica-nos um travo amargo na boca, uma interrogação permanente a bailar-nos no cérebro:

. será que nunca mais avançamos, será que nada mudará e que nos vamos quedar, ao longo dos tempos (dos outros) na (nossa) idade média?

. Ainda dentro do ar provocante que a obra contém, situa-se este: é um filme tremendamente «parado». Parece que nada acontece. É enervante estar perante aquela lentidão. Mas não é o filme que é parado. Estoiramos internamente quando, de súbito, nos apercebemos que não é o filme que é parado, mas sim a vida daquela região tão próxima, e tão longe!

A terminar:

Creio que a Comissão de classificação dos filmes em Portugal praticou um lamentável erro e uma grave omissão. Não consegui ver nos programas, nos cartazes, nos jornais, qualquer referência avisando o público acerca de o filme conter «cenas eventualmente chocantes»! Pensando melhor, talvez tenham razão. O filme não contém *algumas* cenas eventualmente chocantes! Ele é todo, mas todo, chocante! Altamente chocante!

PUB

MOÇÃO

DELEGADOS SINDICAIS DA INDÚSTRIA VIDREIRA (ZONA CENTRO) REPRESENTANTES TODOS TRABALHADORES DESTA INDÚSTRIA REPUDIAM ACTO TERRORISTA DE QUE FOI ALVO SEDE SUA ORGANIZAÇÃO INTERSINDICAL CONTRA O TERRORISMO CONTRA O AVANÇO DA DIREITA PELA LIBERDADE SINDICAIS.

SINDICATO TRABALHADORES INDÚSTRIA VIDREIRA (DELEGAÇÃO ZONA CENTRO).

Ciclo de cinema da Casa da Imprensa

. Integrado no XIII Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa, é hoje apresentado ao público, no cinema Império, o filme «WR-Os Mistérios do Organismo», realizado por Dusan Makavejev. Interpretações de Milena Dravic e Jagoda Kaloper.

A história da bela Midena, apaixonada perdidamente pelo campeão de patinagem artística Vladimir Flitch (pelo qual perde, literalmente, a cabeça) é envolvida numa atmosfera mista de humor negro, comédia e grotesco onde o documentário sociopolítico tem também o seu lugar.

Recorda-se que o filme em questão contribuiu definitivamente para a reputação de Makavejav, apesar da obra ter sido proibida na Jugoslávia e houvesse falhado no Festival Internacional de Pula, em 1971.

MADRE JOANA DOS ANJOS

O filme «Madre Joana dos Anjos», realizado por Jerzy Kawalerowickz, com Lucyna Winnicka e Mieczyslaw Voit, é apresentado amanhã.

O XII Ccilo de Cinema da Casa da Imprensa prossegue até ao dia 15, no cinema Império, com sessões às 15 e 15, 18 e 15 e 21 e 15 horas.

CONCERTO

Amanhã, às 17 horas

PRAÇA IMPÉRIO (junto ao Museu da Marinha)

BANDA DA GUARDA FISCAL

Direcção do cap. Alberto Cordeiro

em colaboração com a

Câmara Municipal de Lisboa

ADÓQUE teatro

RUA MARTIM MONIZ TEL 87 44 76

A GRANDE CÉGADA

UMA SENSACIONAL REVISTA PLURAL E SINGULAR!

ÊXITO!!!

HOJE: DUAS SESSÕES, ÀS 20.30 E 22.30 HORAS

Domingo «Matinée» às 16 h — Noite, às 20.30 e 22.30 h

(Não acons. men. 18 anos)

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDUSTRIAS QUÍMICAS DO CENTRO, SUL E ILHAS ADJACENTES E MOAGENS DO CENTRO E SUL

CONTRA O TERRORISMO

PELA DEMOCRACIA

O Sindicato dos Químicos de Lisboa, repudia o atentado bombista contra a Central Sindical Única dos Trabalhadores Portugueses INTERSINDICAL.

Mais uma acção fascista que visa tentar destruir as estruturas do Movimento Unitário dos Trabalhadores.

Solidarizamo-nos com os camaradas em todas as acções necessárias para que se tomem medidas firmes contra os reaccionários, contra o terrorismo, pela democracia.

A LUTA CONTINUA!

A DIRECÇÃO

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

CARLOS LOPES: UM COLECTIVO

. Assim é que eu gosto. Gente cumpridora de suapalavra. Medidas de austeridade? Em benefício do povo português? (eh pá, também não é preciso rices-te tão alto). Fala-se na necessidade de poupar energia e logo se atende ao preceito: a televisão encerra à meia-noite. Lógico. Se fechasse às três ou quatro ou mesmo cinco da manhã gastava-se muito mais energia. Lá isso.

Só que não se justificava o encerramento à meia-noite. Com o «Padre Brown» e mais as suas manigâncias metafísicas, a emissão logicamente atingia o seu termo. O **Cinema 76**, que ao chamar a atenção para quatro filmes portugueses merecia e justificava melhor atenção no mapa de programação, chegou já com sabor a causa perdida, a apêndice de segunda classe, a contrapeso. Noutras circunstâncias teríamos ouvido com mais atenção as palavras de Eduardo Geada que nos alertava para a actual fortíssima tendência para a recuperação capitalista (oxalá não venha alguém dizer-nos que, segundo a Constituição, o caminho para o socialismo passa por aí...) e para as palavras de Cunha Rocha ao desafiar Alfredo Tropa para que exerça os seus bons ofícios no sentido de se discutir na Televisão a actividade do Instituto Português de Cinema.

Chegávamos, porém, a meia-noite, e ainda faltava o documentário sobre a Volta a França e sobre a espectacular fuga de José Martins. A propósito, não deixei de recordar as palavras do jornalista EuricoTrindade, entrevistado para o Momento Desportivo, que a propósito de Carlos Lopes citava Eusébio e Joaquim Agostinho. Até onde teria chegado Joaquim Agostinho se o fascismo se tivesse interessado por ele mais do que aproveitar-lhe a ignorância política para o levar ao famigerado Congresso dos Combatentes, onde se fez a apologia da guerra colonial e doutras coisas? Até onde poderia ele ter chegado se houvesse uma Secretaria de Estado, como a actual, que pusesse a valorização dos grandes atletas como uma importante tarefa a cumprir, em benefício do próprio atleta e do desporto em geral?

. Exactamente para nos falar disto reuniu Serafim Marques, no estúdio o jornalista já mencionado, os professores Moniz Pereira e Fernando Ferreira.

Falou-se, como não podia deixar de ser, de Carlos Lopes. Moniz Pereira fez do atletismo a opção da sua vida. Fala dos seus atletas e o seu rosto logo se transfigura, os olhos ganham uma claridade que se confunde com a alegria. Tem razão para isso. Recordo as suas palavras emocionadas quando chegou a Lisboa depois da primeira grande vitória de Carlos Lopes: ele, técnico, apagava-se humildemente diante da sua obra. Obra que não é por acaso, como nos disse ontem, que depende do próprio atleta, do técnico e das condições de trabalho oferecidas a ambos.

A política de valorização individual (a par de uma gigantesca obra colectiva) levada a efeito pela Secretaria da Juventude e Desporto deu os seus frutos, não apenas em relação a Carlos Lopes, mas igualmente a outros atletas seleccionados para os jogos olímpicos que coleccionaram 16 vitórias no estrangeiro! Tinha razão o jornalista Eurico-Trindade quando lembrava o facto de a arrancada para o autêntico desporto ser obra pós-25 de Abril. Oxalá o esforço desenvolvido pela equipa da Secretaria de Estado não venha a perder-se nos meandros do compadrio, da incompetência e do desinteresse. O desenvolvimento desportivo no nosso país impõe a obrigação de manter esta equipa que tem, como se costuma dizer, uma obra que fala por si. mas Deus põe e o dr. Mário Soares, democraticamente, dispõe...

Pronto. Agora que perto da meia noite vimos o breve apontamento da Exposição da Juventude Soviética (pois era pá parecia mal não falar de uma das mais importantes exposições que tem percorrido o mundo, era chato, olha, mete-se isso no último telejornal...). Agora, que vimos fotografias (fotografias e não filme) da reunião da Intersindical no Técnico e soubemos, pelo Telejornal, que nessa reunião fora atacada a RTP, o que é injusto, profundamente injusto, e eu em injustiças não colaboro, a verdade é que a RTP é muito amiga da Intersindical, está sempre aos abraços e beijinhos a ela, dedicou-lhe muito menos tempo do que à CAP mas isso não quer dizer pescoço, aí a RTP gosta tanto tanto tanto da Intersindical... Agora, que soube que se pode ofender o Presidente da República ao preço da uva mijona agora já me posso ir deitar e dormir repousado.

Tudo vai bem, senhora marquesa.

"Colete Encarnado" em Vila Franca

. Continuando uma tradição que todos os anos leva milhares de lisboetas a Vila Franca, iniciaram-se, ontem, as Festas do «Colete Encarnado» que se prolongam por cinco dias.

O programa deste ano conta com a tradicional largada de toiros e várias manifestações desportivas e culturais. Assim, a manhã de hoje, foi inteiramente dedicada à criança, tendo-se realizado um concerto pelos alunos da Escola de Música do Ateneu Vilafranquense. Amanhã, haverá concertos, regatas no rio e canto livre, no Largo Carlos Pato.

RAINHA SANTA

Em Coimbra, desde as primeiras horas da manhã que as ruas da cidade começaram a ser percorridas por bandas de música que anunciaram a tradicional festa da «Rainha Santa», que dura até dia 11.

O programa tem torneios de basquetebol, provas de xadrez e de ciclismo, concursos de ténis de mesa, provas de estafeta, cortejo folclórico, festival para crianças, concerto do coro «Polyphonia Schola Cantorum» e, para terminar os folguedos, um festival na Praça Dr. Manuel Braga, às 22 horas de domingo.

A C. P. INFORMA:

LEILÃO

Em 5 de Julho e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos legais, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamadas.

Avisam-se os Srs. Expedidores e Consignatários das remessas e donos dos volumes de que podem ainda retirá-los até ao dia 2 de Julho nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas.

Para o efeito devem ser pagos aos Caminhos-de-Ferro os débitos que corresponderem, para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço Comercial de Mercadorias, Edifício da Estação de Santa Apolónia, em Lisboa.

Nas estações encontram-se afixados os Avisos correspondentes ao referido leilão

E D P
ELECTRICIDADE DE PORTUGAL
EMPRESA PÚBLICA
Redes das Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO IMPORTANTE

RESTRIÇÕES DE ENERGIA ELÉCTRICA

De acordo com os Despachos n.º 77/76 de 25-6-76 do Ministério da Indústria e Tecnologia e de 30-6-76 da Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, informamos todos os consumidores dos Concelhos abaixo indicados que, durante o corrente mês de Julho, se verificarão interrupções no fornecimento de energia eléctrica nas redes de distribuição de alta e baixa tensão.
Assim, a partir de 2.ª feira dia 5 e até 6.ª feira dia 9, inclusive, essas interrupções serão escalonadas como a seguir se indica, salvo casos de força maior:

Das 14 às 15.30 horas

Concelhos de: Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cascais, Cartaxo, Loures (parte norte), Mafra, Oeiras, Santarém, Sintra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira.

Das 15.30 às 17 horas

Concelho de Lisboa e a restante parte do Concelho de Loures.

Serão salvaguardados os fornecimentos considerados prioritários, tais como: estabelecimentos hospitalares, instalações importantes afectas ao abastecimento de água, transportes públicos (tracção eléctrica), na medida do possível e de acordo com as possibilidades de manobra das nossas redes.
Chama-se a atenção dos consumidores para o facto de, por necessidade de manobras, o restabelecimento de energia, após ou durante o período de interrupção, ser feito sem pré-aviso pelo que, por razões de segurança, deverão ser mantidas as precauções habituais, a fim de evitar possíveis acidentes.
Dada a possibilidade de retenção de pessoas dentro dos elevadores, aconselhamos os possíveis utentes dos mesmos a não os utilizarem nos períodos que imediatamente antecedem o início das interrupções de energia.

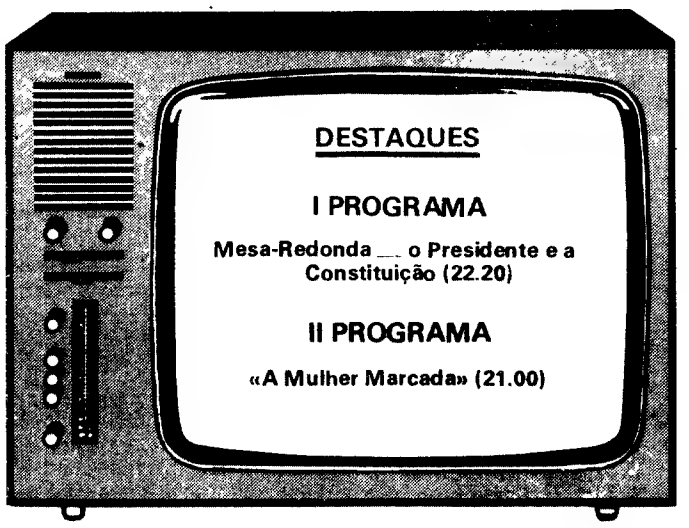
Hoje

I PROGRAMA

19.00 **Stop**
19.15 **Cinema de Animação** apresentado por Vasco Granja.
19.45 **«Gente do Amanhã»** série filmada.
20.10 **Cartaz TV**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição
21.05 **Jogos Sem Fronteiras n.º 2** realizados no Idrócio dos Desportos de Milão.
22.30 **Mesa-Redonda** o Presidente da República a Constituição. Participam Jorge Miranda (P.P.D. Nuno Godinho de Matos (P.S.) Vital Moreira (P.C.P.) e Francisco Lucas Pires (C.D.S.)
23.30 **Telejornal** 3.ª edição
23.45 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **Musica Antiga da Peninsula Iberica**
20.10 **O Clavicórdio e o Cravo** interpretes: Cremilde Rosado Fernandese, Manuel de Moraes. Apresentação de Simões da Hora
20.40 **Azulejaria Portuguesa n.º 1** um programa da Arca-Filme, sobre a evolução do azulejo em Portugal até ao século XVII.
21.00 **«A Mulher Marcada»** («Tarnished Lady») com Tallulah Bankhead, Clive Brook. Realizador: George Cukor. Ano de produção: 1931.
22.30 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
23.10 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

12.00: Abertura e Missa de Domingo; **12.45**: Mar Limiar; **13.15**: No Jardim Zoológico: **13.45**: Desenhos Animados «Chapi-Chapo»; **14.00**: Telejornal — 1.ª edição; **14.10**: Hoje pode ver; **14.15**: «A Mala de Hamburgo» — série filmada; **15.25**: Trânsito no Porto; **15.45**: «A Família Real na Broadway»; **17.05**: Presença do Brasil — um programa de Reinaldo Varela, José Manuel Coelho e Oliveira Pinto; **17.40**: «Patins de Prata»; **18.25**: Directamente do Estádio Nacional, transmissão da 2.ª jornada dos Campeonatos de Portugal de Atletismo; **19.30**: TV Rural; **20.00**: «The Goodies»; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição; **21.05**: Civilização — «Quase por Milagre» — um programa de Arte, escrito e narrado por Kenneth Clark; **21.45**: «O Sino da Liberdade» — um episódio da série «Os Jovens Rebeldes», alusivo às lutas de independência dos E.U.A.; **23.00**: Telejornal — 3.ª edição — que inclui o resumo filmado da etapa do dia da Volta à França em Bicicleta; **23.25**: Fecho.

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **Foi Êxito na TV** — «O Capitão Kloss»; **20.55** Jogos Sem Fronteiras n.º 2 — retransmissão do 2.º programa do torneio de 1975, realizado em Milão: **22.20**: Telejornal; **22.45**: Cinema de Animação, **23.15**. Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

A última "chance"

. Para o algarvio Helder de Jesus, (à esquerda), como para o sportinguista Carlos Cabral, a última «chance» de conseguir mínimo de qualificação olímpica bate à porta este fim-de-semana, nos campeonatos de Portugal, na pista do Jamor. Terão três colegas como «lebres»: Carlos Lopes, Fernando Mamede e Aniceto Simões, todos reunidos no pensamento de ajudarem a ampliar a delegação do nosso Atletismo aos Jogos de Montreal. Sim ou sopar

"Tour": Martins sai do anonimato

. Impondo-se ao «camisola amarela» no «print» final, Jacques Esclassant ganhou, no hipódromo de Divonne Les Bains, a 8.ª tirada que assinala o fim do primeiro acto do «Tour». Com efeito, os corredores têm hoje um dia de descanso, a anteceder a série de etapas alpestres que se inicia amanhã.

Foi já próximo da meta, depois de Labourdette, Molineris e Paolini terem atacado sem êxito, que o pelotão se reagrupou. Todos se lançaram para o «print» em que Esclassan sairia vencedor destacado.

Fazia já muito calor quando foi dada às 10 e 30 a partida aos 121 corredores em prova. Sucederam-se, logo de início, as tentativas de fuga, pertencendo a primeira a Esclassan, perseguido por Talbourdet, Van Impe e Bouloux. Sem êxito, porém, o mesmo se verificando a seguir com Denmat e Courbeau.

O único corredor português na prova, José Martins, resolveu também lançar uma ofensiva nesta tirada. Adiantando-se ao pelotão aos 31 quilómetros, abordou a subida do Maiche com um avanço de 40 segundos. Grande e Romero tentaram ir em sua perseguição mas depressa foram absorvidos pelo pelotão.

José Martins ganhou a contagem do Maiche com uma vantagem de 48 segundos. Prosseguindo o seu esforço acrescentou, aos 45 quilómetros, mais dez segundos ao seu activo. Soube-se nessa altura da desistência de Parecchini, o vencedor da etapa de Nancy.

Entretanto Baronchelli, ressentindo-se da queda sofrida na passada quarta-feira, recebeu a devida assistência.

José Martins registou o seu avanço máximom(1' 45") aos 51 quilómetros. Nessa altura a equipa de Maertens deu o sinal de ataque e o português acabou por ser alcançado aos 64 quilómetros.

No entanto veio a ser-lhe atribuído o prémio da «mais bela fuga» do dia.

Vinte e oito quilómetros adiante verificou-se uma queda colectiva em que estiveram envolvidos Vianen, Ovion, Pronk, Van Vilierberghe, José Martins, Seznec, Raas, Van Den Hoeck, Conati e Marcos. Todos se recompuseram, porém, não tardando a recolar, pelo que o pelotão chegou agrupado ao «controlo» de abastecimento de Pontarlier (104 km).

ESTREIA FRANCESA

Sibille (aos 110 km), Boulux (aos 120) e Perret (aos 125) tentaram escapar-se, mas só este último conseguiu manter-se isolado durante alguns quilómetros. Verdade seja que o pelotão se mostrou complacente, pois sabia que Perret se adiantara para ter tempo de abraçar a família.

Na subida do Marechet (154 km), Conati ganhou a contagem à frente de Bellini e Kuiper. Logo a seguir Laurent e Meslet tentaram a sua sorte, mas, tal como as anteriores, esta ofensiva foi rapidamente anulada. Uma tentativa de Mathis foi igualmente mal sucedida, apesar da ajuda que lhe foi dada por De Witte, Ricconi e Perurena.

Antes de se chegar a Morez, as condições atmosféricas alteraram-se e, pela primeira vez, os corredores tiveram chuva pela frente, no «ponto quente» (meta volante) desta etapa (172 km), Gualazzini, Mintkiewicz e Guilloux classificaram-se por esta ordem e insistiram no seu esforço. Na subida de Rousses, Lasa juntou-se a este trio. José Martins e Herédia, seguidos de Beon e Van Impe, comandaram a perseguição do pelotão. No cume (185 km), Bellini foi o primeiro, à frente de Baroncheli, Bergamo. Kuiper, Van Impe e Poulidor. Formaram-se dois pelotões e Maertens, que sofreu a arrelia de um firo, promoveu o reagrupamento, depois de se ter visto durante alguns momentos integrado no segundo grupo.

Entretanto, deixou de chover e Labourdette tentou a sua sorte. Aos 190 km, registava um avanço de 42 s sobre o pelotão. Na subida de Faucille (198 km) conservava 37 s. A 10 km da meta, Labourdette tinha ainda uma vantagem de 32 s, mas uma avaria na roda da máquina obrigou-o a pedir assistência e foi alcançado pelo pelotão.

Molineris e Paolini revezaram-no no comando, mas foram absovidos pelos seus imediatos perseguidores antes mesmo de acancarem o circuito terminal. A vitória da etapa decidiu-se, pois, ao «sprint». Esclassan colocou-se na melhor posição para o triunfo, resistindo bem ao ataque de Maertens. Foi a primeira vitória de um francês neste 63.º «Tour»

MANZANEQUE DROGADO

O «contrôle» médico efectuado no final da terceira etapa, o contra-relógio do Touquet, deu um resultado positivo para o espanhol Jesus Manzaneque. Por conseguinte, e de acordo com o regulamento do «Tour», Manzaneque é castigado com uma multa de mil francos suiços, relegado para o último lugar na etapa e penalizado com dez minutos na classificação geral. Manzaneque terminaria em quarto lugar, nesta etapa.

CLASSIFICAÇÕES

ETAPA. 1.º, Esclassan (Fr.), 5 h 54 m 11 s (média 37,354 km/h); 2.º, Maertens (Belg.), 3.º, Gavazzi (It.); 4.º, Paolini (It.); 5.º, Lasa (Esp.); 6.º, Mintkiewicz (Fr.); 7.º, Hezard (Fr.); 8.º, Borgognoni (It.); 9.º, De Witte (Belg.); 10.º, Slagolen (Belg.); 54.º, José Martins (PORT.), todos com o mesmo tempo do vencedor. O prémio da combatividade foi concedido ao francês Labourdette.

GERAL INDIVIDUAL: 1.º, Maertens (Belg.), 40 h 51 m 46 s; 2.º, Pollentier (Belg), a 2 m 04 s; 3.º, Danguillaume (Fr.) a 3 m 23 s; 5.º, Poulidor (Fr.) a 3 m 31 s; 6.º, Pronk (Hol.), a 3 m 32 s; 7.º, De Witte (Belg.), a 3 m 45 s; 8.º, Bellini (It.), a 3 m 48 s; 9.º, Baronchelli (It.), a 3 m 51 s; 10.º, Van Impe (Belg.), a 3 m 54 s; 23.º, José Martins, a 5 m 28 s.

GERAL DA MONTANHA: 1.º, Bellini, 27 pontos; 2.º, Kuiper, 24 p.; 3.º, Conati, 11 p.; 5.ºs, Bergamo e JOSÉ MARTINS, 8

FUTEBOL EM EBULIÇÃO

Benfica ao trabalho sem técnico

. No Estádio da Luz, principiou o trabalho para os futebolistas. Todavia, ainda não existe técnico principal, e as formações encontram-se momentaneamente entregues aos cuidados de Rui Silva que permanece como adjunto de uma figura não conhecida...

Ontem, houve contactos telefónicos com a Grécia, onde se encontra o brasileiro Aimoré Moreira; não apareceu acordo simplesmente porque, a tempo e horas, o Panathinaikos já assegurara a prorrogação dos serviços com o seu treinador.

Gorada (também) uma nova vinda de Mário Wilson para a Luz (o mestre moçambicano, homem de uma só palavra, já se comprometera com o Boavista), impossibilitada a contratação de Peres Bandeira (mais seduzido pelo convite federativo), abdicada a «descoberta» de Daria Gradi (em face da oposição imediata de treinadores portugueses e, em derradeira análise, da própria entidade sindical), declarando-se pela voz de dirigentes benfiquistas que «nada há em relação a José Augusto ou Simões», fica-se na única porta aberta: a do espanhol Miguel Muñoz, ainda que a verba solicitada pelo ex-Real Madrid fique bastante além do que desejavam pagar os homens do Benfica.

De qualquer modo, uma situação estranha. O Benfica a começar os treinos sem orientador à altura das suas aspirações e do seu prestígio.

SPORTING

Cresce o interesse do Sporting pela contratação de um bom extremo esquerdo, falando-se em círculos directamente ligados a Alvalade que a hipótese de recrutamento do paraguaio Gonzalez (ainda que implicasse abertura dos cordões da bolsa) seria ouro sobre azul.

COIMBRA

. . Meirim ou Juca? Para a chefia técnica do Académico de Coimbra, os dois nomes estão na baila.

FEDERAÇÃO

. . Peres Bandeira está prestes a rubricar, com a Federação, um contrato com a validade de três anos, para orientar as selecções que representarem o futebol português.

BOAVISTA

. . Na hipótese da cedência de Alves ao clube espanhol Salamanca, é provável que o Boavista obtenha a transferência do leixonense Frasco ou do belenense Pietra.

PORTUGAL

ANDEBOL

. Hoje há andebol. Taça de Portugal feminina: Liceu de Oeiras-Belenenses, na Cruz Quebrada, às 18; Académico de Braga-Académica de Coimbra, em Braga, às 21 e 30. Taça de Portugal masculina: Académica da Amadora-Desp. Portugal, na Amadora, às 19; Académica de S. Mamede-Atlético, em S. Mamede de Infesta, Águas Santas-F. C. Porto, na Maia, e Benfica-Almada, no Pavilhão da Luz, às 21 e 30. Campeonato de Lisboa de Juvenis da II Divisão. No pavilhão da Ajuda: Ferreira Borges-C. D. U. L., às 18; Encarnação-Atlético, às 18 e 50; Mirantense-Alverca, às 15. Campeonato Feminino de Lisboa da II Divisão: Ferreira Borges-Cova da Piedade, no Pavilhão da Ajuda, às 17. Campeonato Feminino de Lisboa da I Divisão: Liceu de Oeiras-Belenenses, na Cruz Quebrada, às 18. Festival do Cova da Piedade, em Almada, às 14 e 30. Torneio relâmpago em Almada, com a participação do Galatti, Encarnação e Misto C. D. U. L.-Passos Manuel, às 20.

FESTA

. . No restaurante da F. I. L. (Belém), pelas 20 e 30, jantar comemorativo do aniversário do Casa Pia.

BASQUETEBOL

. . Um jogo importante para o Campeonato Nacional de Basquetebol: esta noite (21 e 30) actua o Sangalhos no Barreiro, perante o Barreirense. Se os sangalhenses triunfarem, há necessidade de uma finalíssima com o Sporting para encontrar o titular português.

HÓQUEI EM PATINS

. . Logo à noite, haverá hóquei patinado.

Campeonato Nacional da I Divisão: F. C. Porto-Benfiça, nas Antas, às 17; Valongo-Juventude Salesiana, em Valongo; Oeiras-Oliveirense, em Oeiras, e Sporting-Infante de Sagres, no Pavilhão dos Desportos, às 21 e 45. Campeonato Nacional da II Divisão: Termas-Académica de Coimbra, em S. Pedro do Sul; Candal-Académico de Braga, no Candal; C. D. U. P.-Vilanovense e Águias do Porto-Riba de Ave, ambos no Porto; Campo de Ourique-Empregados no Comércio de Santarém, em Campo de Ourique; Estremoz-Turquel, em Estremoz; Sp. Tomar-Sintra, em Tomar, e Belenenses-Rossiense, em Algés, às 21.30. Campeonato de Lisboa de infantis: Alverca-Cascais, em Alverca, às 21 e 30.

Por seu lado, o calendário desta modalidade para amanhã e, igualmente, aliciante. Ainda para o Campeonato Nacional da I Divisão: F. C. Porto-Juventude Salesiana, nas Antas. Valongo-Benfica, em Valongo. Sporting-Oliveirense, no Pavilhão dos Desportos e Oeiras-Infahte de Sagres, em Oeiras, às 21 e 45.

Futebol ou praia: o dilema

. Apesar da canícula, apesar dos contratos dos jogadores estarem a concluir-se, apesar de nada (nadinha) o justificar, ainda há futebol de campeonato neste quente Julho. Hoje, por exemplo, competem Sporting e Braga (no Municipal de Coimbra), na final da «Taça Nacional de Juvenis». E, para o torneio da 3.ª divisão, defrontam-se Tirsense e União de Coimbra, às 17 horas, em Santo Tirso.

No Restelo, a partir das 20, também se chuta: juniores-juvenis (treino de selecções) e, depois, Belenenses-Pogan (da Polónia) para o «Intertoto», enquanto na Dinamarca o Vitória de Guimarães joga as cristas com o Holback.

Amanhã (domingo de praia...) há mais bola. No Estádio do Bessa: Selecção do Porto-selecção de Viseu (juvenis), às 10; selecção do Porto-selecção de Viseu (iniciados), às 11 e 30.

Torneio de Competência I-II Divisão; Montijo-Salgueiros, no Montijo, e U. Tomar-Beira Mar, em Tomar, às 17.

Torneio de Competência II-III Divisão: Paredes-Vilanovense, em Paredes; Vila Real-Académico de Viseu, em Vila Real; Alcochetense-Odivelas, em Alcochete, às 17.

Campeonato Nacional da III Divisão: Portalegrense-Vasco da Gama, em Portalegre, às 17.

Oriental sem dinheiro

. Os associados do Oriental estiveram ontem 70 minutos em assembleia geral. Mas ficaram a conhecer bastantes coisas.

Para a futura gerência está constituida uma lista, encabeçada por Nobre Alves (assembleia geral), Mário Gonzaga Ribeiro (direcção) e José Augusto Laranjeira (conselho fiscal). A eleição vai ocorrer na noite do próximo dia 8, esperando-se dessa feita maior número de orientalistas presentes: ontem, pouco mais de seis dezenas trocaram a Televisão pela vida clubista.

No decorrer da reunião, Mário Gonzaga Ribeiro apresentou diversos pontos de vista, em torno da necessidade de serem alterados os estatutos da colectividade e, também, se analisar bem a posição do seu futebol, com a contratação (a tempo e horas) de técnico responsável, não sendo de excluír a continuidade de Vinueza, cijo labor tem sido apluadido pela massa associativa do C.O.L.

Soube-se, simultaneamente, dois factos desagradáveis: que o passivo do Oriental é da ordem dos 400 contos e que o antigo jogador Monteiro processara o clube com falta de pagamento de honorários (40 contos).

Entretanto, vai proceder-se ao arrelvamento e a outras obras de melhoramento no campo de jogos, com a criação de novo posto clínico, melhores cabinas para árbitros e uma lavandaria.

LÁ FORA

RACISMO

Ao aceitar o princípio de uma federação única englobando todas as turmas sul-africanas, seja qual for a sua cor, o futebol sul-africano acaba de dar um «passo de gigante» na via do multirracialismo.

Decidiu, nomeadamente, que os representantes de todas as federações «raciais» de futebol da África do Sul se reunam em 21 de Agosto próximo, em Joanesburgo, a fim de examinar em comum um projecto concreto de federação multirracial.

Desporto

Olimpíadas enredadas na política

O Comité Olímpico Norte-Americano ameaçou o Comité Olímpico Internacional não ratificar as Olimpíadas.

Aparentemente esta decisão tem em vista levar o Governo canadiano a aceitar os atletas da Formosa, nas competições, não os substituindo pelos representantes da China.

Entretanto, em Otava (Canadá) uma fonte afecta ao departamento dos Negócios Estrangeiros anunciou ontem que uma *«vasta e de superior qualidade»* delegação da China participará de competições pré-olímpicas, numa diligência para lhes ser concedido o estatuto de participante e expulsar os representantes da Formosa.

Porém, a mesma fonte acrescentou que não é provável que essa decisão leve o Comité da organização das Olimpíadas a substituir a Formosa pela China, antes do início dos Jogos, no próximo dia 17.

O informador acrescentou que oito das 20 federações nacionais que integram aquele organismo mundial já aceitaram a China e rejeitaram a representação da Formosa: e considerável pressão deverá ser exercida sobre a Federação Mundial, para conseguir uma decisão unanime.

O presidente do Comité, norte-americano, Philip Krumm, anunciou ter enviado hoje um telegrama a Roger Rousseau, presidente da Comissão Organizadora dos Jogos de Montreal, no qual o seu Comité *«protesta energicamente e pede a imediata reconsideração da iniciativa tomada pelo Governo canadiano, restringindo a participação do Comité Nacional Olímpico da Formosa, membro que goza de boa reputação no Comité Olímpico Internacional, nos Jogos Olímpicos de 1976 em Montreal»*.

A mensagem acrescenta que a participação americana ficará gravemente comprometida *«se os Jogos forem declarados não «oficiais» pelo «COI»* e frisa que as Olimpíadas *«devem permanecer livres da política internacional»*

MAIS PROBLEMAS

O facho olímpico não será enviado para Montreal se o Comité Olímpico Internacional retirar o seu patrocínio aos Jogos. O facho deve partir da Ancestral Olympia, no dia 15.

Em Kampala, o presidente Idi Amin afirmou que a equipa olímpica do Uganda não tomará parte nos Jogos de Montreal se a Nova Zelândia neles participar — anunciou a Rádio ugandesa.

Segundo a emissora, Amin acusa a Nova Zelândia de cooperar com o governo de minoria branca da República da Africa do Sul, ao permitir que uma equipa de râguebi neozelandesa se exiba no país sul-africano.

. Quando em 1972, Roger Rousseau assumiu os cargos de presidente e comissário-geral do Comité organizador das Olímpiadas de Montreal não havia nada: excepto papel e lápis para anotar o que era preciso fazer.

Partimos do zero absoluto — disse Rousseau, um diplomata de carreira «emprestado» pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, que classifica esta sua missão uma *arte de tornar possível o impossível.*

O antigo embaixador do Canadá nos Camarões que conta 55 anos, confessa que teve sérias dúvidas sobre a viabilidade da realização dos Jogos de Verão, agora a dias de vista.

Muitas vezes perguntámos a nós próprios: vamos fazê-los? Valerá a pena ou devemos desistir?

. Quando o «Mayor» de Montreal (Jean Drapeau) lhe pediu para assumir a chefia da organização Rousseau recusou: *Disse-lhe que não, que não percebia nada disso, mas Drapeau respondeu: Faça como eu, aprenda.*

Nessa altura Rosseau soube que Drapeau já tinha mexido os cordelinhos no Ministério dos Negócios Estrangeiros e que até tinha falado com o próprio primeiro-ministro Trudeau. O «mayor» de Montreal conseguiu (assim) um embaixador para chefiar o comité organizador: uma couraça diplomática para as inevitáveis críticas, ao mesmo tempo que uma competência universitária em gestão industrial, financeira e comercial.

Ter um passado diplomático é quase imperioso nesta espécie de missão — notou Rosseau, sublinhando: *É preciso aqui alguém que compreenda bem que o mundo não é só o Canadá e que saiba usar a diplomacia para manter o equilíbrio do empreendimento olímpico perante as mais variadas pressões de todos os quadrantes e níveis.*

ENTRETANTO

Em todo o Mundo, por força de preparação, acelerada, os «records» tombam. Esta semana, o atleta neozelandês John Walker estabeleceu em Oslo um novo recorde mundial dos 2.000 metros, especialidade não-olímpica, cobrindo a distância em 4 minutos 51,4 segundos, menos 4,8 segundos que o anterior recorde em vigor desde há quase 10 anos, pertença do francês Michel Jazy. A proeza foi obtida no Estádio Bislet, de Oslo, numa reunião internacional.

A proeza foi obtida no Estádio Bislet de Oslo, numa reu-

ão internacional.

Já o ano passado John Walker, ficara a seis décimos de segundo da marca obtida por Jazy, em 12 de Outubro de 1966. Os tempos do neozelandes de 400 em 400 metros foram: 60 segundos — 1.18,5, 3.54,0 e finalmente 4.51,4.

Dando um ar de triunfo neozelandês nesta reunião internacional, Rod Dixon e Dick Quax completaram a prova de 1.500 metros nas duas primeiras posições com tempos bastante bons. Dixon fez 3.36,1 e Quax gastou mais seis décimos de segundo. O 3.º foi o norueguês Lars Kaupang, que, ao fazer 3.37,4 s. estabeleceu novo recorde do seu país.

A corrida de 5.000 metros com interesse especial para comparação dos tempos obtidos com as marcas do português Carlos Lopes, foi ganha pelo especialista finlandês Pekka Paeivaerinta, em 13 minutos 40,8 segundos, menos quatro décimos que o norueguês Knut Boeroe: 13.42,6 foi o tempo obtido por Michael Karst (da Alemanha Federal) e Hideki Kyta (do Japão). Aliás os oito primeiros da prova fizeram menos de 13 minutos e 50 segundos. Carlos Lopes conseguiu já este ano 13 minutos e 24 segundos.

ELAS

A atleta Valentina Gerasimova (da URSS) estabeleceu novo recorde mundial na prova de 800 metros. Numa prova realizada em Kiev, Gerasimova, percorreu a distância em um minuto e 56 segandos, batendo por 1,5 segundos o anterior recorde que pertencia a Svetla Zlatevoi (da Bulgária).

Por seu lado, a alemã ocidental Inge Helten estabelceu novo recorde mundial dos 100 metros, com cronometragem electrónica, no tempo de 11,04 segundos durante um torneio internacional de atletismo realizado em Fuerth.

Inge Helten tirou três centésimos de segundo à marca anterior, que estava na posse de duas atletas: Renate Stecher (da Alemanha Oriental) e Wyomia Tys (dos Estados Unidos).

ELES

O atleta britânico Brendan Foster foi o vencedor da prova dos 10.000, no torneio de selecção para os Jogos Olímpicos de Montreal, conseguindo na pista de Crystal Palace a marca de 27 minutos e 53,70 segundos, o que constitui o segundo melhor tempo mundial deste ano. A melhor marca conseguida este ano nos 10.000 metros pertence ao português Carlos Lopes (com 27.45,8) e foi obtida em Munique, no dia 30 de Maio, durante o encontro encontro entre a Alemanha Federal e a União Soviética, para o qual Carlos Lopes foi especialmente convidado.

Em 2.º lugar ficou Tony Simmons (com 27.56,4) enquanto o 3.º lugar foi conquistado por Bernard Ford (com o tempo de 28.34,25). Ian Stewart, que na passada semana fora 3.º na prova de 5000 metros foi obrigado a desistir a quatro voltas do fim, devido a sofrer de bolhas nos pés.

PREPARAÇÃO

Durante uma competição pré-olímpica efectuada em Dusseldorf, o francês Guy Drut venceu os 110 metros barreiras, com o tempo de 13,65 segundos, ficando em 2.º lugar Frank Siebeck (da RDA) com o mesmo tempo do vencedor.

Nos 400 metros planos, Akii-Bua (do Uganda) bateu os restantes concorrentes, obtendo o tempo de 45,82 segundos, tendo também ganho os 400 metros barreiras, com 49,21 segundos.

A soviética Faina Melnik, recordista mundial do lançamento do disco, venceu esta modalidade com um lançamento de 65,38 metros, batendo a segunda classificada, a romena Argentina Menis, por 12 centímetros.

A prova de 1.500 metros femininos foi ganha pela romena Natália Marasescu (que fez 4.04,2 minutos) seguida pela sua compatriota Maria Puica (4.06,1) e pela campeã da RFA (Brigitte Kraus), com 4.07,4.

Nos 4x400, a equipa feminina da RFA registou 43,38 segundos, contra 44,08 da representante francesa, ficando a Polónia em 3.ª com 44,25 segundos. Na mesma modalidade ganhou também a equipa masculina da RFA, que obteve 39,50 segundos, contra os 39,83 conseguidos pelos franceses que ficaram no 2.º posto. Nestas provas, a França foi relegada para o 2.º lugar devido à má transmissão do testemunho.

Klaus Peter Hildenbrand assegurou o 1.º lugar nos 5.000 metros fazendo 13.29,6 seguido por Jacques Boxberger, da França, (13.44,4). Emiel Puttemans (da Bélgica) que detém o recorde do Mundo, ficou em 4.º lugar com 13.48,0 minutos. Thomas Wessinghage (da RFA) ultrapassou o belga Ivo Van na ultima volta, vencendo a prova dos 1.500 metros, em 3.37,3 minutos.

Os atletas da RFA impuseram-se nos 100 metros planos, vencendo Annegret Richter, que passou a meta aos 11,42 segundos, sendo a 2.ª e 3.ª posições para as suas compatriotas Annagret Kroninger (11,62) e Maren Gang (11,67).

Os 100 metros barreiras femininos foram ganhos pela romena Valeria Stefanescu (com o tempo de 13,25 segundos) batendo Esther Rot (de Israel) que fez 13,37 segundos. O polaco Voyciek Buciaski venceu o salto à vara com a fasquia a 5,50, falhando seguidamente as três tentativas para bater o recorde mundial do americano Eral Bell, que ultrapassou os 5,67 metros.

Irene Szewinske (da Polónia) detentora do recorde mundial dos 200 metros planos, destacou-se logo à partida dos 400 metros que venceu com 50,51 segundos, seguida pela corredora da RFA a (bela Rita Wilden) que gastou 51,77 segundos a fazer o percurso.

RDA

Os atletas da Republica Democrática da Alemanha, que ganharam 20 medalhas de oiro nas Olímpiadas de Munique, há quatro anos, estão a pensar no dobro em Montreal e, pela primeira vez, desafiam os Estados Unidos e a União Soviética como uma «superpotência» desportiva.

As nadadoras da Alemanha Oriental bateram 15 recordes do Mundo nos seus campeonatos nacionais, nos princípios de Junho e só não lhes pertencem duas marcas mundiais. Os remadores são os favoritos para todas as medalhas de oiro olímpicas e no atletismo os representantes masculinos e femininos do país serão «os melhores de sempre».

Muitas teorias têm sido expostas como razão desta valorização geral, incluíndo o uso de estimulantes, mas a isto respondeu o dr. Willdor Hollinann, director da Academia de Medicina Desportiva de Colónia (Alemanha Federal):

. *Não há nada de anormal nos métodos de treino dos atletas da RDA. Tanto quanto sei, estão a tirar os resultados de mais de 20 anos de trabalho duro, bem orientado e em parte concentrado nas modalidades mais susceptíveis de proporcionarem êxitos internacionais. Na natação (por exemplo) o nível feminino internacional era relativamente baixo, comparado com o masculino. Os alemães-orientais lançaram-se à conquista do desnível, tirando vantagem do seu sistema de planear, dingir e controlar tudo.*

Ursel Wirth-Brunner, antiga campeã de natação da Alemanha Federal e representante do seu país nos Jogos Olímpicos de 1964, acrescentaria:

. *O sistema de selecção também tem ajudado as nadadoras da RDA a eclipsarem as suas rivais. Eles escolhem raparigas altas, de tipo masculino, de mãos e pés grandes. O tipo genuinamente feminino já deixou de ter lugar na equipa nacional.*

Ursel sabe o que diz porque ela foi preparada para as Olimpíadas de 1964 no centro de treino da República Democrática da Alemanha, em Rostock, a convite da respectiva direcção.

SEGURANÇA

Os primeiros contingentes significativos de forças militares entraram ontem em Montreal, para ajudar a estabelecer operações de segurança durante os jogos que começam a 17 do corrente.

O capitão Geoff Haswell, das Forças Canadianas disse que um total de 1.500 homens e 300 viaturas deveriam chegar durante o fim-de-semana. Cerca de 5.650 soldados de combate e 3.350 elementos de apoio das Forças Canadianas estarão a postos para os jogos. Cooperarão com a Real Polícia Montada Canadiana e com polícias locais e provinciais, uma força total de segurança de 16 000 homens.

As autoridades canadianas declararam que a equipa israelita nas Olimpiadas de Montreal, seria alojada em instalações separadas, e sob rigorosa vigilância para evitar o perigo de uma repetição da chacina de Municuqe em 1972. Serão tomadas rigorosas medidas de segurança nos aeroportos e os visitantes de países do Médio Oriente necessitarão de vistos especiais para entrar no Canadá, vindo dos Estados Unidos.

Fontes afectas à equipa olímpica declararam que as autoridades israelitas iam fornecer também uma segurança especial para os 35 atletas e autoridades desportivas. Recorda-se que onze desportistas israelitas foram mortos por guerrilheios árabes que invadiram a aldeia olímpica em Munique e fizeram vários reféns.

O jornal «Yediot Aharonot» dizia que a Polícia israelita tinha pedidod às autoridades holandesas que interrogassem um indivíduo detido na Holanda após uma explosão no aeroporto de Telavive, acerca de suspeitas de que a organização responsável talvez estivesse a planear outro ataque em Montreal. O holandês (Hugo Mueller) é acusado de ter entregue o seu passaporte a um jovem alemão morto com uma jovem agente de segurança, quando a mala armadilha do alemão explodiu no aeroporto há duas semanas.

Falina Melnik: recordista mundial, treina atirando o disco a 65,38 metros. O seu «record» fica longe: 70,50 m

Campeões triturados

. «Há seis anos que estamos desempregados» confessaram Tommy Smith e John Carlos, medalha de ouro e prata dos Jgos Olímpicos do México. Quando subiram ao «podium» ergueram bem alto uma luva preta. Era o símbolo do «poder negro» que aqueles dois atletas exibiam ao Mundo inteiro.

Esta ousadia custou-lhe a expulsão da aldeia olímpica pelos dirigentes da equipa norte-americana. Mas a sociedade «democrática e pluralista» dos E. U. A. é que jamais lhe perdoou. E, há seis anos que não conseguem trabalho. *Mas não estamos arrependidos* — proclamam.

Também a veloz Colette Besson (medalha de ouro de 400 metros) que a França recebeu entusiasticamente no seu regresso da Cidade do México, viria a confessar que esperava «subir na sua posição social».xafinal, como professora, o seu ordenado mal lhe dá para vifer.

Eis dois exemplos. Atletas que tudo deram pelo desporto, estão em dificuldade. Os primeiros, porque lutaram por uma sociedade mais justa. E Colette foi «arrumada». Esquecida. Enquanto os jornais falam e as homenagens se sucedem, os atletas têm a sensação de que tudo vai melhorar. Depois, vem o dia-a-dia. As privações. As perseguições. Duas sociedades, duas trituradoras de «campeões».

F. M.

PASSAPORTES abreu
Av. da Liberdade 160-LISBOA

Geral

Inaugurada a Rua Branco Rodrigues

No âmbito do seu cinquentenário, Branco Rodrigues tem a partir de ontem o seu nome numa rua de Lisboa.

Para o efeito, e com a presença do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, realizou-se na antiga Travessa de S. Sebastião a cerimónia do descerramento de uma placa toponímica em que é dado o nome de Branco Rodrigues, o grande benemérito dos cegos neste País, aquela travessa.

"Medicina Tropical no ano II da descolonização"

A propósito do texto inserto na nossa edição do passado dia 28 de Junho intitulado **«Medicina Tropical no Ano II da Descolonização. Instituição-fantasma com a gestão democrática em perigo?»**, recebemos do Conselho Directivo do Instituto de Higiene e Medicina Tropical o seguinte esclarecimento: «Na edição de 28 do corrente do conceituado jornal dirigido por V.Exa. foi publicado (a pág 6) um artigo subordinado ao título «Medicina Tropical no Ano II da Descolonização. Instituição-fantasma com a gestão democrática em perigo?».

Tal artigo surpreendeu, logicamente, os trabalhadores do Instituto de Higiene e Medicina Tropical pelo insólito da posição assumida, da linguagem utilizada e, sobretudo, a falta de informação concreta, objectiva e verdadeira para a sua feitura.

Aspectos que contrastam nitidamente com a habitual segurança de informação a que o «Diário de Lisboa» nos habituara.

Por isso se reuniram ontem em plenário, decidindo por unanimidade:

«1.º Repudiar as afirmações aí contidas, por menos verdadeiras, tendenciosas e atentatórias da vida democrática que nesta instituição se tem vivido desde o 25 de Abril de 1974;

2.º Solicitar, ao abrigo da Lei de Imprensa em vigor, que este desmentido seja publicado — com o mesmo relevo — no vosso jornal;

3.º Encarregar o Conselho Directivo de tentar averiguar junto de V. Exa. a origem das informações que levaram à elaboração do artigo;

4.º — Convidar os responsáveis do «Diário de Lisboa», para visitarem o IHMT, recolherem as informações que entenderem e debaterem com os trabalhadores os problemas da sua gestão».

Aproveitamos o ensejo para esclarecer desde já os vossos prezados leitores sobre alguns dos pontos versados no referido artigo:

1.º — O Instituto de Higiene e Medicina Tropical foi fundado em 1902, logo depois dos da Inglaterra (1899) e Alemanha (1900), sendo, portanto, o terceiro da Europa em termos cronológicos.

2.º — Durante a sua existência dedicou-se fundamentalmente aos problemas de saúde nos trópicos, dentro do que a legislação lhe cometia, tendo tido sempre uma meritória e prestimosa acção por todos reconhecida.

3.º — Mas não é só — como no referido artigo se afirma — nas áreas tropicais que a sua acção se tem processado e processa. De facto, por vezes o IHMT deu contribuições valiosas à resolução dos problemas de saúde no território metropolitano, sendo hoje a única Instituição que mantém serviços especializados de Clínica das Doenças Tropicais, capazes de darem o apoio correcto e indispensável a todos os portugueses que, com breve ou longa permanência nos trópicos, viram a sua saúde abalada.

4.º — Simultaneamente têm decorrido os cursos normais para preparação de técnicos e as linhas de investigação que tão úteis têm ao bem de Humanidade, sobretudo das classes mais desfavorecidas.

5.º — Será isto uma «instituição-fantasma»? Não prestará ela «aos trabalhadores portugueses os serviços que eles têm»?!

6.º — É óbvio, a qualquer mentalidade menos esclarecida, que o problema principal do IHMT não pode ser a alteração dos seus órgãos de gestão. A questão básica era, desde o 25 de Abril, saber qual a tutela administrativa que nos competia, para de acordo com as directrizes governamentais e a vontade dos trabalhadores se definirem programas de acção. Ora como se refere no artigo em questão essa tutela só agora foi concretizada e no diploma legal ficou bem expresso que para além dos problemas de saúde tropical competia ao IHMT «sem prejuízo de outras (funções) que por lei lhe sejam atribuídas, as que no mesmo diploma se prevêem», mas que o articulista omite.

7.º Não sendo naturalmente prioritária, nem por isso a reorganização de uma gestão democrática, à luz da experiência adquirida ao longo destes dois anos, deixa de ter cabimento, tanto mais que estando a terminar os mandatos dos órgãos democraticamente eleitos se vai proceder à sua substituição.

8.º — Para tanto, e de harmonia com as competências que o plenário de trabalhadores lhe atribuiu, as Comissões Pedagógicas e Científicas e a de Reestruturação — e não como se escreveu no artigo «o Conselho Directivo e a Comissão Pedagógica e Científica» — preparam um documento que tem estado em discussão em plenários sucessivos, merecendo a aprovação na generalidade e, na maioria dos pontos, na especialidade.

9.º — Quanto à vantagem e maior rentabilidade da nossa reconversão, em termos de saúde pública, a maioria dos trabalhadores tem-se mostrado, e com razão, muito céptica, até por que as experiências que alguns trabalhadores têm realizado e até um dos últimos cursos oficiais, redundaram em clamorosos fracassos.

Seja como for a maioria dos trabalhadores pronunciou-se livremente sobre a nossa vocação tropical [illegible] se tem [illegible] democraticamente a actividade dos órgãos de gestão.

10.º — Finalmente devemos declarar que a informação que pareceu ter servido de base aos comentários do articulista era um documento meramente interno, da responsabilidade de uma minoria extremamente reduzida dos nossos trabalhadores, o qual nem sequer foi discutido pelos restantes funcionários.

Além disso foi ontem afixada a seguinte informação: «Não tendo qualquer responsabilidade no envio ao «D.L.» da cópia do seu documento, claramente dirigido aos trabalhadores do IHMT, nem na afixação dos comentários que o «D.L.» faz a este documento e ao decreto de passagem para a Saúde, os signatários convidam quem o fez a identificar-se, assim como convidam quem afixou os comentários do «D.L.» no IHMT a fazerem o mesmo». Assinam Tito de Morais, Henrique Ribeiro, Venceslau Vieira.

N.R. — Nenhum comentário foi feito pelo «D.L.» que se limitou simplesmente a dar a conhecer ao público uma posição que não nos parece leviana (registe-se que o documento estava a circular no IHMT, atente-se nos nomes que o assinam). Todas as expressões por nós usadas estão escritas no documento salvo a abertura do nosso artigo que é a citação textual das decisões tomadas em Conselho de Ministros em relação ao IHMT.

Diz o Conselho Directivo: «Tal artigo surpreendeu, logicamente, os trabalhadores do Instituto de Higiene e Medicina Tropical pelo insólito da posição assumida, da linguagem utilizada e, sobretudo, a falta de informação concreta, objectiva e verdadeira para a sua feitura». Como atrás dissemos, não tomamos posição. Apenas nos limitamos a divulgar a posição de um «grupo de trabalhadores democratas de IHMT» que elaborou o documento. Surpreende-nos pois que o artigo tivesse surpreendido.

Quanto aos meios como o documento chegou até nós, eles são da nossa inteira responsabilidade.

Finalmente, o desmentido não nos desmente, o esclarecimento esclarece-nos. Poderá desmentir um documento de circulação interna, não nos desmentirá a nós que não quisemos ir como Apeles acima da bota.

Encontro de rendeiros

No domingo, pelas 15 horas, na Cooperativa de Fruticultores de Lagos, realiza-se um encontro de rendeiros e médios agricultores promovido pela ARBA (Associação de Rendeiros do Barlavento Algarvio). Esta reunião tem como objectivo principal a aplicação e discussão da Lei do Arrendamento Rural.

Para o encontro, que contará com a presença do eng.º Vítor Louro, secretário de Estado da Estruturação Agrária, foram ainda convidadas outras entidades, nomeadamente, o brigadeiro Pezarat Correia comandante da Região Militar do Sul, o governador civil de Faro, os comandantes da GNR, e da PSP, e bem assim a C.R.A.R.A e o M.A.R.N.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco e havia neblina ou nevoeiro junto à costa a norte do Cabo Sines e em algumas regiões de Norte e Centro.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ÉVORA
Máxima **36º**

PENHAS DA SAÚDE
Mínima **12,5º**

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado tornando-se pouco nublado durante a tarde; vento fraco sofrendo moderado de noroeste nas regiões do litoral Oeste a sul do Cabo Carvoeiro; ocorrência de trovoadas durante a tarde nas regiões do interior; possibilidades de chuvisco ou chuva fraca durante a tarde nas regiões a norte do rio Mondego.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	19º
P. DOURADAS	—
COIMBRA	18º
PORTALEGRE	20º
LISBOA	20º
FARO	24º
FUNCHAL	—

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.01	3,6 m	1.23	1,1 m
20.20	3,7 m	13.40	1,2 m
Dia 4			
8.58	3,5 m	2.22	1,2 m
21.22	3,6 m	14.45	1,3 m
Dia 5			
10.05	3,5 m	3.30	1,3 m
22.35	3,6 m	15.58	1,4 m

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.17
OCASO AS 21.05

DIA 4 DIA 11 DIA 19 DIA 27

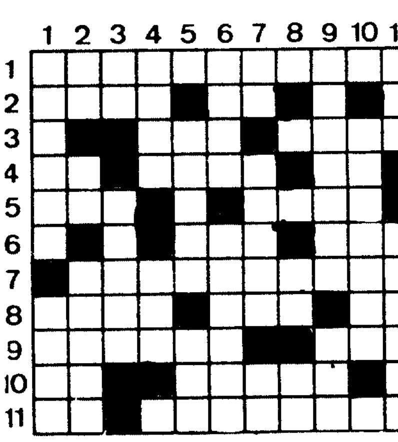
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 408

HORIZONTAIS

1 Aventurarias
2 Congelar. Artigo definido
3 Doçura (fig.). Moderno
4 Doutor. Guarnecer de asas. Lê
5 Tempo do verbo ir. Rio da Rússia
6 Alfabeto. Seguiam
7 Súbditos
8 Produz. Chefe etíope. Crómio (s. q.)
9 Requife ou cordão metálico que guarnece, pela frente, uma peça de vestuário de um lado a outro da abotoadura. Oceano
10 Ródio (s. q.). Bebedeira (fig.)
11 Preposição e artigo. Que se põe ao pescoço de alguns animais (pl.)



VERTICAIS:

1 Porto do Sul de Marrocos sobre o Atlântico. Habitação ou bairro pobre de indígenas na Índia Portuguesa
2 Culpada. Rádio (s. q.). Antigo
3 Batráquio. Messe
4 Mana. Figura que simboliza o povo americano
5 Pronome demonstrativo (pl.). Antepassado
6 Oculta. Designação algarvia de uma armação de pesca do atum
7 Artigo definido. Viela. Neo(?) (s. q.)
8 Ósmio (s. q.). Interjeição designativa de espanto, admiração ou ironia (inv.º)
9 Criais. Maior
10 Navio. Aqui
11 Saudável. Faleces

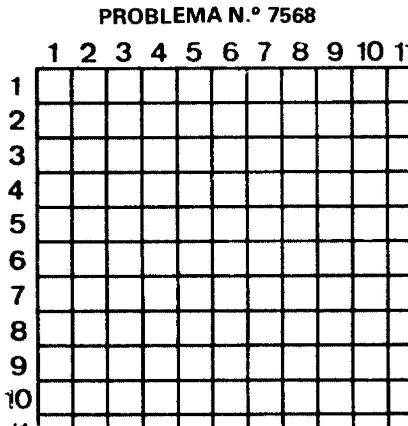
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7568

HORIZONTAIS:

1 Praia. Planta gramínea de cujo grão se obtém a farinha para o fabrico de pão
2 O mesmo que esgana. Ser.
3 Magnete natural. Grande quantidade. Renque.
4 Sódio (s. q.). Procedia.
5 Pão de milho. Bica
6 Bondoso. Remar para trás.
7 Trivial. O sono das crianças. Género de palmeiras do Brasil
8 Brutais. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
9 Género de insectos coleópteros fitófagos, espalhados no hemisfério boreal. Narra.
10 Ave trepadora. Caía com estrondo
11 Sadias. Transpira. Membro de ave.



VERTICAIS:

1 Tempero. Pacotes.
2 Pilha. Suprimira.
3 Eia! O mesmo que margaridas (planta e flor).
4 Prata (s. q.). Vila e concelho do distrito de Viseu.
5 Amplo. Nota musical. Artigo definido.
6 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Caminhar.
7 Possuirá. Costurara.
8 Reis. Nome de vários papas. Lutécio (s. q.).
9 República da Europa Meridional entre o Mediterrâneo, os Alpes e o Adriático. Derrota (pop.).
10 Género de peixes teleósteos dos mares quentes. Penachos.
11 Rezara. Emprega.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 407

HORIZONTAIS:

1 QUEM. Co. COM
2 Sino. Sala.
3 Fuba. Moelas.
4 Eleva. Crá.
5 Rola. Fiã. Ta.
6 Geo. For.
7 Amar. Cepa.
8 Sr. Arar.
9 Tem. Oó. Li.
10 Áreas. Lados.
11 Sésia. Aromo.

VERTICAIS:

1 FERRO. Tas.
2 Ulo. FERE.
3 Esbelta. Mês.
4 Miava. Ai.
5 Gasosa.
6 COM FERRO.
7 Ócio. La.
8 SERÁ. Calar.
9 Cala. FERIDO.
10 Olá. Topa. Om.
11 Mascarar. Só.

PROVÉRBIO: Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7567

HORIZONTAIS:

1 Feira. Acu.
2 Amarraremos.
3 Ri. Mói. Lela.
4 Topo. Acerar.
5 Asa. Ag. Rã.
6 Salames.
7 Mascararam
8 Ora. Alar.
9 Seladas. Tio.
10 Sa. Mad. Laos.
11 Alvoroçar.

VERTICAIS:

1 Carta. Mossa.
2 Mios. Areal.
3 Fa. Passal.
4 Ermo. Ac. Amo
5 Iró. Ala. Dar.
6 Raia. Armado.
7 Ar. Cama.
8 Elegera. La.
9 Amer. Saltar.
10 Colar. Maio.
11 Usaram. Rosa.

farmácias de serviço

LISBOA

HOJE

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Infante Santo, Rua do Olival, 290 (Tel. 661003).

ALVALADE
Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (Tel. 725443); **Rio de Janeiro,** Avenida Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida dos Estados Unidos da América) (Tel. 721409).

AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, Avenida Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (Tel. 41961-54672).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ancenso, Praça Norte, 11-A (Tel. 311216).

BAIXA
Frazão, Rua Portas de Santo Antão, 70 (Tel. 328180).

CAMPOLIDE
Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438).

CAMPO DE OURIQUE
União, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (Tel. 663643).

ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo), 90 (Tel. 44438).

LAPA
Neves, Rua da Bela Vista à Lapa, 37 (Tel. 661251).

LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Te. 791131).

PENHA DE FRANÇA
Carrondo, R. Padre Sena de Freitas, 10-A (à Igreja da Penha de França) (Tel. 842518).

PICHELEIRA
Marleux, Calçada da Picheleira, 140-A (Tel. 720703-728395).

SÃO VICENTE
Santo António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (Tel. 862333).

XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (Tel. 381279).

TURNO J-2

TODA A NOITE

ALVALADE
Zil, Avenida da Igreja, 9-D (Tel. 711780).

AMEIXOEIRA
São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galineheiras-Charneca) (Tel. 790969).

ARROIOS
Nunes, Rua Ângela Pinto,62 (Tel. 49756).

AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283 (à Feira Popular e Avenida 28 de Maio (Tel. 763016).

BAIRRO ALTO
Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Telefs. 323443-323446-322328).

BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Tel. 638193).

BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A (Tel. 782606).

CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (Tel. 687475).

CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131 (Tel. 686640).

CONDE REDONDO
salutar, Rua Conde de Redondo, 9-B (a Gomes Freire) (Tel. 533411).

LAPA
Eduardo Cèsar, Rua das Trinas, 102 (Tel. 662631).

OLIVAIS
Olivais (dos), Rua Alves Gouveia, 19 (Tel. 311237).

SÃO MAMEDE
S. Mamede, Rua Escola Politécnica, 82-B (Tel. 660280

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av C G Guerra, 29 (T.2112081)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av Patrao Lopes. 4 (T 2432039) Até as 22 horas

OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira. 29 (T 2430058) Toda a noite

NOVA OEIRAS
Leal. Até as 22 horas

CARCAVELOS
Central Toda a noite

S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av Sabóia, 29-B (.260085). Até às 22 horas

PAREDE
Brandão, Av da República, 77-C (.2471054) Toda a noite

S.PEDRO DO ESTORIL
S.Pedro, R.9 de Abril 24 (T 263052)

AMOREIRA
Amoreira Até as 22 horas

MONTE ESTORIL
Ostende, R.de Espinho 1 (T.260391) Toda a noite

CASCAIS
Cordeiro, Av C G.Guerra 40 (T 280170). Até às 22 horas, **A.Costa.** R Freitas Reis 24-C (T 280214) Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.28 de Maio, 3-A (T 935518); **Carmele,** R.Elias Garcia. lote 28 (T.933303); **Helénica.** R.Elias Garcia, 2 (T 933613); **S.Jorge,** R.Pedro del Negro. 5. Reboleira (T 938703)

DAMAIA
Lemos. R de Goa. 21-A (T 971121)

QUELUZ
Simões Lopes. Av Elias Garcia, 51 (T 950123)

CACÉM
Araújo e Sá. v de Paco de Arcos. lote 1-R (T 29407R1)

MEM MARTINS
Rodrigues Rato (T 2912038)

S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T 980456)

SINTRA
Marrazes. Estefania (T 2930058)

COLARES
Abreja (T 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L Coronel Ramos da Costa. 10 (T 234137)

ALHOS VEDROS
Gusmão. R.Cândido dos Reis, 30 (T 204020)

ALMADA
Central, R.de Oliveira. 11-B (T 2750504)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E Nacional 178-B (T 2040302)

BARREIRO
Normal. Av Alfredo da Silva. 116 (T 2073035). Serviço permanente; **Santa Marta,** R.Dr. Manuel Pacheco Nobre. 44-B (.2072141) Até às 19 horas

COVA DA PIEDADE
Louro

MOITA
União Moitense, Av Dr Teófilo Braga (T 239025)

MONTIJO
Montepio, R.Almirante Reis. 93 (T 2310035)

SESIMBRA
Leão, Av da Liberdade 13 (T 2233471)

SETÚBAL
Oliveira, L.da Misericórdia (T 22488); **Louro,** R.Frei António Chagas. 24-A (T 24491)

SEIXAL
Soromenho R Paiva Coelho 38 (T 2218560)

PORTO

TURNO 26

ATÉ ÀS 22 HORAS

Vilarinha. R.d Vilarinha. 161 **Guerra.** R de Costa Cabral. 43 **Lemos e Filhos.** P.de Carlos Alberto. 31 **Liga das Ass. Soc. Mútuos.** R.do Bonjardim. 286 **Castro Carneiro.** R do Padre Cruz. 146 **Henriques.** P.da Batalha. 64-A **Serpa Pinto.** R de Serpa Pinto. 645

TODA A NOITE

Moreno. Ld.ª. L.de S.Domingos. 44 **Bonfim.** R do Bonfim, 73; **Guimarães,** R. de Francos. 37 **Vasques.** R das Condominhas. 794

COIMBRA

Nazaré, Rua Ferreira Borges 135, (Tel. 22605; **Santa Isabel** Av. Sá da Bandeira, 28, (Tel. 24916; **Solum,** Rua Carolina Michaelis, 20 (TEL. 72120).

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ÁDÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Grande Cegada»

TEATRO ABERTO
Grupo 4
21.15 (13 anos)
«O Círculo de Giz Caucasiano»

VARIEDADES
21.15 (18 anos)
«Equus — Amargura para um Cavalo»

A.B.C.
20.30 e 22.45 (6 anos)
«A Vida é Boa»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.15 (18 anos)
«A Torre do Inferno»

EUROPA
21.00 (18 anos)
«Adeus Bruce Lee»

CINE-BOLSO
21.00 (18 anos)
«Relações Escaldantes»

S. LUIZ
21.15 (18 anos)
«La Muerte del Toro» e L'Automne»

SATÉLITE
21.30 (18 anos)
«John Sem Lei»

JARDIM
21.30 (6 anos)
«Sim, sim, meu Coronel»

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«A mais brava Vingança»

LUMIAR
21.45 (14 anos)
«Patifes em Fúria»

ARCO IRIS
21.00 (14 anos)
«Os 4 Justiceiros»

LINHA DE CASCAIS

ESOTRIL
Casino
18.15 e 21.15 (13 anos)
«Paul e Michele»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (13 anos)
«Estado de Emergência»

OEIRAS
Oeiras-Oeiras-Cine
21.15 (18 anos)
«Minha Irmã, meu Amor»

CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«O Homem de Hong-Kong»

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Malícia de Vénus»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Mulher Felina»

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«O Leão e o Cento»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«ConfidênciasdeumLavador de Janelas»

DAMAIA
D.João V
(18 anos)
«As Confodências de um Leito Muito Acolhedor»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Júlia e os Homens»

PORTO/Teatros

TEATRO DOS MODESTOS
21.30 (13 anos)
«O Santo Inquérito»

ANTÓNIO PEDRO
22.00 (13 anos)
«As Artimanhas de Scapino»

SÁ DA BANDEIRA
21.15 (13 anos)
«Godspell»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«As Noites de Cabíria»

JÚLIO DINIZ
21.15 (13 anos)
«Punhos Violentos»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Jogos para Casais Infiéis»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Amor entre Menores»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«Adeus Bruce Lee»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«José do Telhado»

S.JOÃO
21.15 (13 anos)
«Quo Vadis»

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Emanuelle Negra»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«QueDominiosseContamna Escuridão»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Emanuelle, a Antivirgem»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«O Gato e o Rato»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Um Segundo Inquietante»

OLÍMPIA
21.15 (13 anos)
«Cobari, o Revolucionário»

BATALHA-BÉBÉ
22.00 (13 anos)
«Benilde ou a Virgem Mãe»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Rivais Temerários»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Convém Fazer Bem o Amor»

S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Tchaikovsky — Delírio de Amor»

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«O Homem Pássaro»

cinemas • cinemas • cinemas

CASTIL

T. 530194 15.17 19 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos
Sylvia Kristel a
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
um filme de Francis Giacobetti

Aviso ao público este filme contém cenas eventualmente chocantes
Hoje antestreia às 24 horas
MULHER SENSUAL
(Não acons. men. 18 anos)

IMPÉRIO

T. 555134/5 15.15, 18.30 e 21.15

XIII CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA
Cinema no Feminino

HOJE:
Não acons. a menores 18 anos

OS MISTÉRIOS DO ORGANISMO

Amanhã (domingo)
(Não acon. a menores 18 anos)
MADRE JOANA DOS ANJOS

POLITEAMA

T. 32630514.15, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. men. 18 anos
um assalto numa zona de morte

POR UMA MÃO CHEIA DE DIAMANTES

VOX

T. 720808 14.15, 16.30, 19, 21.15

Um espectáculo para toda a família

O ASSALTO DOS DOBERMANS

CARLOS MANUEL SINTRA

21.15

Int. men. 18 anos

EMILIENNE

— S. LUIS

Tel. 327172 18.30 21.30

LA MUERTE DEL TORO
L'AUTOMNE
Versoes originais em francês, sem legendas em português
Espectáculo apoiado pela Direcção-Geral de Acção Cultural

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.45, 18.00 e 21.15

QUO VADIS

com Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov Leo Genn Um filme de Melvin LeRoy
Não aconselhavel a menores de 13 anos

5.ª semana

EDEN

Tel. 320768 14, 16.30, 19.00, 21.15

tres boas razoes para morrer

TRÊS PISTOLAS CONTRA CÉSAR

com Thomas Hunter, Delia Boccardo, Enrico Maria Salerno

Não aconselhavel a men 18 anos

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
2.ª Semana sensacional
se todas as mulheres fossem como

A MINHA INSACIÁVEL CUNHADINHA

Tinha saido a sorte grande» a todos os homens

APOLO 70

Tel. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Para todos
4.ª semana

Festival Apolo 70
Jerry Lowis é «O Herói do Regimento»
ÀS 24.00 Grupo D (16 anos)
PRIMEIRA PAGINA

Amanhã às 11 h (Matinée Infantil)
O HOMEM DAS MULHERES
(Maiores 6 anos)

CASINO ESTORIL

T. 264521 18.15, 21.15

Não acons. men. 13 anos
PAUL E MICHELLE
c/ Anicée Alvina, Sean Bury e Keir Cullea

S. JORGE

T. 554153/4 15.15, 18.15 e 21.15

O MONSTRO DO PANTANO

Com Peter Cushing

Não acons. a men de 18 anos

AVIS

Tel. 47163 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
BOBBY
6.ª Semana
Amanhã o mesmo programa

ESTÚDIO

T. 555134, 15, 17, 19, 21.15

Não acons. a menores de 18

INSÓLITO DESTINO
Um filme de Lina Wertmuller
3.ª Semana

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos
MENINAS BEM
Hoje às 24 h (Int men. 18 anos)
LOUCURA SEXUAL

MUNDIAL

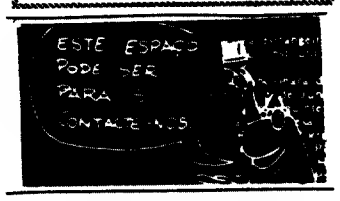
T. 538743 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
ADOLESCÊNCIA TURBULENTA
uma história de amor um tanto devastada.

ROMA

T. 727778 15.30, 18.30 e 21.15

Int. men. 18 anos
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
c/ Silvia Kristel
Este filme contém cenas eventualmente chocantes



UNIVERSAL

Às 15.00 e 21.00

O FUNERAL DO PATRÃO
Às 17.00 e 23.00

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

BARRONHOS
QUEM TEVE MEDO DO PODER POPULAR

Hoje às 00.30 (Int. men. 18 anos)
BODAS DE LAMA

CONDES

T. 322523 14.00, 16.30, 18.45 21.15

Nao acons men 18 anos

SOLDADO AZUL

um acontecimento fora de serie

c/ andice Bergen Peter Strauss

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30 19 e 21.15

Para todos

Os grandes sarilhos de um policia em Saint-Tropez

O GENDARME EM FÉRIAS

3.ª Semana

C/Luis de Funes

LONDRES

T. 801313 14.00 16.30, 18.45 21.15

Não acons men 13 anos

PATO COM LARANJA

c/ Monica Vitti

Ugo Tognazzi

Hoje às 24 h (Não aon men. 18 a)
LINGUAGEM DO AMOR

ROXY

Tel. 48560 14.00, 16.30 19.00 e 21.15

Nao acons. men 18 anos

OS INOCENTES DE MÃOS SUJAS

c/ Romy Schneider

TIVOLI

T. 570595 15.00 e 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

Uma história imortal!

Um filme eterno!

E TUDO O VENTO LEVOU

4.ª Semana

Com Clark Gable, Vivien Leigh

ALVALADE

T. 897480 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

PARA TODOS

AS MOTOS DO INFERNO

c/ bruce Brown

Steve McQueen o turbilhão da poeira dos loucos da aventura

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45 21.15

EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM

com Sylvia Kristel

Interdito a men de 18 anos

Este filme contem cenas eventualmente chocantes

NIMAS

T. 574313 14.15 16.30, 18.45 21.15

Não acons. men 13 anos

O Chile de Allende e Pinochet

CHOVE EM SANTIAGO

1.º Programa

15.00 Musica na tarde; **18.00**: Musica portuguesa; **19.00**: Musica variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Jazz; **21.00**: Contraponto; **23.05**: Radio revista, por Luis Pereira de Sousa; **00.00**: Último jornal; **00.30**: Retrospectiva; **01.00**: Saida e encerramento dos Regionais do Porto Norte 1 Coimbra Faro Guarda. Covilha Viseu. Ponta Delgada e Horta musica na noite

2.º Programa

16.20: Solos de cravo; **16.50**: Musica de câmara; **17.37**: «Concert Royal», de Couperin; **18.30**: Concerto sinfónico; **20.00**: Sonata para dois pianos e percussao, de Bartok; **20.35**: Um quarteto de Haydn; **20.55**: O compositor Leos Janacek; **22.00**: 1.º Concerto Adimus (Teatro S.Luis); **22.30**: Um solista, uma orquestra; **23.00**: Intercâmbio musical; **23.30**. Solos de piano; **00.00**: Sinfonia n.º 4, de Mahler; **01.00**: Fecho

3.º Programa Nacional e Regional (294 m)

16.00: Emissao nacional; **16.15**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.40**: Disco . rendo, por Bernardo Brito e Cunha; **17.10**: Vamos ao médico, pelo dr José Matildes; **17.30**: Cinema em variando, por Carlos Pina; **18.00**: Emissao regional . contacto; **21.15**: Hora luterana; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.05**: A musica e as vozes.

3.º Programa-Local (187,5 m)

16.00: Emissao nacional; **18.00**: Emissao local entardecer ver, ouvir . e comentar; **19.00**: Entardecer (continuação); **19.30**: O diálogo de sábado (repetição); **21.00**: Fecho

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.00**: Voa viagem; **18.15**: Palavra do dia; **18.30**: Transmissao do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Radio Renascença; **20.00**: Objectivo; **21.05**: entagrama; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.05**: Trifónico; **02.00**: Encerramento da estação

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 664531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

E agora?

E agora?

. Agora, como diria o Marquês, é preciso enterrar os mortos e cuidar dos vivos.

Agora, como diria o amigo Banana, batatas!

. Agora, como diria o Salazar, é preciso aguentar.

Agora, como disse o Lenine, há que ter consciência de que o Mundo Novo tem de ser feito com o homem do Mundo Velho. Não há outro disponível.

Agora ou nunca é a expressão de todos os desesperados.

Agora, sinónimo de já, é a impaciência imperativa e muitas vezes inconsciente.

Agora, diremos nós, devemos analisar o presente e ver o que se pode fazer para construir o futuro.

(Que futuro? O dos outros, o que nos querem impor, ou o nosso, o que queremos, o que desejamos intensa e profundamente?)

. Agora, como diria o Zenha, temos de optar entre a cigarra e a formiga. Certo. Eu cá optaria pela formiga, mas pela formiga que trabalha para o formigueiro e não contra, e não para as cigarras: e para os formigões, ou ainda para os passarões.

Agora (e sempre), como diz a cantiga, queremos um País Novo. Assim é que é!

MANUEL DE AZEVEDO

Mário Soares com Ramalho Eanes

Tema: novo Governo

. Nada está ainda decidido em definitivo quanto à constituição do futuro governo fez ontem saber o secretário-geral do PS e primeiro-ministro indigitado à saída de uma entrevista com o presidente da República eleito, general Ramalho Eanes.

Este encontro do dr. Mário Soares com o general Eanes terá envolvido a troca de pontos de vista sobre o futuro gabinete ministerial, à luz das conclusões a que se terá chegado na última reunião de cúpulas socialistas. O dr. Mário Soares, nas declarações prestadas após o encontro, recusou, contudo, pormenorizar o seu teor, limitando-se a dizer que se tratou de uma «reunião formal».

Na verdade, e como foi destacado pelo líder socialista, não é de esperar que dados definitivos sobre o primeiro governo não-provisório sejam tornados públicos antes da posse do presidente da República e do convite formal que dirigirá ao dr. Mário Soares para formar governo. Isto, contudo, não invalida que as peças da futura máquina ministerial estejam já a ser ajustadas, por forma a que o novo governo possa entrar em funções durante o mês de Agosto.

O encontro de ontem com Ramalho Eanes insere-se, segundo se supõe, numa série de consultas que o dr. Mário Soares anunciou já tencionar fazer com dirigentes de outros partidos políticos, nomeadamente com aqueles que se encontram representados na Assembleia da República. Desconhece-se, por enquanto, qualquer agenda prévia relacionada com estes novos encontros, já que da parte do PPD, CDS e PCP não havia até esta manhã qualquer indicação nesse sentido.

Embora classificadas como «puras especulações» as hipóteses levantadas por diversos jornais quanto a algumas figuras do próximo elenco ministerial, os nomes mais falados parecem corresponder a um certo consenso logrado no seio da direcção do PS, embora algumas divergências continuem a obrigar a ajustamentos.

Uma das hipóteses — também já focada — que aparece como certa, passa pelo abandono das lides governativas por parte do Salgado Zenha e Jorge Campinos, o primeiro para chefiar o grupo parlamentar socialista e o segundo para se dedicar essencialmente a tarefas partidárias, das quais se salienta a realização do próximo congresso do Partido Socialista.

CAMPANHA COM DÉFICE

Segundo uma notícia hoje publicada no semanário «Expresso» atinge o valor de milhares de contos o défice da campanha eleitoral do general Ramalho Eanes.

De acordo com a mesma notícia os partidos que o apoiam já comunicaram que não cobrirão esse défice na íntegra.

O mesmo jornal adianta que para angariação de fundos têm-se realizado jantares de homenagem, prevendo-se agora a organização de um grande jantar aberto a todos os cidadãos que poderia ter lugar num grande recinto como o Pavilhão dos Desportos.

Hoje em Lisboa

Comemora-se a independência de Cabo Verde

. A comunidade cabo-verdiana em Lisboa inicia hoje as comemorações do primeiro aniversário da independência do seu país com jogos de futebol e basquetebol, da parte da tarde e uma sessão pública logo à noite.

A sessão marcada para as 21 horas na Reitoria da Universidade de Lisboa inclui uma intervenção do embaixador dr. Corsino Fortes sobre as questões ligadas aos acordos entre Portugal e Cabo Verde, projecção de filmes da independência e danças cabo-verdianas: batuque e funaná.

A Intersindical Nacional, Central Única de Trabalhadores, enviou ao presidente Aristides Pereira um telegrama onde se afirma que «os trabalhadores portugueses saudam o povo de Cabo Verde como seus aliados naturais nas lutas passadas e futuras pela dignificação e liberdade do homem».

O telegrama, a propósito do ainiversário da independência de Cabo Verde, recorda a luta comum dos dois povos «contra o fascismo, o colonialismo e o imperialismo» afirmando ainda que, embora em situação histórica diferente, «essa luta continua até alcançarmos uma sociedade sem exploradores nem explorados».

Exigência da Noruega põe em perigo a pesca portuguesa

. À semelhança do nosso país, também a Noruega anunciou ontem a sua intenção de alargar para duzentas milhas o limite das suas águas territoriais, durante os trabalhos da Reunião Internacional das Pescarias do Nordeste Atlântico (NEAFC), a decorrer no Hotel Estoril Sol. Na sequência desta tomada de posição, os representantes dos catorze países participantes estudam neste momento a criação de um grupo de trabalho no âmbito da NEAFC para conciliar os interesses dos países afectados por esta medida do Governo norueguês. Neste grupo de trabalho estarão representanres da Noruega e de Portugal.

As conclusões deste grupo deverão ser apresentadas em Outubro, após o termo da reunião da conferência das Nações Unidas sobre Direito Marítimo e antes da nova reunião da NEAFC, que se efectuará em Londres, em Novembro. O nosso país, a concretizar-se a medida anunciada pela Noruega, perde alguns dos seus pesqueiros habituais.

PESCADORES DE ANGOLA COM PEDRO COELHO

Entretanto, um grupo de pescadores-armadores, provenientes de Angola, de onde regressaram a bordo das suas embarcações, foi ontem recebido em audiência pelo secretário de Estado das Pescas, eng.º Pedro Coelho, manifestando-lhe o seu reconhecimento pelo apoio dispensado por aquele departamento, na operação relativa à transferência de trinta traineiras para o continente e ilha da Madeira. Durante o encontro, Pedro Coelho indicou que a Secretaria de Estado das Pescas desenvolvia acções, de modo a permitir a esses trabalhadores do mar iniciarem, o mais rapidamente possível, as suas actividades laborais e empresariais, de forma a integrarem-se no contexto político e socioeconómico das pescas portuguesas, contribuindo assim pela sua actividade e esforço para a economia nacional e assegurando a própria subsistência e dos seus familiares.

Caboverdiano morre no BairroAlto

..Um homem cabo-verdiano natural do Tarrafal (S. Miguel) encontrou hoje a morte em circunstâncias estranhas, por esclarecer.

Trata-se de Pedro Gomes de Pina, de 32 anos, que foi vítima da sua própria faca de ponta-e-mola.

Os factos passaram-se por volta das 3.45 da madrugada, na Rua do Norte, quando o Pedro e outro indivíduo não identificado se envolveram em discussão que obrigou à intervenção de um guarda da P. S. P. de serviço junto às instalações do jornal «A Capital».

Conta este guarda que, a determinada altura, o Pedro Pina empunhou a sua faca e ele, polícia, atingiu-o com um tiro na perna direita. O outro, não identificado pôs-se em fuga.

O guarda da P. S. P. decidiu, então, transportar o ferido para a esquadra do Bairro Alto (Rua das Mercês) e, quando já estavam próximo — relata o agente — o Pedro, mesmo ferido, virou-se contra ele. Houve luta, o homem caiu no chão, espetou-se na própria faca e morreu.

Parece-nos legítimo fazer dois reparos: o agente da P. S. P. conduzia o ferido para a esquadra e não lhe tirou a faca? A faca mantinha-se aberta?

Assalto a ouriversaria rende 900 contos

..Na madrugada de ontem foi assaltada a Ourivesaria Progresso, sita na Avenida Miguel Bombarda, 3, loja, em Oeiras.

O balanço do assalto aponta para 900 contos em jóias.

Os assaltantes introduziram-se no estabelecimento cerrando a porta do mesmo.

Informações obtidas, fazem supor que a P. J. se encontra na pista dos ladrões.

Dez mil florins para a "Muralha de Aço"

. Dez mil florins é o valor do donativo de algumas centenas de holandeses à unidade cooperativa de produção Muralha de Aço. Efectivamente, o comité Holanda-Portugal, numa folha de responsabilidade enviada àquela cooperativa, afirma ser o donativo «fruto da solidariedade de algumas centenas de holandeses, amigos do povo português, que querem que Portugal se liberte da fome, da exploração, do capitalismo e avance no caminho do socialismo traçado em 25 de Abril de 1974».

Após considerar que a Reforma Agrária «é uma das maiores conquistas do povo português», o comité afirma: «Antigamente a superfície da terra cultivada pelos trabalhadores da cooperativa Muralha de Aço, era propriedade de uns tantos latinundiários, mas desde Abril do ano passado foi ocupada por 300 trabalhadores rurais. A maior parte deles estavam ao serviço dos antigos patrões, o que significava trabalho durante três meses por ano, no tempo das sementeiras e das colheitas; no resto do ano, ano tinham trabalho nem meios de subsistência.»

. Referindo-se à situação actual dos trabalhadores rurais, o comité acrescenta que contrariamente ao que acontecia no passado «os 300 homens e mulheres que ali labutam recebem actualmente um salário durante todo o ano...».

Atentados nos E. U. A.

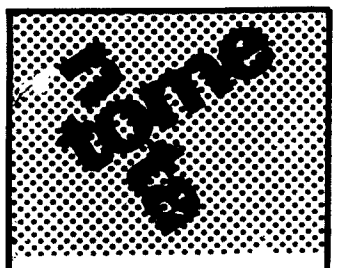
WASHINGTON, 3 — (ANOP) — A administração federal da Aviação anunciou ontem que tinha avisado todos os aeroportos e compamhias aéreas dos Estados Unidos para tomarem precauções extra, durante as comemorações do bicentenário, contra atentados à bomba, como o que destruiu um avião duma empresa, em Boston.

Um porta-voz daquele organismo revelou que não foram especificados aeroportos, empresas ou cidades que fossem possíveis alvos prioritários, para os ataques dos trerroristas durante as comemorações deste fim-de-semana.

Imposto complementar: foi suspensa a declaração modelo 1

. Pelo Ministério das Finanças, foi suspensa a apresentação da declaração do modelo 1 do Imposto Complementar.

Tal suspensão manter-se-á até que seja publicada no «Diário da República» a legislação já aprovada em Conselho de Ministros, que altera várias disposições do código do Imposto Complementar e que regula a entrega das declarações, a liquidação e a cobrança do imposto referentes aos rendimentos do ano de 1975.



ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA

A julgar pelas notícias ultimamente divulgadas, estarão em curso, e já avançadas, negociações muito importantes para a aquisição de equipamentos, armamento, etc. É o caso da controversa central nuclear, da reestruturação da Força Aérea, da Armada, do Exército e outros sectores.

São milhões de contos, pelos vistos, que o País vai gastar. Em alguns casos dizem que é tudo oferecido, tudo no âmbito dos acordos da N. A. T. O., etc. Mas aí precisamente é que vem o nosso receio, pois bem sabemos o que nos custaram durante 48 anos todas as «ofertas» que nos fizeram.

É por isso que agora, que vivemos num regime democrático, agora que dizem que acabaram os «golpismos» (militares e civis), também devíamos acabar com os outros «golpismos»: as «luvas», as comissões e as negociatas escuras. Numa palavra, acabar com a corrupção que tem sido a maior praga deste País.

Assim, se houvesse ao lado da Assembleia da República uma «Comissão Anticorrupção», formada por representantes de todos os partidos com capacidade para intervir no controlo de todas as negociações importantes, talvez se evitasse a repetição de muitos casos que ficaram célebres.

E até as altas patentes que, por inerência dos cargos, têm que estar à cabeça destas negociações, ficavam com uma cobertura total, acima de qualquer suspeita e libertas da preocupação da interferência de elementos eventualmente corruptos no circuito.

ATENTADOS

..«Um histórico atentado à liberdade de Imprensa» é o que o dr. Proença de Carvalho chamou à sentença que condenou Vera Lagoa e que um matutino aproveitou para título a quatro colunas.

Autarquias locais

Continuação da pág. 1

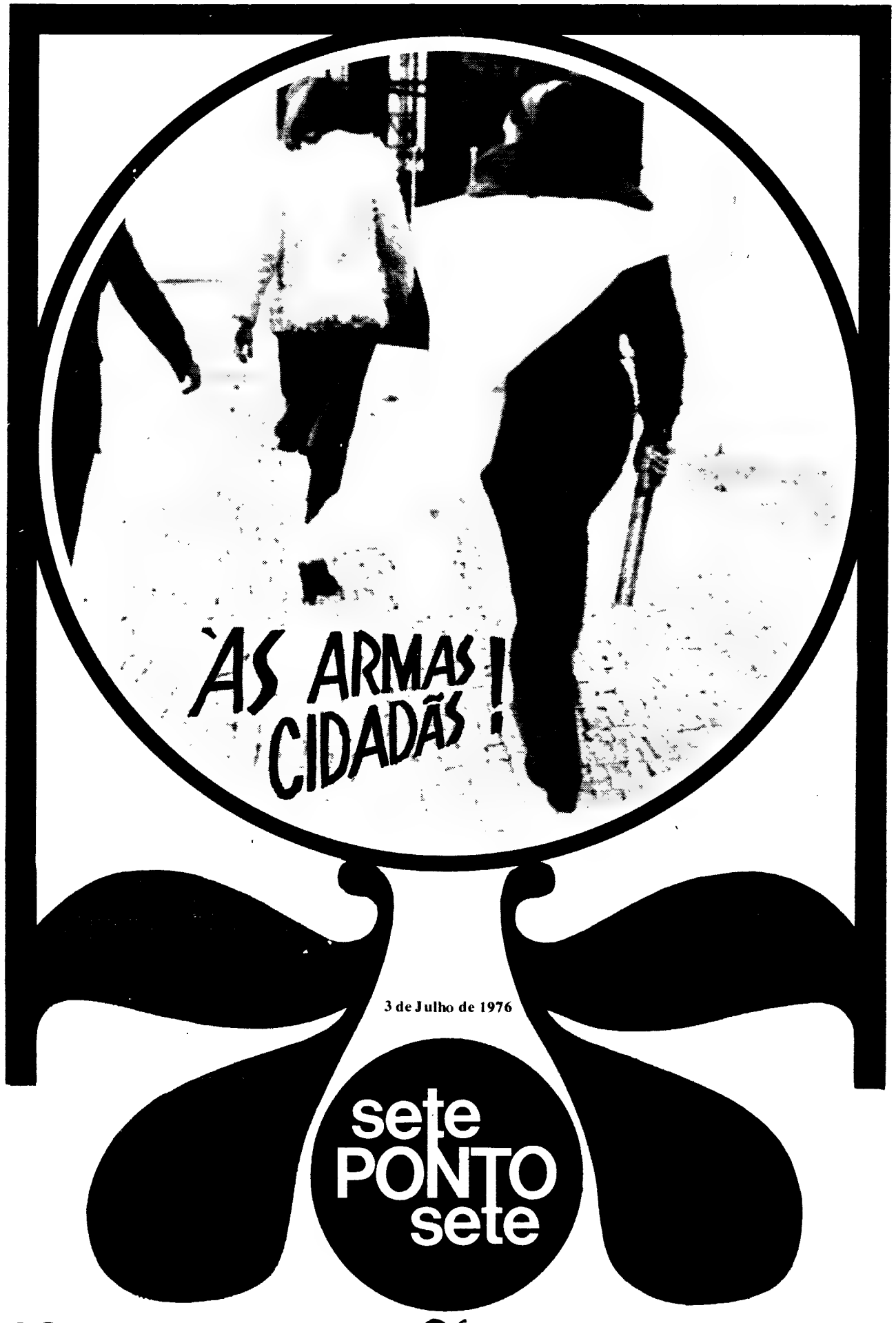
do provar, independentemente do citado registo». O diploma cria ainda a comissão instaladora do Instituto de Investimento Estrangeiro e define-lhe a constituição, competência e funcionamento.

Outras medidas aprovadas na reunião de ontem: criado um juízo criminal em Macau; por diploma do M. A. I. é possibilitado o recurso ao Quadro Geral de Adidos pelas empresas públicas; prorrogado o mandato da comissão administrativa da FACAR, substituindo um dos seus elementos; nomeados alguns elementos para as comissões administrativas das empresas accionistas da Sociedade Central de Cervejas e nomeado como delegado do Governo na Shell o eng.º Jorge Barreto Alves.

MILHARES DE LEITORES POR MINUTO

Técnicamente, as oficinas da Renascença Gráfica
são das mais actualizadas da Europa.
Das suas rotativas saem diáriamente
milhares de exemplares
de publicações e cartazes,
a um novo ritmo de produção e de acabamento.
Economia, quer isto dizer.
E novas possibilidades de criar
Imaginação e Leitores.

Serviços Comerciais da Renascença Gráfica, SARL
R. Luz Soriano 44 _ Lisboa Telef. 321154/5-320271/2/3



AGENDA SEMANAL DL DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

suplemento semanal
Diário de Lisboa

cinema
jorge leitão ramos 7

11 gastronomia

discos
j. p. santos reis 13

teatro
14 carlos porto

livros
miranda rocha 16

música
17 mário vieira de carvalho

artes plásticas 19

20 televisão

sete PONTO sete

Coordenação de Mário Lindolfo

Lisboa, 3 a 9 de Julho de 1976

Masculino-feminino

Conta a Bíblia que a surpresa de Adão não teve limites ao assistir ao primeiro milagre do Criador, animando a sua costela e dando-lhe a forma de coisa viva, agradável de ver, de tocar. De surpresa em surpresa, Adão hoje teria de aguentar a costela de volta, porque Eva dela já não precisa. A criatura que o levou a comer a maçã, hoje levá-lo-ia a engolir todos os impropérios, injustiças, machices, com que ao longo de milénios a tem mimoseado, porque a costela emancipada dos nossos tempos acaba de despertar para a vitória sobre a mais antiga guerra do planeta. É esse lento acordar, que se traduz em luta por direitos iguais para ambos os sexos, que abordamos neste «SETE-PONTO-SETE», evocando alguns pontos (altos e baixos) da longa história)

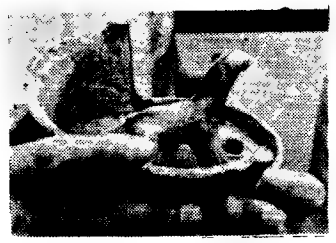
Mas porque nem só de mulheres vive o homem, nos sete dias da semana, aqui fazemos o habitual ponto do que em matéria de ocupação de tempos livres vai acontecendo neste país onde elas são a maioria. Assim, se confiar na opinião de «SETE-PONTO-SETE», fácil lhe será optar por um bom programa de teatro, de cinema, e até (quem diria?) de televisão. Nos museus e galerias, também encontra uma obra de arte desconhecida, e uma ou outra sugestão do que lhe é «indispensável» ver. De apetite em apetite, aconselhamos hoje uma ida ao «13», que desta vez não é número de azar.

23.10 Telejornal
(a edição do primeiro programa, das 20.30)

Sexta, 9

I Programa

19.00 O cavalo terracota
(de como uma



estatueta pode levar uma família a terras de Africa: dantes, era a «árvore das patacas»)

19.25 Encontro
(com Gunter Grass: não perca)

20.00 Momento desportivo
(quem desporta, sempre alcança)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(as notícias não são como as cerejas)

21.00 Terra a terra, minha gente

(imaginem: um concurso hoje dedicado a Setúbal!)

22.20 **Há só uma Terra**
(Luís Filipe Costa e um tema que é sempre de interesse)

22.50 **Telejornal (2.ª Edição)** *(a RTP lembrou-se das restrições ao consumo de energia)*

II Programa

20.00 **A Pipi das meias altas**

(o que duas trancinhas podem fazer por um serão à portuguesa)

20.25 Fronteiras do amanhã
(promessas que nos fazem hoje)

20.40 Da Saúde e da Vida
(conselhos úteis)

21.00 O segredo
(é a alma do negócio)

21.55 Telejornal
(a RTP gosta de dizer que é «em diferido»)

22.30 Uma vida... uma profissão

SOLUÇÕES

Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS:

1/52, ALEXANDRE SOLJENITSYNE. 6/24/34, MARIA JOÃO PIRES. 9, Má. 10, Ao. 11, Mu. 13, Ni. 14, Ar. 15, Raar, 17, Ar. 18, La. 19, Riana. 20, Te. 21/49, JOSÉ FALCÃO. 27, Amou. 29, Suara. 31, Bi. 33, Ag. 36, Roas. 38, Ba. 39, Ora. 40, Ramon. 42, La. 44, Rm. 45, Dã. 47, Samos. 50, Rim. 52, Afra. 54, Ira. 55/68, MIREILLE MATHIEU. 57, Gas. 58, Mão. 59, Rã. 61, Ui! 62, Barata. 67, Mac. 69, Ede. 70, Suor. 72, Ur. 73, Dar. 74, Ira. 75, Se. 76, Moi. 77, Eva. 78, Oba. 80, ANA. 83, Um.

VERTICAIS:

1/36, AMÁLIA RODRIGUES. 2, Lara. 3, Narres. 4, Doai. 5, Emanar. 7, Inato. 8, Aire. 12, Urra. 16. Lada. 21, Jogar. 22, Ou. 25, Obi. 26, Airó. 28, Mão. 30, Ulano. 32, Usamos. 34, Pularia. 35, Erra. 37, Sãs. 38, Bom. 41, Má. 43, Álalo. 46, Airai. 48, Saí. 49, Fiem. 51, Mas. 53, Fr. 55, Miai. 56, Erada. 60, Acertam. 62, Bara. 63, AT. 64, Rh. 65, Teus. 66, Áureos. 67, Media. 68, Moral. 71, Uivo. 76, Man. 77, Ês. 78, Os. 79, Yb. 81, Nu.

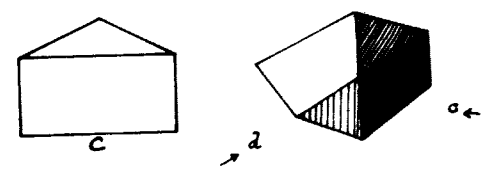
sai vinho para três

Cada pessoa deve receber o equivalente a 9 meios tonéis. Assim, há três maneiras de os distribuir.
Primeira: duas pessoas recebem 4 cheios, 1 meio e 4 vazios, e a terceira pessoa, 1 cheio, 7 meios e 1 vazio.
Segunda: uma pessoa recebe 4 cheios, 1 meio e 4 vazios, outra recebe 3 cheios, 3 meios e 3 vazios, e a última recebe 2 cheios, 5 meios e 2 vazios.
Terceira: as três pessoas recebem 3 cheios, 3 meios e 3 vazios.

dormida à hora

Dormiu seis horas.

vista a mais



TEATRO ABERTO
Av. de ESPANHA (metro PALHAVÃ) Telef. 77 09 69
grupo 4 apresenta
O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
bertolt brecht
Todas as noites às 21 e 15
Sábados e domingos às 15 e 30 e 21 e 15
Descanso à 2.ª feira

20.30 Os Goodies

(as coisas que não acontecem nos nossos dias)

21.00 Passatempo
(não perca tempo)

21.50 Telejornal
(a edição das 20.30, do primeiro programa)

22.30 Cenas de óperas
(árias de «As bodas de Fígaro», «D. João» e «Traviata», interpretadas por Álvaro Malta, Sara Rosa, Elisete Bayan, Hugo Casais, com a Orquestra Filarmónica de Lisboa, dirigida pelo maestro Ivo Cruz)

Quarta, 7

I Programa

19.00 Formação
(na agenda: modelagem — a responsabilidade é do departamento de programas juvenis e infantis)

19.25 Cleptomania
(se ninguém tiver tendência para roubar às bobinas, deve ir para «o ar» esta realização da Arca Filme)

19.55 Educação permanente
(o último programa foi dedicado à colónia inglesa residente em Portugal: pode ser que desta vez o texto seja em português)

20.10 Vamos jogar no Totobola

(o «13» é mesmo o número de azar do Fialho: nunca acerta)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(noticiário do País e do estrangeiro)

21.05 Segredos do mar
(já passou férias numa ilha deserta?)

21.55 Vidas sem rumo
(o filme que Manuel Guimarães realizou em

1956, com os actores Milú, Artur Semedo, Maria Olguim, Madalena Soto e Eugénio Salvador)

00.00 Telejornal (2.ª edição)
(as medidas de restrição de energia eléctrica impõem o fecho da emissão às 23)

II Programa

20.00 O mundo de Wood House
(como perder a timidez em meia dúzia de episódios)

20.30 Cancioneiro
(dedicado a Irene Lisboa)

21.00 Sweeny

(um bom par de murros nunca fizeram mal a um ladrão)

21.55 Telejornal
(a habitual edição única, repetição do primeiro programa)

22.25 Sabe?
(pergunta Rui Ferrão: ele sabe)

Quinta, 8

I Programa

19.00 Naika e Barba Papa
(da responsabilidade do departamento de programas juvenis e infantis)

19.35 Segredos do Mar Vermelho
(repetição de uma série há anos passada na RTP)

20.00 TV Palco

(por que é que o Igrejas Caeiro não vai ao Adoque?)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(daqui, e de lá, de tudo um (muito) pouco)

21.00 A história dos Jogos Olímpicos

(uma boa série, que tem relatado a odisseia das Olimpíadas ao longo dos tempos)

21.55 Padre Brown
(uma boa personagem para um óptimo actor: Kenneth More, na pele

de um sacerdote de Chesterton que tem a veia de detective, numa série de histórias bem contadas e bem realizadas)

23.10 Memórias do nosso tempo
(convém ver, para não esquecer aquilo que o homem é capaz de fazer à própria Humanidade)

23.25 Telejornal (2.ª edição)
(acaba à pedalada, com mais uma etapa da

Volta à França em bicicleta)

II Programa

20.00 A mulher de branco
(a preto e branco)

20.25 Ver
(José Eliseu fala de artes plásticas)

20.30 O caso Rosenberg
(discretamente, no segundo programa, volta a peça que já vimos e que convém ver muitas vezes, para entender certas coisas)

Revolta no feminino

Mulheres portuguesas tentam avançar com a bandeira da «emancipação». O movimento já vem de longe. Chama-se feminista. Ironicamente, este movimento (tradicionalmente burguês) vem sendo travado (refreado) por mulheres. O que se passa hoje, como ontem, é que as agitadoras — mulheres geralmente evoluídas, cultas, senhoras — usam uma linguagem que as operárias e camponesas não entendem. Na tentativa de rebentar com o machismo, elas avançam com cartazes onde escreveram «abaixo a falocracia». É um mau começo. A maioria das mulheres deste país, que poderia, com o seu voto, alterar todo o sistema, desconhece o que é isso da falocracia. E também não é por aí que se rebentam as costuras das cintas e dos «soutiens».

Como dizia Josina Machel, a libertação da mulher passa pelas armas.
Esta ideia, entendida nalgumas fábricas da periferia e nos campos do Alentejo, vem sendo boicotada ao longo de dezenas de anos pelo processo fascista que «promove» a mulher a Rainha do Lar.
Reconheça-se que o 25 de Abril não trouxe alterações.
A publicidade na Rádio, nos jornais e na Televisão, é a prova provada. A mulher continua a ser a «atrasada mental», cliente certa do ajax-limpa-vidros, dos «shampôos» para a caspa e do rexina-que-não-a-deixa-ficar-mal.
Ainda assim, pensa-se que um dia destes os homens aprenderão que dez, ou mesmo quinze centímetros de sexo *a mais*», não lhes dá o direito de falar tão alto.

Já os nossos avós inventaram concursos de beleza

D. Beatriz de Sousa Figueiredo
18 anos, de Tomar

Há mais de cinquenta anos, o «Diário de Notícias» promoveu um concurso com o fito de encontrar «a mais linda mulher de Portugal», a que concorreram numerosas beldades, e de que damos esta amostra
Ainda a mulher — sobretudo a portuguesa — estava longe de libertar-se da condição de vida que a sociedade lhe impunha: ser um belo e passivo objecto. Meninas casadoiras, artificialmente frágeis, cultivadamente ingénuas, faziam o delette da época.
Calculamos que então, participar num concurso de beleza era um acto de coragem, a que no entanto muitas jovens da época se expuseram, sabe-se lá com que consequências sociais.
Algumas delas aqui estão: beldades que aos 16, 17 anos, tinham já o rosto estafado, o olhar mortiço de quem perdeu a esperança de ter vida própria, e aquele característico ar triste dos velhos retratos das mulheres que foram nossas avós.
Da prosa que um redactor da revista «ABC» de 1921 dedicou a este concurso «A mais linda mulher de Portugal», extraímos este naco:

Marinha de Sousa Monteiro
17 anos, de Aveiro

A MAIS LINDA MULHER DE PORTUGAL

«O nosso colega «Diário de Notícias» abalançou-se à difícil empresa de determinar, pelos primores das objectivas da Portugália-Film e pelo requintado bom gosto do seu redactor, mandado, qual outro «cavaleiro andante», correr mundo em procura de uma beldade autêntica, qual será a mais linda mulher do nosso país, tão rico, tão opulento de verdadeiras formosuras.
Sem que tenhamos no ouvido o hino da Restauração, ou nos inflame um assomo de amor pátrio, desarrasoado, devemos confessar, para orgulho das nossas patrícias, que elas são, incontestavelmente, as mais lindas, as mais perfeitas, as mais airosas e gentis filhas de Eva que por esse mundo fora existem cheias de

D. Eduarda de Sousa Gomes Ferreira,
19 anos, de Vizeu

D. Maria Fereza Cabral da Silva Bastos,
21 anos, de Vizeu

garridica gentileza e graça. A francesa tem uma «coquetterie» toda sua, inimitável; a italiana, sobretudo a romana, é escultural, mas granítica, sem vida e sem animação; a holandesa, estonteia pela alvura das suas carnes, que parecem leite congelado, mas os seus olhos não brilham como os das meridionais; a inglesa não tem meios termos e, ou é ridícula e desairosa, esguia e esquelética, ou, então, ostenta uma beleza invulgar, mas a nota predominante, a deselegância, mantém-se-lhe sempre; as germanas são detentoras de uma plástica perfeitíssima bem lançadas, esbeltas, e há caras, sobretudo as que mantendo a alvura própria da raça e o azul dos olhos característicos, ostentam lindos cabelos pretos; as espanholas, soberanas da vivacidade, da desenvoltura, louras ou de cabelos negros filhas de uma raça cavalheiresca, são bem diferentes das nossas irmãs, que [illegible] começar a viver como se durante séculos as tivessem adormecido num sequestro. Roumaicas, gregas, suíças — onde estão as mulheres há sempre uma beleza — têm os seus especiais atractivos.
As nossas patrícias têm todas as qualidades que se encontram nas outras mulheres, sem nenhum dos defeitos. A graça e a candura da nossa mulher sobrepõe-se a toda a graça das estrangeiras. As lindas carnes das minhotas, turgidas e rígidas como o melhor mármore, os olhos e a desenvoltura transmontana, a doçura de linhas e macieza de curvas da beirã, o encanto escultural das mulheres do Douro, em que a coimbrã tem figura primacial pela sua escultura irrepreensível, a dolência da alentejana, a alegria da estremenha e a fascinação dos olhos da algarvia, são as características [illegible] nossas belezas pátrias, belezas verdadeiras e inconfundíveis.
Onde, pois irá, o nosso presado colega «Diário de Notícias» encontrar a sublimidade do belo, absoluto? Em que província? Em que cidade, vila, ou aldeia?
Não o sabemos, por enquanto, mas acompanhá-lo-emos das suas pesquisas, reproduzindo todos os exemplares que ele for exibindo nas suas colunas. Seja onde for, na cidade ou no recanto mais recôndito de uma serrania, onde a Portugália-Film fixar uma linda cara, reproduzi-la-emos imediatamente, acompanhando esse gracioso certame, que deve despertar no País um grande interesse».

D. Sara da Silva Sequeira,
20 anos, de Vizeu

15.25 Trânsito Automóvel no Porto
(safa! É pior que em Lisboa)

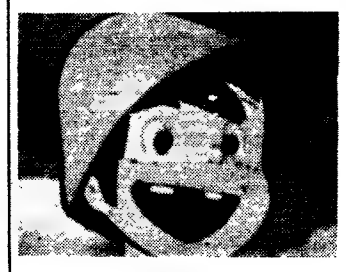
15.45 «A Família Real na Broadway»
(uma família de actores que se comporta, no seu dia-a-dia, como se estivesse no palco. São intérpretes Ina Claire, Fredric March e Mary Brian)

17.00 Atletismo

(transmissão directa de algures)

18.30 Presença do Brasil
(Portugal não pode ser um laboratório de experiências revolucionárias. Mas não exageremos ao contrário. Tá, seu Reinaldo?)

19.00 «Heidi»
(um dia destes hei-di escrever-te uma carta)



19.30 TV Rural
(o eng.º Sousa Veloso andava triste, à espera de melhores frutos. Agora já tem)

20.00 «Os Goodies»
(goodiabruras britânicas)

20.30 Telejornal — 2.ª edição
(a primeira esgotou-se rapidamente. Foi um ar que lhe deu)

21.05 Civilização
(«Quase por milagre» — 1.º episódio)

21.45 EUA — 200 Anos de uma Nação

(apareceu mesmo um novo «slogan»: Os Estados Unidos Jamais Serão Vencidos)

23.00 Telejornal — 3.ª edição
(muito enriquecido com o resumo filmado da etapa do dia da Volta a França em bicicleta)

II Programa

20.00 «O Capitão Kloss»

(a pretexto de ter sido êxito na TV, o que é uma peta klossal)

20.55 Jogos Sem Fronteiras
(este foi êxito no sábado, às 21.05, no 1 Programa, né?)

22.20 Telejornal
(a stencil, da edição transmitida às 20.30 no 1 Programa)

22.45 Cinema de Animação
(Vasco Granja apresenta)

Segunda, 5

I Programa

19.00 Paulo e Virgínia
(mais um episódio desta série controversa: de um lado, duas crianças livres, e do outro, uma raça escravizada. Mas as crianças é que são as vedetas da história)

19.30 Teledesporto
(os pontapés que os portugueses deram no decorrer da semana)

20.00 A bela moleira
(Schubert, o autor, Correia Alves o realizador)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(do País e dos outros)

21.00 Momento político
(tempo é dinheiro)

21.35 Noite de teatro
(com a peça de Alfonso Sastre «Morte no bairro», traduzida por Egito Gonçalves. Realização de Correia Alves. Actores: João Guedes, José Pinto, Júlio Cardoso, Jorge Rola, João Paulo, Monte Empina, Diamantino Silvestre, Lídia de Sousa, Emília Silvestre, Teresa Garcia, Fernanda Gonçalves, Luís Alves, Fernando Maia, Salvador Maia, Jorge Pinto, Fernando Silva e Raul Dique)

23.00 Telejornal (2.ª edição)
(com o resumo filmado da etapa do dia da Volta à França em bicicleta)

II Programa

20.00 O sobrinho da América
(um cavalo europeu para um americano montar)

20.30 Encontro com o passado
(O grioto e a tradição)

21.00 Evasões célebres

(ou a arte de ensinar gatunos a abrir fechaduras)

22.00 Telejornal
(para quem perdeu a edição do primeiro programa)

22.30 TV Jazz
(no programa do Gato Barbieri. Aqui há

gato... quanto a Barbieri, parece que está em Paris)

Terça, 6

I Programa

19.00 Os homens, os livros e as coisas
(tanta coisa para um só departamento de programas juvenis e infantis)

20.00 Ver
(dedicado às artes plásticas, segundo a óptica de José Eliseu)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(nada de novo no país ocidental, a dar crédito ao noticiário)

21.00 Vinho e pão
(série filmada: Pão-pão, vinho-vinho)

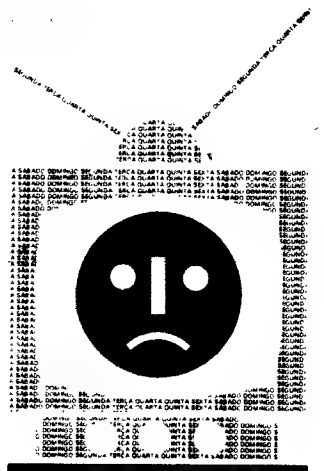
23.35 Confronto
(ou amigável encontro?)

23.00 Telejornal (2.ª edição)
(com mais um passeio de bicicleta à Volta da França)

II Programa

20.00 Wickie, o Viking

(já o grupo Adóque o diz: melhor tê-los no capacete do que na testa)



TV/PONTO

Sábado, 3

I Programa

14.00 Telejornal — 1.ª edição *(terminadas as eleições e conhecidos os resultados, alguns dos «telejornalistas» Aparecem em grande forma)*

14.15 Hoje Pode Ver *(cartaz dos programas da RTP e dos cinemas e teatros)*

14.20 Retrospectiva

(acontecimentos desportivos nacionais e estrangeiros)

14.45 Culinária *(o Chefe António Silva não faz como Pilatos. Torneira, nem vê-la...)*

15.10 Aconteceu, Acontece... *(tá bem, deixa)*

15.40 «A Família Powenz» *(instala-se o medo em Mossel: a família Powenz volta da guerra com um carro capturado ao inimigo e circula a alta velocidade, por cima de toda a folha, com manobras altamente perigosas. Para acalmar os ânimos, o bom do conselheiro*

municipal dá-lhes um terreno para construirem uma casa e concede-lhes um crédito. Muito edificante, portanto)

16.35 Fungagá da Bicharada *(ele e fungo, gagá, chato, triste, penoso. A continuar, deveria ser interdito a menores de 18, que as crianças não têm culpa)*

17.00 Hóquei em patins

(um jogo do Campeonato Nacional da modalidade, transmitido directamente do Porto)

18.15 Concerto *(preenchido pela Orquestra Sinfónica da RDP com a «Fantasia Coral», em dó menor, op. 80, de Beethoven. Dirige o maestro Garcia Navarro. Colaboração do flautista Joan Haines)*

19.00 Stop *(na última edição, Filipe Nogueira tratava um oficial da G. N. R. por «nosso tenente». Isso é que é preciso: Respeitinho pelos galões e pelo agente da autoridade que, no Stop, tem sempre razão)*

19.15 Cinema de Animação

(Vasco Granja às voltas com a banda desenhada. Ó Vasco, olhe que a banda não é só para crianças. Há matulões que afinam com aquela dos «pequeninos»...)

19.45 «Gente do Amanhã» *(não deixes para amanhã o que podes fazer hoje: Teletransporta-te)*

20.15 Cartaz TV *(o regresso de Jorge Alves)*

20.30 Telejornal — 2.ª edição *(muito valorizado, agora a preto e branco)*

21.00 Jogos sem Fronteiras *(desta vez as brincadeiras desenrolam-se em Milão, sob a responsabilidade da Radiotelevisão Italiana. Brinca-se muito)*

22.30 Actualidades

23.00 Telejornal — 3.ª edição *(atenção: ele inclui um resumo filmado da etapa do dia da Volta à França em bicicleta)*

II Programa

20.00 Música Antiga *(da península Ibérica. O clavicórdio e o cravo. São intérpretes Cremilda Rosado*

Fernandes e Manuel de Morais. É bem feito, para quem tem o II Programa)

20.40 Azulejaria Portuguesa *(um desfile de azulejos, branquejos e amarelejos)*

21.00 «O Mundo Português» (na rubrica Clássicos do Cinema)

21.45 Telejornal *(tirado a papel químico do TJ 2 apresentado no I Programa às 20.30)*

Domingo, 4

12.00 Missa de Domingo *(Amen)*

12.45 Mar Limiar *(uma surpresa do coceano do Lumiar)*

13.15 No Jardim Zoológico *(de Londres)*

13.45 Desenhos Animados

14.00 Telejornal — 1.ª edição *(selecção de notícias do país e do estrangeiro)*

14.10 Hoje Pode Ver *(Posso? Obrigadinho)*

14.15 «A Mala de Hamburgo»

(recomenda-se, também, o saco de plástico)

"As mulheres do meu país"

As mulheres portuguesas, em 1924, na sua maioria viviam ainda na «belle époque». Estava-se, então, em período histórico. Nomeavam-se Ministérios, caíam Ministérios. As mulheres, as «burguesinhas», continuam a passear nos jardins, tímidas, abanando suavemente a cabeça à passagem de um «cavalheiro». Este tirava o chapéu, retorcia os bigodes, respeitoso e concentrado. Mal passava, compunha o seu ar marialva, e «ia à vida». Aquelas serviam para casar. Mas não eram companheiras — pensavam.

É verdade que algumas mulheres já se distinguiam em certos sectores. Criaram mesmo a Liga Republicana das Mulheres portuguesas. Adelaide Cabette foi uma das suas fundadoras. Pormenor curioso: em 1911 foi nomeada a primeira mulher professora universitária, Carolina Michaelis de Vasconcelos. A lei eleitoral de 1911 era ambígua quanto à concessão do direito de voto ao sexo feminino — visto não especificar o sexo dos «cidadãos» eleitores — o que levou uma médica a solicitar o ingresso nos cadernos eleitorais, a ser inscrita como votante e a votar efectivamente nas eleições de 1911.

Esta falha da Lei Eleitoral foi imediatamente superada. Em 1913 foi bem explicitado que as mulheres não podiam votar.

Para além da atitude corajosa (nessa altura davam-lhes outros nomes...) de algumas mulheres, o embrutecimento era generalizado. As mulheres queriam, precisavam de casar. Entretanto, bordavam, cochichavam, imaginavam...

A Imprensa dessa época incitava as mulheres a manter o seu papel. Noutros casos, porém, já interpretavam as correntes mais progressistas. E falavam do feminismo.

Ao lado das «confidências femininas» (não são muito diferentes das que lemos hoje) davam-se os principais «ensinamentos». Assim, a mulher devia aprender: «a coser; a cozinhar; a ser amável; a ser obediente; a ter livros utéis; a levantar-se cedo; a fugir da ociosidade; a convencer pela meiguice; a não falar antes do tempo; a ser a poesia e a flor do lar».

A maioria lia com avidez estes conselhos. Treinava-se. Disfarçava. Depois, já casada, o poema não rimava e a «flor do lar murchava...».

Mas nem sempre as mulheres eram consideradas tão meigas. Eram apelidadas de cruéis e «serpentes venenosas» pelos poetas, amantes frustrados.

Contra isto se insurge Beatriz Delgado num artigo publicado em 1924. Intitulava-se:

«Gatos que afagam e mulheres que arranham». «De todos os animais — escrevia — aquele que mais comparações com a mulher tem tido, é sem dúvida, o gato. Raro tem sido o poeta que, numa quadra ou num soneto, não assemelhou as mãos da mulher amada às garras desse bichano».

Protestando contra isto, a articulista confessa que algumas, mas essas são excepção «têm muitas vezes, umas garras mais aduncas e mais perigosas do que estes animais». Mas a maioria «nem sequer chega a ter unhas...».

Era neste ambiente de contradições, de uma sociedade que termina, outra que ressurge (os anos que se seguiram à I Grande Guerra foram de revolução: o caso da União Soviética), que se começa a organizar a luta das mulheres pela sua emancipação.

Artigos referem os nomes das precursoras do feminismo. As mulheres começavam a «afiar as garras» para a luta. Umas iam até às últimas consequências, outras ficam pelo caminho. Desistiam.

Algumas mulheres famosas manifestavam opiniões não muito agradáveis ao seu sexo: «As mulheres — dizia madame de Stael — não tendo nem profundeza nas suas análises, nem persistência nas suas ideias, não podem ter génio». Madame Maintenon, uma das desistentes, confessava: «Para as mulheres, a doçura é a melhor maneira de ter razão».

Outras, contudo, continuavam imperturbáveis. Na Itália, madame Cavalieri, jornalista, escreveu muito pela causa da mulher. Acabaria por ser eleita presidente da comissão de propaganda para melhorar as condições intelectuais e jurídicas da mulher.

Enfrentavam a opinião pública. Na Inglaterra, a condessa de Aberdeen e madame Gladstone, viúva do grande ministro britânico, dirigiram o movimento feminista. Estava à frente da Federação Liberal das Mulheres e percorreram toda a Inglaterra para fundarem sucursais. Mais de dez mil mulheres estiveram envolvidas nesta federação.

Houve muito mais precursoras do feminismo. Madame Béquet de Viena de Áustria, na França, madame Dissard, mademoiselle Cecile Chaminade, etc.

Mas voltemos «a casa».

Também as mulheres começavam a despertar. Em 1924 realizou-se um congresso de mulheres, a cuja sessão inaugural presidiu o presidente da República, Bernardino Machado.

Simultaneamente, Ferreira de Castro escreve um romance, «A Ditadura Feminista — Hipótese de um Futuro Regime». Imaginou, então, uma sociedade toda ela sob o domínio das mulheres. As feministas tomam o Terreiro do Paço e instituem o Governo provisório, etc., etc. — eram subtítulos dos episódios.

Indiferentes a isto, as mulheres continuam a luta. Surgem exemplos. Uns muito conhecidos; outros que a história já esqueceu. Teresa de Escoriaza foi nem mais nem menos do que uma repórter de guerra. Explicou numa entrevista: «... não foi fácil, nada fácil. Tive de lutar; tive de convencer-me a mim mesmo que possuía, dentro de mim um nobre e justo desejo de viver a minha vida; um destino tão nobre como o de fechar-me num convento; tão justo, como o de fechar-me num lar para sempre, resignada a uma condenação improficua e estéril». Claro que para iniciar a sua carreira profissional, começou por assinar com pseudónimo... masculino.

Os anos passaram. O movimento feminista, em regime fascista, não tinha viabilidade. As suas reuniões foram proibidas. O poder e a Igreja encarregaram-se da «perseguição».

Maria Lamas. Um nome. A resistência. O seu livro «As Mulheres do meu País» foram a maior denúncia que foi feita sobre a situação da mulher portuguesa. E em que circunstâncias! Por isso, foi obrigada a exilar-se. Não poderemos, no entanto, deixar de transcrever um pedaço do prefácio da sua obra: «Olhei à minha volta e comecei a reparar melhor nas outras mulheres; umas resignadas e heróicas na sua coragem silenciosa; outras, indiferentes, entorpecidas. E ainda aquelas que fazem do seu luxo a exibição de um privilégio». E conclui: «Assim foi escrito este livro que é uma expressão da fraternal solidariedade com as mulheres do meu país».

É exactamente assim que surge nas mulheres a vontade de lutar pelos seus direitos. Quando olhamos à nossa volta e reparamos nas outras mulheres... a luta começa.

Escreveu-se isto em 1924

De todos os animais, aquele que mais comparações com a mulher tem tido, é, sem dúvida, o gato.
Raro tem sido o poeta que, numa quadra ou num soneto, não assemelhou as mãos da mulher amada às garras deste bichano.
N entanto, devemos confessar que a comparação nem sempre é acertada: porque, assim como há gatos que arranham, há mulheres que não acariciam nem sequer para arranhar...

Uma que arranha, sem ser gato...

O «monstrozito de garras cor-de-rosa» como lhe chamou alguém—não passa as mais das vezes duma inofensiva criatura que se deixa vencer pelo mais perigoso dos animais, e que raramente aproveita as garras para se defender.

Um gato que não tem unhas...

Quem me chama?

Também o gato é quase sempre um inocente brinquedo nas mãos das crianças e que nem sequer tem palavras para se queixar ou para pedir um pouco de misericórdia para o seu estômago vazio.
Conheço alguns gatos a quem as crianças da casa fazem verdadeiras diabruras sem que os pobrezitos façam a mais leve menção de as ferir. Deixam-se maltratar com a mesma passividade com que algumas mulheres se deixam seguir na corrente da vida.
Entretanto, para sermos justos, devemos dizer que elas têm, muitas vezes, umas garras mais aduncas e mais perigosas do que estes animais. Mas estas são as excepções, porque a maioria nem sequer chega a ter unhas.
Certos homens—que aprenderam em qualquer manual fora de moda a criticar e a pôr defeitos no sexo contrário—exibem a maior parte das vezes umas unhas mais curtas e uma maldade mais cumprida...**É** talvez a lei das compensações!
Não se desconsolem, no entanto, os senhores que têm garras, porque basta ver as gravuras que ilustram esta crónica para se convencerem de que há, também, gatos que acariciam e mulheres que arranham.
Reparem na expressão doce e resignada dos bichanos e comparem com a expressão perversa e um pouco sardónica dessa lindíssima mulher que usa o nome de Pola Negri e foi a noiva do conhecido Charlot.

Ela, que tantos homens tem arranhado... tem uma verdadeira adoração pelos gatos, criando formosos exemplares, e conseguindo o que com a sua beleza não tem alcançado.
Mas há ainda um outro motivo que leva Pola Negri a apreciar estes animais: é reconhecer que eles, à semelhança de muitas mulheres, têm sido sempre caluniados.
Os dois exemplares que apresentamos são dos mais belos que têm aparecido na América e dos que maior número de votos obtiveram.
Há um parágrafo na Biblia que diz: o céu será para os bons e o inferno para os maus. Isto só prova a veracidade do ditado «chega-te aos bons e serás um deles» porque, enquanto este gato afaga e acaricia a sua dona, a linda actriz aproxima-se dos homens—que são neste caso os maus—e aprende com eles a arte de ser má...
(«Gatos que afagam e mulheres que arranham», por Beatriz Delgado)

A primeira em Medicina

Foi apenas há um século que pela primeira vez na Europa uma mulher conseguiu formar-se em Medicina, a francesa Matilde Theps. De origem alemã, Matilde frequentou a Sorbonne quando tinha vinte anos (na Alemanha, era proibido o acesso das mulheres a cursos superiores). Por insólito que pareça, o doutoramento de Matilde Theps foi efectuado em Lisboa, após o que foi autorizada a exercer a profissão, tendo então partido para o Japão e para a China.
A entrada para a Sorbonne foi um autêntico escândalo na época, cultivado principalmente por mulheres que se juntavam à porta da Universidade, insultando-a, atirando-lhe pedras e aconselhando-a a ir «para casa coser meias».
Os homens também não aceitavam que Matilde frequentasse a seu lado a Universidade, mas como ela provou ser uma aluna aplicada e muitíssimo inteligente, acabaram por ceder, tratando-a contudo sempre com um «paternalismo» aliado ao «machismo» em pleno vigor na época.
Na Europa, Matilde não teve oportunidade de convencer a sociedade de que era um médico tão competente como um homem, e após ter exercido a profissão, por pouco tempo, em Estrasburgo, decidiu-se pelo Oriente.
As jovens estudantes suíças que muitos anos depois lhe pediam o seu conselho sobre se deviam casar, ou continuar os estudos», Matilde dizia para «seguirem a sua vocação».
Embora pagando o preço que, há um século, não era fácil.

ARTE/EXPO

Ass. Portuguesa de Arte Fotográfica
(R. das Chagas 17
tel. 36 76 59)

«Festival» — exposição portuguesa de João Paulo Sotto Mayor

Horário: terça e sexta das 21.30 às 24 h.

Biblioteca Nacional
(Campo Grande
T.767750)

«Figuras e costumes portugueses»
na colecção de estampas da Biblioteca Nacional

Horário: de segunda a sexta das 10 às 12 e das 14 às 20 h.

Galeria 111
(Campo Grande, 113
tel. 76 74 06)

Exposição colectiva de pintores portugueses

Horário: das 10 às 13 e das 15 às 19 h.
aos sábados encerra às 13
Fecha aos domingos.

Galeria Kompass
(R. Augusto Santos, 11
tel. 4 16 49)

Serigrafias portuguesas e brasileiras

Horário: das 10 às 13 e das 15 às 20 h.
Encerra aos domingos

Grafil
(R. S. Filipe Nery 42-1.º
tel. 65 75 36)

Gravura, desenho e pintura de António Carmo, Monteiro Gil e Silva Palmeira

Horário: das 10 às 13 e das 15 às 19 h.
aos sábados encerra às 13
Fecha aos domingos.

Galeria Quadrum
(R. Alberto Vieira 52
tel. 77 97 23)

Pintura de Jorge Pinheiro

(até 5 de Julho)

Horário: das 10 às 13 e das 15 às 19 h.
Sábados e domingos: das 15 às 19 h.

«Gravura escolar» e «Gravura de D. Fernando II»

Horário: das 9 às 20h.
sábados: das 9 às 12 h.
encerra aos domingos

Galeria Interior
(R. Camilo Castelo Branco 20
tel. 55 65 89)

Pintura e tapeçaria de artistas portugueses

Horário: das 10 às 13 e das 15 às 19 h.
aos sábados encerra às 13
Fecha aos domingos.

Soc. Nac. Belas-Artes
(R. Barata Salgueiro
tel. 4 12 93)

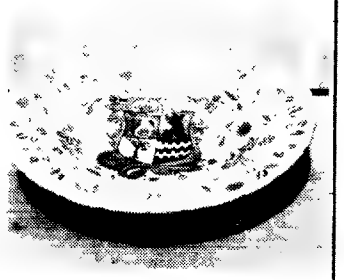
Museu Nacional
de Arte Antiga
(R. das Janelas Verdes
tel. 67 27 25)

Exposição de Arte Oriental Nambans

Horário: das 10 às 17 h.
Aos domingos encerra às 19 h.
Fecha às segundas.

«Juventude Soviética»

Horário: das 10 às 17 h.
às quintas e domingos fecha às 19 h.
Encerra às segundas.



museus

Museu de Arte Popular
(Av. Brasília, T:61122)
Entrada: 1$50. Grátis às quintas-feiras.
Horário: 10 às 17
Encerra às segundas-feiras.

Museu Calouste Gulbenkian
(Av. Berna, 45, T:76 0304)
Entrada: 5$00. Grátis aos sábados e domingos.
Horário: terças, quintas, sextas e domingos, das 10 às 17, quintas e sábados, das 14 às 20.
Encerra à segunda-feira.

Museu Agrícola da Quinta do Galvão, T:63 7023)
Entrada gratuita.
Horário: das 11 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

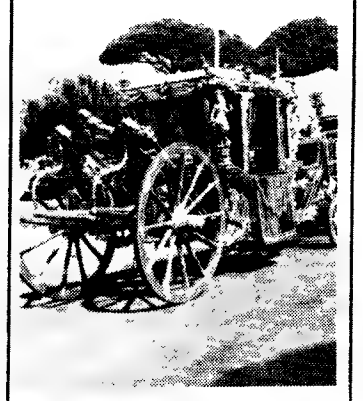
Museu do Azulejo
(Anexo ao Museu Nacional de Arte Antiga)
(Convento da Madre de Deus, T:[illegible])
Entrada gratuita
Horário: das 10 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

Museu da Banderia
(Av. D. Carlos, Quartel do B.S.B., T:663141)
Entrada gratuita.
Horário: terças e sextas, das 15 às 17 e 30.
Encerra nos restantes dias da semana.

Museu-Escola de Artes Decorativas
(L. das Portas do Sol, 2
T:862154)
Entrada: 2$50. Grátis aos domingos.
Horário: das 10 às 17, domingos das 13 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

Museu dos C.T.T.
(R.D.Estefânia, 173-175, T:46122)
Entrada gratuita.
Horário: terça a sábado, das 14 às 18, domingos das 10 às 13.
Encerra às segundas-feiras.

Museu Nacional dos Coches
(P.Afonso de Albuquerque, T:63 8022)
Entrada: 5$00. Grátis aos sábados e domingos.
Horário: das 10 às 17.
Encerra às segundas-feiras.



Museu Arqueológico
(Convento do Carmo, T:[illegible]0473)
Entrada: 5$00.
Horário: das 11 às 18.
Encerra às segundas-feiras.

GRANDE EXPOSIÇÃO

«A JUVENTUDE SOVIÉTICA»

De 1 a 18 de Julho das 16 às 21.30 horas

Na SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Rua Barata Salgueiro — LISBOA

APOIO DA DIRECÇÃO GERAL DE ACÇÃO CULTURAL

... «Verdadeira escola da vida da juventude e do povo soviético», a Exposição inclui obras de pintura, escultura, artesanato, protótipos de jóvens cientistas soviéticos, estando dividida por secções dedicadas a temas específicos como o Desporto, a Agricultura, a Indústria, a Cultura, o Ensino, os Tempos Livres, o Trabalho, as Crianças.

Sábado — 3 de Julho

10 horas — Chegada das crianças ao Parque Eduardo VII

— Início de actividades desportivas, orientadas por monitores

— Realização de jogos infantis, pinturas e modelagem, orientados por educadores infantis.

13 horas — Paragem das actividades para almoço, sob forma de um grande piquenique.

15.30 h. — Visita guiada das crianças à exposição, onde serão recebidas pela direcção soviética, que orientará toda a visita.

Domingo — 4 de Julho

16 horas — Chegada das crianças à exposição onde serão recebidas pela direcção soviética da EXPOJUV.

Visita guiada à exposição. Numa pausa da visita serão projectados filmes soviéticos de animação. Num sector específico da exposição as crianças terão oportunidade de desenhar e pintar.

Santo inquérito

Continuação da pag 15

João Guedes dá o anel a beijar com um *desprezo natural* que define a grandeza de um comediante. Esta cena marca o rítmo do espectáculo, é o seu momento de mais larga respiração.

Quanto às elípses, quase cinematográficas, utilizadas por Benite evocaremos a cena em que de Branca e Augusto, ocultos pelos panos, se vêem apenas as mãos agarradas; de súbito, caídos os panos, vemos que Augusto foi substituído pelo padre e que as mãos dos noivos são agora as mãos postas daquele; numa das cenas do interrogatório de Branca, por uma mudança brusca de luz cria-se um outro campo de atenção em que vemos o guarda da prisão a barbear-se.

O espectáculo é, aliás uma máquina de signos que, embora depurados, contém uma carga conotativa que constitui a sua grande força. Essa força diminui nas cenas finais, após a entrada no palco do aparelho de tortura. Mais uma vez se demonstra a dificuldade em comunicar teatralmente cenas desse tipo, aqui sobretudo prejudicadas pela impossibilidade de Estrela Novais (Branca) se controlar emocionalmente e fazer dos seus gritos mais do que manifestações ruidosas.

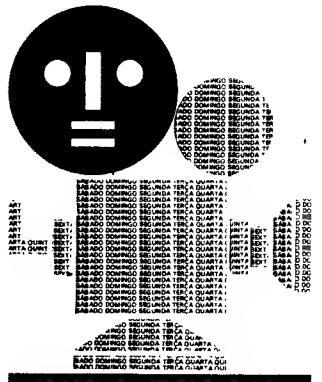
O trabalho de Joaquim Benite, aliás como os anteriores, define-se por uma grande coerência de processos, aqui, a nosso ver, prejudicada pelo convencionalismo de certos *ritos* (o guarda lançando do

O espectáculo é, aliás uma máquina de signos que, embora depurados, contém uma carga conotativa que constitui a sua grande força. Essa força diminui nas cenas finais, após a entrada no palco do aparelho de torutra. Tais uma vez se demonstra a dificuldade em comunicar teatralmente cenas desse tipo, aqui sobretudo prejudicadas pela impossibilidade de Estrela Novais (Branca) se controlar emocionalmente e fazer dos seus gritos mais do que manifestações ruidosas.

O trabalho de Joaquim Benite, aliás como os anteriores, define-se lor uma grande coerência de processos, aqui, a nosso ver, prejudicada pelo convencionalismo de certos *ritos* (o guarda lançando do

alto numa tigela a água com que depois lava as mãos, por exemplo) e pela concepção da personagem interpretada pelo amador Augusto Morais. Pareceu-nos que Benite quis criar, como nas grandes tragédias, um elemento cómico distanciador. Simplesmente, aqui o recurso não resulta, já pela importância da personagem e pela sua contínua ligação aos elementos repressivos — cuia leiturapreju dicada — como pelo carácter excessivo e de nível demasiado amadorístico que o actor lhe imprime (isto, independentemente da expressividade da composição). Aliás, acontece com os actores da Seiva Trupe, (com excepção de João Guedes que vimos trabalhar como nos seus velhos tempos, com um excelente aproveitamento dos seus recursos corporais) denunciarem a falta de técnica — coisa que se passa com muitos dos nossos profissionais — que os impede de dominarem o seu sistema nervoso e assim de explorarem as suas potencialidades expressivas. Se Castro Guedes (no Padre) consegue traduzir pelo movimento, pelo corpo, pelo entendimento interior da personagem, as tensões que a percorrem, mostra-se incapaz de a exprimir a nível vocal. Com Estrela Novais — *pivot* da peça — dá-se algo semelhante: a sua bonita figura em cena, a sinceridade com que se dá ao papel, são insuficientes para o aproveitamento integral da personagem. É o caso, para dar um exemplo, da cena capital do julgamento em que a personagem diz, com a Marselhesa em fundo, os mandamentos evangélicos, cena que quase se perde pela debilidade vocal e pela falta de serenidade da intérprete. António Reis, demasiado apagado numa personagem mais importante do que parece; surpreendeu-nos, em contrapartida, o trabalho do jovem intérprete de Augusto. Gostaríamos ainda de evocar a definição de espaço e algumas marcacões inventadas por Benite (os corredores em casa de Simão; as corridas no interrogatório; a cena em que Branca afaga a cabeça do Padre como se fosse a do avô morto, por exemplo); gostaríamos sobretudo de sublinhar a forma como o encenador explorou certas personagens: é o caso da escultura divina, encarnada por um João Guedes imóvel; é o caso das personagens que encarnam as forças repressivas segurarem, no final os panos que sinalizam as chamas que Branca — a pura — arde para maior glória da Igreja.

Com este trabalho de Joaquim Benite o teatro português profissional fica mais rico, e o teatro amador empobrece sensivelmente.



CINE/PONTO

O FUNERAL DO PATRÃO
de Eduardo Geada
(Portugal - 1975)

Sobre peça de Dario Fo um trabalho de Eduardo Geada para a televisão. Com qualidades e defeitos mas sobretudo relevante documento do espírito de uma época e do cinema que então se fez. Ver e discutir com lucidez.
Cinema Universal

SOLDADO AZUL
de Ralph Nelson
(USA - 1970)
Há seis anos, com My Lay fresquinho na consciência dos cidadãos americanos, este filme apareceu como a denúncia dos vários genocídios em que aquele país se tem empenhado um pouco por todo o lado.
Já nessa altura nós não fomos muito nessa conversa da denúncia, feita com as «massas» do senhor Levine. E hoje, leitor?
Cinema Condes
(não ac. men. 13 a.)

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
de João César Monteiro
(Portugal - 1975)
Um filme de César Monteiro que é talvez o que de melhor se produziu em Portugal para a televisão. Guardando a distância e a frieza necessárias, usando o racional mais do que o sentimento, César Monteiro fez um filme que, para além de tudo, é já hoje um documento das dúvidas, das indecisões, das coragens que a esquerda portuguesa carregou consigo nestes dois anos.
Agora que alguns querem inverter o rumo este é um filme que, solidamente, avança.
Cinema Universal

E TUDO O VENTO LEVOU
de Victor Fleming
(USA - 1939)
A memória do cinema é, e parte, este filme. A crónica sentimental dos nosssos pais passa pr Clark Gable e Vivien Leigh num sul em turbilhão. Se quer saber porquê, eis uma oportunidade. Esqueça o 70 mm e a estereofonização.
Cinema Tivoli
(não ac. men. 13 a.)

TRÁS-OS-MONTES
de António Reis
e Margarida Martins Cordeiro
(Portugal - 1974/76)
Um filme de/sobre resistência, a resistir às 19h. de todos os dias ao cerco da distribuição/exibição. Um filme que, para lá disso, é um acto de coragem e de rigor, a arte que já não falta à revolução que cada vez mais falta faz.
Testemunhar o povo e a cultura, marcar os sinais que enformaram Trás-os-Montes entre Celtas, cruzados e alguns mouros que por lá foram ficando e procriaram um povo caldeado em mil culturas, falar também dos que partiram e partem para as Argentinas ou Brasis ou, mais perto, as Françaas e Alemanhas de todo o nosso descontentamento, guardar o Inverno e a fome e as minas donde muitos não voltam, tal é o fresco poético que o António e a Margarida levantaram, para sua (e, já agora, nossa) honra.

Camaradas! Não se esqueçam: no Satélite está, uma sessão por dia (para nossa vergonha), o filme mais revolucionário que por cá se fez. Por todas as razões.
Cinema Satélite
(para todos)

O ÚLTIMO ANO EM MARIENBAD
de Alain Resnais
(França - 1961)

Aqui, atenção! Ninguém o obriga a gostar deste filme mas, por favor, não deixe de se deixar embalar. Esqueça o tempo e o espaço concretos e penetre nas coordenadas da sua memória onde tudo é agora, no acto de estar aqui. O que existiu, ou desejou, ou deseja aconteça ou talvez só soube, ou, ainda, teme, tudo se funde neste longo desenrolar belo e fascinante.
Cinema Quarteto - sala 2
(não ac. men. 13 a.)

CANTICO FINAL
de Manuel Guimarães
(Portugal — 1974/75)
Filme derradeiro de Manuel Guimarães que acabou por ser completado por seu filho, «Cântico Final» é uma obra inacabada, o esboço para o filme a haver mas, concretamente, não chega a ser um filme. As falhas e os erros (de montagen, de som, de tempo, de iluminação, de fotografia de interpretação,...) são tantos que impossível é crer que este fosse o filme de Guimarães.
Cinema S.Luiz
(não ac. men. 13 a.)

INSÓLITO DESTINO
de Lina Wertmuller
(Itália - 1975)
Insólito é o termo. Tanto mais que a direita e a esquerda se sentem agredidas, por motivos opostos, e o busílis é que tal é impossível de conciliar.
Um filme nem sequer muito bem feito, expondo e expondo-se mas avançando sempre para lá do esperado. A exigir um debate entre o público e esse ainda é o seu ponto mais positivo.
Cinema Estúdio
(não ac. men. 13 a.)

A HISTÓRIA DE UM PATIFE
de Stan Dragoti
(USA - 1972)
Um western em nostalgia com aqueloutros de Ford, Ray ou Hawks que fazem a memória deste tipo de cinema.
Nostalgia que, porém, é acompanhada por uma raiva demolidora que, não estando em rupiura com o mito, o conspurca para o esconder ou esconjurar, já que hoje ele é impossível Daí a sujidade, a lama, a degradação dos heróis, antítese daqueles que se desejavam ams que já não á.
Cinema Quarteto - sala 1
(interdito a men. 13 a.)

CHOVE EM SANTIAGO
de Helvio Soto
(França - Bulgária 1975)
A emoção que este filme provoca, a tensão que traz consigo, a raiva e o calor, não chegam para ocultar uma incapacidade real de perspectiva polticamente a experiência da Unidade Popular chilena e a sua queda com o golpe fascista dos generais.
Apelar ao sentimento e esquecer a análise pode ser galvanizante mas é pouco. As revoluções fazem-se com emoção, é certo, mas sobretudo com inteligência.
Cinema Nimas
(não ac. men. 13 a.)

HÁ LODO NO CAIS
de Elia Kazan
(USA - 1954)

Um filme que, na época, foi um acto de vergonhosa justificação das denúncias de Elia Kazan (e até uma apologia à delacção) e hoje, vinte anos depois em Portugal, pode assumir carácter mui diverso.
Onde se prova que um filme não é uma coisa pairante mas em ligação concreta com o real em torno. Como este muda, a significação pode mudar e é o que acontece com «Há lodo no cais». Um assunto a discutir.
Cinema Quarteto - sala 4
(não ac. men. 13 a.)

O HERÓI DO REGIMENTO
de George Marshall
(USA - 1957)
Um Jerry Lewis menor a demonstrar amplamente que ainda é quem está por detrás da câmara quem dá o tom à obra produzida. Aqui o realizador é um funcionário veterano que vai funcionando. Não fora uma ponta de Peter Lorre e os esforços de Lewis e um filme seria um fracasso total. Assim é apenas visível.
Cinema Apolo 70
(para todos)

Alvalade
(Av. de Roma.
tel. 89 74 80)

— «As motos do inferno» — (M/6)
Realização de Bruce Blown, com Steve McQueen
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

Apolo 70
(Av. Júlio Dinis 10-A,
tel. 76 33 19)

— «O Herói do regimento» — (M/6)
um filme de George Marshall, com Jerry Lewia
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h

Arco Iris
(Portas de Santo Antão,
tel. 36 17 00)

Sábado — «Os 4 justiceiros» — (M/14)
Domingo — «Eu julgava-o morto Mr. Jake» — (M/10)
Segunda — «O Terror de Drácula» — (M/18)
Terça — «O rebelde das estepes» — (M/14)
Quinta — (O ataque do dragão negro» — (M/18)
Sexta — «Camorra» — (M/18)
Sessões: 21.15 h

Avis
(Av. Duque d'Ávila 45
tel. 4 71 63)

— «Bobby» — (M/13)
com Rishi Kapoor e Dimple Kapadia
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.30 h

Berna
(Av. Marquês de Tomar,
tel. 77 60 98)

— «O Gendarme em férias» — (M/6)
com Louis de Funés
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h

Caleidoscópio
(Campo Grande — Lisboa,
tel. 79 41 41)

— «Quo Vadis» — (M/13)
com Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov e Leo Genn
Sessões: 14.45, 18 e 21.15 h

Castil
(R. Castilho Edifício Castil,
tel. 55 58 47)

— «Emanuelle a antivirgem» — (M/18)
com Sylvia Krister
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

Cinearte
(Lg. de Santos,
tel. 66 04 46)

Sábado às 24 h.
«Sexo louco» — (M/18)
Sábado e domingo
«Com encontro marcado» (M/18)
Segunda e terça
«O Rally das gozonas» (M/18)
Quarta e quinta
«Núpcias de porcelana» (M/18)
Sexta
«Por uma mão cheia de diamantes» — (M/18)
Sessões: 15.30 e 21.15 h.

Cinebolso
(R. Actor Taborda 27-B,
tel. 57 34 07)

«Relações escaldantes» — (M/18)
Sessões: 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h.

Condes
(Av. da Liberdade 2,
tel. 32 25 23)

— «Soldado azul» — (M/18)
Realização de Ralph Nelson, com Candice Berten, Peter Strauss e Donald Pleasence
Sessões: 14, 16, 18.45 e 21.15 h

Eden
(Pr. dos Restauradores 21,
tel. 32 07 68)

— «Três pistolas contra César» — (M/18)
com Thomas Hunter, Delia Bocardo e Enrico Maria Salerno
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h

Estúdio
(Al. Afonso Henriques 35
tel. 55 51 34)

— «Insólito destino» (M/18)
com Giancarlo Giannini e Mariangela Melato
Realização de Lina Wertmuller
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

Ciclo de cobre para bodas de ouro

Todos os anos, quando o Verão se ergue, a Casa da Imprensa organiza o seu ciclo de cinema que já vai em treze edições. Sob o signo do feminino (que não da virgem, espera-se) este XIII Ciclo de Cinema acontece quando a Casa da Imprensa comemora os seus cinquenta anos. Porém, para bodas de ouro o ciclo é de cobre (se bem que com breves incrustações de diamante). Não sabemos se tal se deve à selecção ou à distribuição (aliás, de quinze filmes presentes, nada menos que dez pertencem à Doperfilme, distribuindo-se os restantes pela Rivus, Animatógrafo, Columbia (Warner e Lusomundo). Para já nota-se a ausência de uma das mais importantes distribuidoras do mercado, a Castello Lopes, e do grupo «Mundial filmes». Que razões?
Cobre, ou não, centremo-nos no diamante que é o que mais interessa. Mas, para já, o calendário para os próximos sete dias da semana:
Dia 3 — «WR-Os mistérios do organismo» de Ousan Makavejev; dia 4 — «Madre Joana dos Anjos» de Jerzy Kawalesowicz (foto acima); dia 5 — «Monsieur Verdoux» de Charlie Chaplin; dia 6 — «Electra» de Michael Cacoyannis; dia 7 — «Lola Montes» de Marcel Ophuls; dia 8 — «O amor de leão» de Agnès Varda; dia 9 — «Meu Deus, ao que eu cheguei» de Luigi Comencini.
Portanto, atenção ao fim-de-semana. Os dois filmes que o preenchem prometem. Indispensável é a fita de Chaplin da segunda-feira. Dia 9 o último Comencini pode ajudá-lo a ter uma ideia do nível que o cinema italiano está atingindo, além da sempre agradável presença de Laura Antonelli.
Se quiser recordar o que foi Martine Carol e reviver um «clássico», o filme de Ophuls é uma ocasião rara.
Dado que não voltaremos, no «7.7», a este ciclo convém chamar a atenção para os filmes que o encerram: «Le petit Soldat» de Godard (a 14) e «Selvagens» de James Ivory (a 15). Fecho em ouro, como convém.
A selecção do ciclo é da responsabilidade de José Vaz Pereira, nosso colega de «A Capital» e «O Jornal», e se não apresenta o (alto) coturno das duas anteriores boas razões, por certo, haverá. Já agora gostaríamos de as saber.

Império
(Al. Afonso Henriques 35
tel. 55 51 34)

XIII CICLO DA CASA DA IMPRENSA

Sábado — «Os mistérios do organismo» — (M/18)
Domingo — «Madre Joana dos Anjos» — (M/13)
Segunda — «Monsieur Verdoux» — (M/13)
Terça — «Electra» — (M/13)
Quarta — «Lola Montes» — M/18)
Quinta — «O amor de leão» — (M/13)
Sexta — «Meu Deus ao que eu cheguei» — (M/18)
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h

UMA ANTOLOGIA

LÍRICAS PORTUGUESAS, III Série

Já é tempo de dizer que está aí à venda desde há uns dois ou três meses a segunda edição de «Líricas Portuguesas, II Série», a primeira edição esgotada há muito. É uma antologia dos melhores poemas dos melhores poetas desde o «Orpheu» até ao neo-realismo, critério e apresentação de Jorge de Sena. O interesse duma antologia deste teor reside quase sempre em dois pontos preciosos: primeiro, (e no caso), ela oferece-nos a perspectiva de um determinado período de tempo e da produção poética que dentro dele se datou, depois, é possível encontrar aqui textos que figuravam em livros mais do que esgotados (e o facto de se tratar de produção do século XX não significa que determinados textos estejam assim facilmente ao nosso alcance de leitura). A demais, «Líricas Portuguesas, II Série» traz, em segunda edição, um estudo de Jorge Sena que, como a generalidade das coisas que Jorge de Sena escreve (salvo raras excepções), é uma leitura obrigatória para os minimamente iniciados nestas questões (reconheceremos que os não-iniciados poderão experimentar, naturalmente, algumas dificuldades). O estudo, aliás, precede outro, este conhecido já da edição anterior, e não menos notável. Jorge de Sena em grande forma. Num parêntesis: soubémos aqui há umas semanas que se encontra doente, em Santa Bárbara (Califórnia, USA). Vem a despropósito, mas votamos melhoras, ao mesmo tempo que recomendamos o seu último trabalho publicado em Portugal. (Portugália)

TERCEIRO MUNDO

«Os Condenados da Terra», de Franz Fanon. Numa síntese muito precária: é um texto sobre a descolonização, o conflito (hoje como ontem ardentemente aceso) entre o mundo imperialista (a Europa, designadamente) e o Terceiro Mundo.
Saíra em Portugal pela primeira vez (edição Ulisseia) em 1961 (em 1961, veja-se bem: quantos militares portugueses, por exemplo, o terão lido durante a guerra colonial?). Estava esgotado há muito. Saiu agora outra vez, desta na Ulmeiro. É um clássico. Tem um extenso (intenso e apaixonado) prefácio de Jean-Paul Sartre. É um livro que não devemos ignorar. Nós, portugueses, que não descobrimos senão muito mais tarde o que para Fanon já era uma evidência cultural e solar. (Ulmeiro)

PARA FÉRIAS

Um bom livro para férias, este «Malraux e Sartre falam de...» Do que eles falam, diz-se na capa: Portugal, Mário Soares, Vietname, Chile, União Soviética, Mao Tsé-Tung, Brejnnev, Freud, Pulitzer, Merleau Ponty, Claude-Levi Strauss, Maio de 68, Colonialismo, Socialismo, Revolução, Pornografia, Liberdade, e eles próprios. Trata-se de duas entrevistas de grande folêgo com dois dos nomes mais sonantes da literatura e do pensamento nos nossos dias, que são ainda os deles, Malraux e Sartre vivos. Aquele tipo de livros que se lêem da primeira à última página, num folêgo que reganha alento a cada ideia inesperada, a cada revelação. (Moraes).

PONTO.contra PONTO

FARO
Conservatório Regional
Dia 3, às 21.30 h
RECITAL DE VIOLONCELO E PIANO
Violoncelo: Maria José Falcão
Piano: Olga Prats
Boa música portuguesa contemporânea. Um grande clássico do século XX. Um expoente do romantismo alemão. Programa bem organizado, do ponto de vista cultural, e bem servido pelas qualidades dos intérpretes.

ESTORIL
Pavilhão dos Congressos
Dia 5, às 21.30 h
JAZZ
Grupo «Solo Now»
Gunter Hampel: Vibrafone, flauta e clarinete baixo
Joachim Kühn: piano
Albert Mangelsdorff: trombone
Pierre Favre: bateria percussão

Jazz, hoje e amanhã, com o grupo Plexus (Carlos Zingaro, Celso Carvalho e Paulo Gil) às 21.30 no Zodíaco, à rua de Santana à Lapa, 103. Dois concertos de jazz contemporâneo, pelo grupo que entre nós se tem imposto pelas suas interpretações e criações neste estilo musical.

A oportunidade de assistir a um recital de «jazz», tal como se pratica na Europa... Iniciativa do Instituto Alemão em colaboração com o «Hot-Clube» e com a Junta de Turismo da Costa do Sol

ESPINHO
Dia 7, às 21.30 h
ORQUESTRA GULBENKIAN
Direcção: Silva Pereira
Programa a determinar

VIANA DO CASTELO
Dia 9, às 21.30 h
ORQUESTRA GULBENKIAN
Direcção: Silva Pereira
Programa a determinar

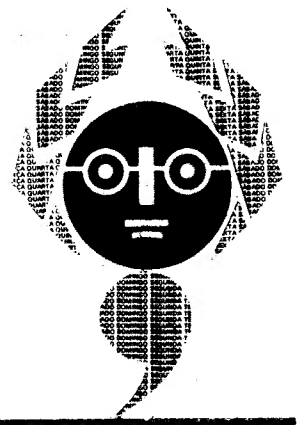
BRAGA
Dia 10, às 21.30 h
ORQUESTRA GULBENKIAN
Direcção: Silva Pereira
Programa a determinar

ÉVORA
Palácio D. Manuel
Dia 10, às 21.30 h
MÚSICA VOCAL CONTEMPORÂNEA
Obras de Hindemith, Ligeti e Lopes-Graça
«Grupo de Música Vocal Contemporânea»
Direcção: Mário Mateus

«Os elementos que compõem o Grupo de Música Vocal Contemporânea parecem decididos a realizar um trabalho profissional em profundidade e a adquirir uma qualificação técnica que lhes permita vencer as dificuldades colocadas por qualquer obra. A honestidade com que assumem as suas responsabilidades de intérpretes representa uma garantia segura de que se encontram no caminho certo. Entretanto, o seu rendimento individual e colectivo, no plano técnico e no plano estético, é garantido por um outro factor decisivo: a direcção de Mário Mateus».

A orquestra Gulbenkian no Norte do país

A partir do próximo dia 7 e até ao dia 16, a Orquestra Gulbenkian, sob a direcção de Silva Pereira, iniciará uma «tournée» pelo Norte do País.
Os concertos, cujo programa não está ainda fixado, mas que devem compreender o reportório mais corrente da Orquestra e proporcionar a apresentação de alguns dos seus melhores solistas, realizar-se-ão em Espinho, Viana do Castelo, Braga, Guimarães, Vila Real, Bragança, Chaves e Lamego.
Para algumas destas localidades esta visita da Orquestra Gulbenkian representa porventura o único acontecimento musical do ano.
Até quando?



a PONTO e virgula

Há uma boa notícia para dar ao leitor. Apareceu no mercado livreiro português um livro intitulado «Eu o Povo», de autoria de Mutimati Barnabé João. O livro foi publicado pela Frelimo em Lourenço Marques e em 1975, data da independência de Moçambique. É um conjunto de cerca de três dezenas de poemas — «poemas da revolução», segundo um subtítulo. Num consenso de pessoas versadas na matéria, que oportunamente leram os poemas de Mutimati, trata-se dum trabalho notável, tanto pela qualidade poética como pelo significado histórico que assume a sua publicação.
Conhecemos menos mal alguns bons poetas de Moçambique, temos lido nos últimos anos alguns excelentes livros que aí se têm publicado. Há assim uma possibilidade de situar os poemas de Mutimati num contexto. Pensando neste contexto tanto se pode dizer que **«Eu o Povo» não tem nada de imediato a ver com ele (uma poesia fortemente influenciada pelas correntes europeias, sem uma grande autonomia, salvo excepções de que Craveirinha pode ser o melhor exemplo), como, em grande parte, é uma emanação dele, em síntese histórica. Por outras palavras: o livro de Mutimati Barnabé João é talvez o primeiro grande texto de poesia moçambicana que em Moçambique se produz. O interesse dele para o interessado leitor português não deverá resumir-se a mera curiosidade. Começa por que se trata de poesia em língua portuguesa: há-de ser pelo menos curioso fazer um confronto entre a situação onde se encontra o discurso poético em português e em Portugal e a situação que representa «Eu o Povo» no discurso poético em** Moçambique e **em português.**
Depois, já se disse, trata-se dum conjunto de poemas de graduada organização discursiva e apurada confecção textual. Enfim, são, e propositadamente, «poemas da revolução», como o subtítulo indica.
Contando os poemas, chamemos assim aos fragmentos que compõem o livro, são vinte e sete. Cada um pode considerar-se uma peça autónoma. Uma múltipla unidade, no entanto, abraça o conjunto. Diremos que é uma unidade temática, uma unidade de tom e inflexão, uma unidade estilística também, esta estruturada com base na riqueza abundante dum vocabulário fundamentalmente substantivo e obtida através duma sintaxe algo linear mas flexível e ampla até a um ilimite de imponderáveis potencialidades expressivas. Este ilimite é um horizonte onde se situam toda a vocação e todo o ilimite do poema.
Vamos transcrever um, «24 horas por dia», para exemplo:

Em cada dia há mais coisas
na minha cabeça/ Estou a
dormir, estou acordado, não
faz diferença/ Passam-se
sempre coisas e deixei de ter
sonhos/ Porque sei que penso
o que há-de ser verdade/ Vou
ensinar os meus filhos que eu
tiver, a aprender/ Com os
primeiros passos nas palavras
outras coisas/ Que vão ser
engrenagens mecânicas de
pau, ferro e fibra/ Que sejam
as engrenagens da cabeça por
fora da cabeça/ Vou
ensinar-lhes a prática das
coisas da Vida/ E a fazer
certamente o aproveitamento
de Tudo/ Para saber juntar à
sua força as Forças Naturais/
E viver na engrenagem do
Mundo Universo/ Estou a
dormir. Estou acordado.
Estou sempre vivo/ É possível
trabalhar 24 horas por dia!
E estar muito descansado/
Não pensar Nada é que cansa
Tudo.

De que se fala neste livro? Não só do que o poema transcrito indica, poderíamos dizer que praticamente de tudo quanto diz respeito a um povo e a que um povo não deve ficar indiferente, fazendo a sua aprendizagem das coisas e do mundo, da realidade e do concreto, da história e da existência privada e pública, individual e colectiva, que lhe cabe viver.
Por último: quem é este Mutimati? — «Mutimati é a voz individual que corporiza a voz colectiva»: «Por isso 'Eu o Povo' é agora pertença de Moçambique. O Povo Moçambicano é o seu autor. Eu, o Povo/ Conheço a força da terra que rebenta a granada do grão/ Fiz desta força um amigo fiel. /O vento sopra com força/ A água corre com força/ O fogo arde com força/ Nos meus braços que vão crescer vou estender panos de vela/ Para agarrar o vento e levar a força do vento à Produção. /As minhas mãos vão crescer até fazerem pás de roda/ Para agarrar a força da água e pô-la na Produção./ Os meus pulmões vão crescer soprando na forja do coração/ para agarrar a força do fogo na Produção./ Eu, o Povo/ Vou aprender a lutar do lado da Natureza/ Vou ser camarada de armas dos quatro elementos./ A táctica colonialista é deixar o Povo no natural/ Fazendo do Povo um inimigo da Natureza./ Eu, o Povo Moçambicano/ Vou conhecer as minhas Grandes Forças todas.»

MANUEL RIBAU

Férias: Leve livros para ler

Um dos hábitos que nós temos é o de andar todo o ano a comprar livros, levar livros para casa, não ler por falta de tempo, acumular para depois levar e ler nas férias, no campo, na praia, descansadamente. Outro hábito que por vezes se adquire é o de chegar ao fim dos trinta dias de férias sem ter lido uma linha. Evite que este hábito se apodere de si. Ele dá-lhe, em relação à noção que você tem de que a leitura é um bom hábito, um sentimento forte de frustração, de desconfiança em si próprio. Depois você volta para mais um ano de trabalho e então a disponibilidade para os livros pode tornar-se ainda menor. Assim você corre o risco de chegar a uma certa idade e ter de confessar um pouco envergonhadamente aos amigos que há uma data de anos não lê um livro, uma página dum livro, um parágrafo, uma linha. Esta impotência ou esta fatalidade é desnorteante. Pouco a pouco, você vai perdendo interesse e disponibilidade. Não deve esquecer-se de que a leitura dum livro é um factor indispensável às suas relações de inteligência com os outros, com o mundo. Isto para além de que um livro que leia ajuda-o sempre a sentir-se mais sintonizado com o seu tempo e com os seus problemas — de você próprio e do tempo que lhe coube viver. O ideal seria que você lesse todos os dias, e não só o jornal: o ideal seria que você não tivesse um dia sem avançar na leitura do livro que anda a ler. Bem sabemos que as dificuldades são muitas e uma série de factores impedem-no de ler qualquer coisa todos os dias, sequer regularmente. Também sabemos que a responsabilidade não é mais sua do que do modo de vida que se leva, da vida que o sistema o obriga a viver. Mas isso não significa que você não deva fazer um esforço para contrariar as tendências e os hábitos para que o circunstancialismo o empurra e impor a si próprio uma certa disciplina. Agora, em férias, voce pode começar. Estamos aqui a falar de férias e de livros. Em férias, leve livros para ler. Se já está de férias e se esqueceu de levar livros, ainda está a tempo de os adquirir.
Gostaríamos não de dar-lhe sugestões sobre livros para ler, mas tão-só de lembrar-lhe que não deve privar-se do prazer da leitura. E não é só o prazer, também são as vantagens. Se nunca pensou nisto, pense. Depois verá.

Estúdio 444
(Av. Defensores de Chaves 83-B. tel. 77 90 95)

«Meninas de Bem» — (M/18)
com Renée Saint Byr e Noel Roquevert
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h.

Europa
(R. Almeida Sousa 35. tel. 66 10 16)

«O Leão e o vento» — (M/13)
com Sean Connery e Candice Bergen
Sessões: 15.15 e 21.15 h.

Jardim Cinema
(Av. Pedro Álvares Cabral. tel. 68 11 17)

Sábado — «Sim, Sim, meu coronel» — M/6)
Domingo — «A Vingança de Monte Cristo» — (M/13)
Segunda — «Croc-Blanc, o cão lobo» — (M/18)
Terça — «Ternura e violência» — (M/18)
«O Triturador» — (M/18)
Quinta — «Os sinos da morte» — (M/18)
Sexta — «Os prazeres do vigário» — (M/18)
Sessões: 15.30 e 21.15 h.

Londres
(Av. Roma 7-A. tel. 80 13 13)

— «Pato com laranja» (M/13)
com Ugo Tognazzi e Barbara Bouchet
Realização de Luciano Salce
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h

Monumental
(Pr. Duque Saldanha. tel. 55 51 31)

— «As aventuras em mares de espuma» — (M/13)
com Keit Carradine e Thomas Skerrit
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h

Odeon
(R. Condes 4-2.º. tel. 32 62 83)

— «A minha insaciável cunhadinha» — (M/18)
realização de Sérgio Bergonzelli, com Karin Well, Robert Wood, Greta Vaillant e Pupo de Luca
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h

Paris
(R. Domingos Sequeira. tel. 66 22 30)

Sábado e domingo — «Mr. Majestyk» (M/18)
Segunda e terça — «Meu nome é ninguém» (M/13)
Sexta — «Torre do Inferno» (M/18)
Sessões: 15.30 e 21.15 h

Pathé
(R. Francisco Sanches 152. tel. 82 19 33)

— «Emanuelle a antivirgem» — (M/18)
com Sylvia Krister
Sessões: 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Mundial
(R. Martens Ferrão 12-A. tel. 53 87 43)

— «Adolescência turbulenta» — (M/13)
Realização de Buzz Kulik
Sessões: 15.15, 18.30 e 21.15 h

Nimas
(Av. 5 de Outubro. tel. 57 43 62)

«Chove em Santiago» — (M/18)
com Annie Girardot, Jean-Louis Trintignant e Bibi Anderson
Sessões: 14.15, 16.30, 18.35 e 21.15 h.

Politeama
(R. Portas Santo Antão. tel. 32 63 05)

— «Por uma mão cheia de diamantes» — (M/18)
com Telly Savalas e Peter Fonda
Sessões: 14.15, 16.30, 19 e 21.15 h

Promotora
(Lg. do Calvário. tel. 63 71 80)

Sábado e domingo — «A mais brava vingança» — (M/18)
Segunda — «A Escapadela» — (M/18)
Terça — «A pele do Diabo» — delicadinho» — (M/13)
Quarta — «A Mulher de gelo» — (M/14)
Quinta — «E vieram 4 para matar Sartana» — (M/18)
Sexta — «O Padrinho de Harlen» — (M/18)
Sessões: 15.15 e 21.15 h

Rocio
(R. Sapateiros 225. tel. 36 98 22)

Sábado — «Os Punhos mortais de Kung Fung» — (M/18)
Domingo — «Matarei a um por um» — (M/18)
Segunda — «A rapariga da motocicleta» — (M/18)
Terça — «Apele do Diabo» — (M/18)
QUARTA — «Acusação e homicídio» — (M/13)
Quinta — «Obsessões» — (M/18)
Sexta — «Armadilha para um fugitivo» — (M/14)
Sessões contínuas a partir das 14.30 h.

Roma
(Av. Roma. tel. 72 91 92)

— «Emanuelle a antivirgem» — (M/18)
com Sylvia Krister
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

Roxy
(Av. Almirante Reis 20. tel. 4 85 60)

«Os inocentes de mãos sujas» — (M/18)
Com Romy Schneider
Sessões: 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h.

Quarteto
(Av. E. U. América. tel. 77 13 78)

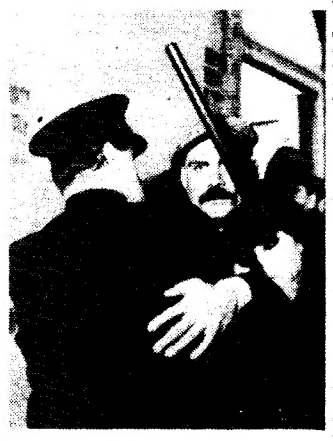
SALA-1

— «História de um patife» — (M/18)
realização de Stan Dragoti
Sessões: 15, 17, 19, 21 e 23 h

SALA-2

— «O Ultimo ano em Marienbad» — (M/13)
Realização de Alain Resnais
Sessões: 15, 17, 19, 21 e 23 h

SALA-3



— «Sacco e Vanzetti» — (M/13)
Realização de Giuliano Montaldo
Sessões: 14.45, 17, 19 e 21.30 h

SALA-4

— «Há lodo no cais» — (M/13)
com Marlon Brando
Sessões: 15, 17, 19 e 21.15 h

Royal
(R. Graça 100. tel. 86 50 37)

Sábado e domindo «O Cavaleiro de Alcova» — (M/18)
Segunda — «Anna — aquele particular prazer» — (M/18)
Terça — «Prazeres colectivos» — (M/18)
Quarta — «Histórias de faca e alguidar» — (M/13)
QUINTA — «O Diabo dentro dela» — (M/18)
SEXTA — «O Rally das gozonas» — (M/18)
Sessões: 14.50 e 21.15 h.

S. Jorge
(Av. Liberdade 175,
tel. 5 41 51)

— «O Monstro do pântano» — (M/18(
com Peter Cushing
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h

S. Luís
(R. Ant.º Maria Cardoso
tel. 32 71 72)

— «Cântico final» — (M/18)
um filme de Manuel Guimarães, com Rui de Carvalho, Manuela Cardo e Varela Silva
Sessões: 15.30 e 21.30 h

Salão Ideal
(R. Loredo 15,
tel. 32 41 94)

Sábado — «A minha arma não perdoa» — (M/13)
Domingo — «A Fúria de Dragão» — (M/18)
Terça — «O Marquês de Sade» — (M/18)
Quarta — «O Padrinho de Harley» — (M/18)
Quinta — «A Casa dos Diamantes» — (M/13)
Sessões: 15.15 e 21.15 h.

Satélite
(Av. Fontes Pereira de Melo 51,
tel. 56 26 32)

— «John sem lei» — (M/18)
um filme de Gary Nelson, com Sam Elliot e Vera Miles
sessões: 15, 17 e 21.15 h

Casino Estoril
(Estoril,
tel. 26 45 21)

Sábado, domingo e segunda «Paul e Michele» — (M/13)
Terça, quarta e quinta «O telefone cor-de-rosa» — (M/13)
SEXTA — «Funny Lady — uma mulher enxiabrada» — (M/13)

Star
(Av. Guerra Junqueiro 14-c
Tel. 804210)

— «Meu irresistível salvagem» — (M/18)
com Yves Montand e Catherine Deneuve
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

Tivoli
(Av. da Liberdade 188,
tel. 57 05 95)

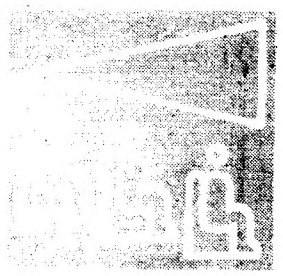
«E tudo o vento levou» — (M/13)
com Clark Gable, Vivien Leigh e Leslie Howard
Sessões: 15 e 21 h.

Universal
(R. Beneficiência 175,
tel. 77 44 02)

«O Funeral do Patrão» — (M/18)
Um filme de Eduardo Geada
Sessões: 15 e 21 h.

Vox
(Av. Fr. Miguel Contreiras Lt. 879,
tel. 72 08 08)

— «O Assalto dos Debermans» — (M/13)
com Charles Knox Robinson, Tim Considine e David Moses
Sessões: 14.15, 18.15 e 21.15 h



Há lodo no cais

FICHA

Título original: On the waterfront
Realização: Elia Kazan (USA - 1954)
Argumento. Budd Schulberg, *baseado numa sua peça sugerida por artigos de* Malcolm Johnson
Fotografia: Boris Kaufman
Música: Leonard Berstein
Montagem: Gene Milford
Som: James Shields
Interpretação: Marlon Brando *(Terry Malloy)*, Karl Malden *(o padre)* Lee J. Cobb *(Johnny Friendly)*, Rod Steiger *(Charlie Malloy)*, Eva Marie Saint *(Eddie)*, Pat Hanning, Leif Erickson, etc.
Distribuição em Portugal: Talma filmes.
Cinema: Quarteto - Sala 4
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos
Duração: 106 minutos

O cinema, como qualquer arte, é um facto eminentemente social, quer dizer, sujeito à situação concreta que a luta de classes cria num determinado momento histórico, o da sua produção. Como, porém, sem difusão, sem público, não há cinema, um filme fica também sujeito ao espaço da sua exibição e, de novo, ao momento histórico em que esta se dá.

As afirmações acima, quase um lugar-comum, são convocadas para este texto pela simples razão de estarmos perante um filme que as pode espelhar de forma exemplar.
Há lodo no cais foi feito em 1954, nos Estados Unidos pelo realizador Elia Kazan. Para quem não saiba, essa é uma data tristemente célebre, caindo no chamado período da «caça às bruxas» (traduzindo, aos elementos progressistas) do senador McCarthy. Elia Kazan foi, aliás uma das suas vítimas que viria a tornar-se «cooperante» através de uma das mais vergonhosas delacções policiais da época. Em 1954, ainda, o Sindicato dos Estivadores estava longe de ser controlado por *gangsters* (como o filme mostra) mas, ao invés, era um dos pilares da resistência ao anticomunismo. Por aqui se pode ver a jogada do filme. Nada menos que um apelo à denúncia numa época em que «não cooperar» significava a prisão, o desemprego (Herbert Biberman), exílio (Charlie Chaplin). Não é, portanto, de estranhar que *Há lodo no cais* tenha sido recebido, na altura, por uma onda de asco colectivo, onde se destacou Arthur Miller.

Um filme para um debate político

Porém, em Portugal/1976, quem sabe todas estas coisas? Ou seja, até que ponto a exibição deste filme num contexto como é o de aqui e agora não pode eleger, diria mesmo inverter, a sua significação?
Aqui parece-me, é que bate o ponto e pode começar a polémica. Porque, abstendo-nos (como, julgamos, fará o público) das condições de produção do filme, o significado ideológico que ele, hoje, pode transmitir é o de um liberalismo (até de esquerda) condicionado pelo tradicional individualismo estado-unidense. Para além disso, *Há lodo no cais* é um dos maiores mananciais de valores cinematográficos. A ficha é eloquente: Boris Kaufman (irmão de Dziga Vertov e operador de Vigo) na fotografia, Schulberg no argumento, Bernstein na música e um naipe de actores invulgar (Brando, Karl Malden, Lee J. Cobb, Rod Steiger, Eva Marie, Saint,...). Um filme para a discussão. Uma discussão que não é, longe disso, diletante.

Os que dizem sim e os que dizem não

«O SANTO INQUÉRITO», de Dias Gomes. Encenação: Joaquim Benite. Cenários e Figurinos: Joaquim Vieira. Interpretação: Alfredo Correia, António Reis, Augusto Morais, Castro Guedes, Estrela Novais, Fátima Gil, João Guedes, Luís Alves. Grupo de Teatro Seiva Trupe. Teatro de Os Modestos. (Porto). Junho 1976.

Da Seiva Trupe vimos um único espectáculo que aqui comentámos: «A Seiva Conta Catarina ao Povo». Depois disso, o grupo apresentou uma encenação da peça de Brecht «A Luz nas Trevas», e uma colagem de textos de vários autores.

Para encenar a peça «O Santo Inquérito», do dramaturgo brasileiro Dias Gomes — que o filme «O Pagador de Promessas» tornou conhecido em todo o Mundo — a Seiva Trupe convidou Joaquim Benite que assim se estreia no teatro profissional (Benite é o encenador do Grupo de Teatro de Campolide, como se sabe).

A peça de Dias Gomes decorre por volta de 1750, época em que a Inquisição estendeu os seus tentáculos até ao Brasil. A jovem Branca vive com o pai e está noiva de Augusto. Os antepassados de Branca eram cristãos-novos portugueses. Um dia, Branca salva um padre Jesuíta que estava prestes a afogar-se. Fez-lhe respiração boca-a-boca, o que deixa o padre bastante perturbado. Jovem e fanático, ele apaixona-se pela jovem, embora tente recalcar os seus sentimentos. Convive com Branca a pretexto de a conduzir ao caminho de Deus (e *razões* não lhe faltam: não mergulhou Branca no rio, numa noite quente, o corpo nu? Não são as suas manifestações religiosas demasiado heterodoxas, quando defende que Deus é claridade?). Incapaz de dominar os seus sentimentos, o padre denuncia a jovem ao visitador do Tribunal do Santo Ofício. Este, numa visita a casa dela descobre que a família continua a cumprir os rituais judaicos; descobre, além disso, que possuem livros que a Igreja proibia: «Jerusalém Libertada», «As Metamorfoses», e — suprema heresia! — uma tradução portuguesa da Bíblia que Augusto trouxera à noiva, de Lisboa. Branca, o pai e Augusto são presos; Augusto morre na tortura. Antes, porém, diz à noiva que é preciso salvar um mínimo de dignidade mesmo que para isso seja necessário sacrificar a liberdade e o sol. Ao ver que o pai não auxiliou Augusto para salvar a pele, Branca recusa-se a fazer a confissão que o Tribunal lhe exige e deixa-se morrer na fogueira.

É claro que a peça de Dias Gomes, através da história que nos conta (não isenta de melodrama), permite a leitura de outras torturas e de outras repressões. Entre a Inquisição e os militares que actualmente torturam no Brasil não há solução de continuidade: trata-se de perpetuar por todos os meios a exploração, de continuar a cadeira do Poder. A diferença está naqueles que são torturados, ou seja, entre os burgueses de ontem e os trabalhadores de agora: Joaquim Benite sublinha certeiramente esse aspecto fundamental, aproveitando para isso as personagens dos criados de Simão, o pai de Branca. O casal de escravos negros representa o elo mais frágil e oprimido da cadeia social. Isto mesmo pode verificar-se numa cena típica dessa visão da peça: quando Simão está à mesa a dissertar sobre a liberdade e sobre a defesa dos oprimidos, um dos criados deixa cair um prato. Simão dá-lhe imediatamente uma bofetada. Na cena seguinte, vemos os criados, sobre as cadeiras gozando a posição paternalista dos patrões.

O trabalho de Joaquim Benite baseia-se, como de costume, na maior clarificação do texto sem desprezar o possível enriquecimento das potencialidades da sua escrita cénica. Num palco vazio, negro, o encenador jogou com elementos muito simples mas altamente eficazes. É o caso muito em especial de um conjunto de panos brancos que constituem o principal elemento cénico: servem para sinalizar as águas do rio em que o padre se afoga e para cobrir Branca como se esta fosse uma imagem sacra; para separar os noivos e para os ocultar, quando se amam; como toalha de mesa e para sinalizar as chamas em que Branca é queimada, ao mesmo tempo que traçam a cruz que serve de fundo a essa cena.

A utilização dos parcos adereços é de resto fundamental na escrita cénica: os utensílios da mesa em que Branca e Simão comem e que servem para sublinhar o diálogo; as pinturas que são o sinal de Poderes diferentes, e que a luz salienta com força: o retrato de Simão e o pano pintado com o «sagrado coração de Jesus» rodeado de arame farpado, coração que a luz faz mudar de cor; a bacia em que o visitador toma banho com o qual abre uma das grandes cenas do espectáculo; finalmente, o aparelho de tortura em que Augusto é assassinado.

Benite utilizou uma linguagem compósita que se aproxima em certos momentos do «teatro cerimonial», o que não deixará de perturbar alguns dos seus admiradores. O facto não nos surpreendeu porque sabemos a propensão do encenador em explorar todos os recursos do teatro no sentido de aprofundar e tornar legíveis não apenas as linhas horizontais como também as linhas verticais do texto. A encenação é, neste caso, uma tessitura complexa em que é possível discernir movimentos lentos e elipses rápidas, uns e outras sublinhados pela música (Vivaldi, Handel e Mozart). O primeiro desses movimentos lentos é constituído pelo acto do Bispo do Santo Ofício que sai do banho e se paramenta com o auxílio de dois acólitos. Estes saem sucessivamente de um biombo trazendo as vestes e emblemas da personagem que ajudam a vestir com unção e temor (excelente o gesto de beijar os pés). O Bispo que saiu do banho mostrando as suas carnes flácidas — um homem vulgar — vai-se cobrindo de sumptuosos europeus, transformando-se através dessa cerimónia — que soberbamente acompanha num espelho imaginário — na personagem duplamente teatral que é. Cena arrancada do «Galileu Galilei», de Brecht, funciona aqui com extraordinária eficácia, tanto sob o ponto de vista ideológico como de escrita cénica. Ao ficar completamente pronto,

Continua na pág. 18

caixa do PONTO

E com este vão 4! Adòque — Grupo de Teatro — lá se vai aguentando nas canetas (magrotas) e, citando Rafael Bordallo Pinheiro, continua nas tintas para o Parque Mayer, nas tintas para os empresários do antigamente. Quando surgiu, o Adòque apresentou-se ao público nestes termos:

ADÒQUE é teatro musicado em autogestão.

ADÒQUE é o teatro que diz NÃO aos monopólios empresariais.

ADÒQUE é o teatro nas mãos de quem o trabalha.

Ao atingir o seu quarto espectáculo, esta cooperativa de trabalhadores de teatro,

Adõque

cuja tarefa maior tem consistido em dar uma caiadela na velha revista, garante que está aí p'rás curvas.

Este novo espectáculo apresenta uma novidade que tem a sua história. Entre os autores figuram pela primeira vez os nomes de Ary dos Santos e César de Oliveira, autores habituais do Teatro A.B.C. É que aconteceu uma coisa curiosamente bera com a equipa contratada por Sérgio de Azevedo. Este empresário entendeu que devia prescindir dos serviços do poeta Ary dos Santos. Tratou-se de um indesmentível saneamento à esquerda numa afirmação do caminho português do pluralismo. Mas a equipa de César de Oliveira e Rogério Bracinha não foi em cantigas. E lá se ficou Sérgio de Azevedo sem autores... E por isso Ary e César de Oliveira aparecem na equipa do Adòque. Espera-se que para ficar.

Teatro musicado em autogestão

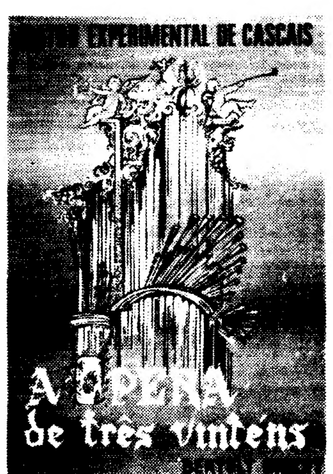
A GRANDE CEGADA. Texto e Música: Ary dos Santos, Braga Santos, César de Oliveira, Correia Martins, Ferro Rodrigues, Francisco Nicholson, Gonçalves Preto e Joaquim Luís Gomes. Encenação: Francisco Nicholson. Cenários e Figurinos: Maria Helena Reis. Coreografia: Fernando Lima.

Intérpretes: Ermelinda Duarte, Nicholson, António Montez, Henrique Viana, Magda Cardoso, Maria Tavares, Fernando de Oliveira, Lia Sena, Fátima Veloso, Natália de Sousa, Virgílio Castelo, Ana Margarida, Daniel Filipe. Teatro Desmontável do Martim Moniz.

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

(Teatro Gil Vicente tel. 2?0522 — Cascais)

A ÓPERA DE TRÊS VINTÉNS
de Brecht-Weill



Carlos Avilez tentou o impossível: montar uma ópera sem ter cantores nem actores capazes de cantar. O resultado não podia deixar de ser o que foi: uma expriência infeliz. Se teatralmente, há no espectáculo algumas coisas correctas, esta «Ópera» é no seu todo um desastre.

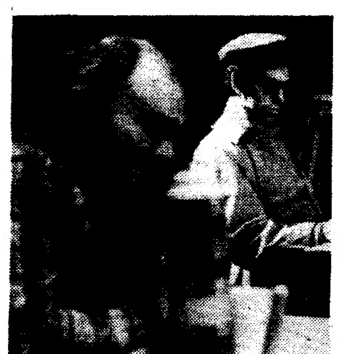
TEATRO DA CORNUCÓPIA

(Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
tel. 661515)

AS MÚSICAS MÁGICAS
de Catherine Dasté

Orientação Cénica : Glicínia Quartin
Intérpretes: Alexandre Passos, Augusto Figueiredo, Gilberto Gonçalves, Jorge Nascimento, Lia Gama, Luís Lima Barreto, Márcia Breia, Orlando Costa e Raquel Maria

Catherine Dasté, neta de Jacques Copeau, filha de Marie-Hélène e de Jan Dasté, sobrinha de Michel Saint-Denis, estudou teatro no Old Vic de Londres e estreou-se como actriz na «Comédie de Saint-Étienne», onde descobriu o teatro para crianças.



TAMBORES NA NOITE
de Bertolt Brecht

Uma comédia que retrata o falhanço de um movimento revolucionário a partir das suas contradições internas

— Em preparação.

TEATRO ABERTO

(Pr. de Espanha
tel. 770969)

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
de Bertold Brecht

Sobre este trabalho, disse um espectador anónimo um comentário que outro anónimo espectador nos trouxe: «ver este espectáculo é um acto revolucionário». Podemos acrescentar que ver este

espectáculo é um acto duplamente revolucionário: porque se trata de um grande espectáculo porque se trata de um espectáculo de uma grande importância política. Não o perca.

O funeral do patrão

FICHA:
Realização e montagem: Eduardo Geada (Portugal-1975)
Argumento: Eduardo Geada, segundo peça homónima de Dario Fo.
Fotografia: José Luís Carvalhosa
Som: Carlos Alberto Lopes
Canções: Orlando Costa e Eduardo Geada
Interpretação: Angela Ribeiro, António Rama, Artur Semedo, Carlos César, Io Apolloni, Lia Gama, Luís Lello, Mário Viegas, Orlando Costa e Santos Manuel
Distribuição em Portugal: Animatógrafo
Cinema: Universal
Classificação: Não aconselhável a menores de 1? anos.

Entre o 11 de Março e o 25 de Novembro, no mais áureo e controverso período da Revolução que quase esteve para haver, o cinema reflectiu, como é evidente, os avanços, as contradições e as dúvidas com que este País se debatia. Os filmes para a televisão sofrem, nesse período, um incremento galopante, desde os programas regulares que a Cinequipa e a Cinequanon realizaram (e onde há muito material directo que conviria aproveitar, remontando-o) até alguns filmes que cineastas independentes propuseram.

Tal é o caso de *O funeral do patrão* de Eduardo Geada e de *Que farei eu com esta espada?* de João César Monteiro (que abordaremos amanhã).

Filme localizado no espaço e no tempo, pelos sinais da sua construção, *O funeral do patrão* ganha, nessa delimitação, o peso de um documento. Sendo um filme que se quer integrado «no processo revolucionário em curso», esta obra peca, antes do mais, pelo seu carácter imediatista (como se dissesse: consumam hoje e esqueçam), pela vontade de *estar ao lado de*, no presente, mas sem uma perspectiva que o alargue no tempo e no espaço de uma possível participação revolucionária. Foi aqui que muitos intelectuais, não só no cinema, meteram o pé na argola. Porque esse imediatismo acabou por ser urgentemente ultrapassado pelo real, e a utilização a curto prazo acabou por não ser utilização nenhuma.

Não compreendemos, aliás, muito bem como um realizador que nos habituara, desde os seus tempos de crítico, a uma amadurecida reflexão (aliás materializada em filmes como *Sofia e a educação sexual* ou *O direito à cidade* — mau grado as limitações), embarcou neste género de proposta.

O primeiro espaço deste filme (a fábrica ocupada) é um bom exemplo do confusionismo reinante. Enquanto os actores falam como falam todos os dias (o que em cinema quer dizer falar mal, porque as palavras são exteriores ao modo como são ditas) o *décor* é de um evidente artifício, mais teatral que fílmico, e a câmara guarda uma constante distância (ver aqui as entradas e saídas de campo, fortemente marcadas), enquanto um só personagem (o chefe da Polícia) transpõe o discurso para a sátira, em total desacordo com tudo o resto. E depois é demasiado visível que a sombra de Godard paira por ali.

Alterado o espaço em presença (passagem para a representação no coreto da praça) entra-se na farsa. Mas também aqui se misturam referências que Geada não consegue unificar. Há, por um lado, uma representação delimitada ao concreto espaço do coreto que, de quando em vez, passa a representação para cinema (caso da cena de sátira à propaganda eleitoral televisiva) e, no mais das vezes, as rábulas que seriam revisteiras se os actores fossem capazes de saber onde e o quê estão a representar. Já que veio à baila, falemos dos actores. E digamos rapidamente e sem rodeios que, agora Artur Semedo e, pontualmente, Mário Viegas, os intérpretes deste filme estão em constante perder o pé, jamais sabendo controlar-se e fazendo descambar o que poderia ter a alegria da festa para a tristeza de um debitar sem eira nem beira, incapazes do excesso assumido, o que, não sendo atingido, redunda num macaquear confrangedor.

Há no entanto um terceiro espaço, a deambulação final, onde quase se chega aonde se poderia. Aqui o espaço dilata-se, é já a cidade em presença, o País o mundo, e o grotesco (que nunca fora senão inconsequente) começa a ser trágico, ganha força, fecha em clímax. É uma breve amostra apenas, mas dá-nos a medida do desejo. E é isso no fundo o que resta. Um filme onde convergem muitos vectores, e todos eles nobres, mas onde falta uma mão que possa deles fazer uma unidade. Ao contrário da sua restante actividade conhecida, Eduardo Geada parece não ter sabido fazer aqui a reflexão necessária. Ir na onda de um entusiasmo colectivo é, para um intelectual, uma falha grave. No momento da verdade este não deve perder a emoção mas deve guardar o poder reflexivo.

garfo faca, & companhia

Acerte no 13 esta semana

Para acertar no 13, o candidato deve tomar o caimnho do Bairro Alto e meter-se à Rua do Norte. Depois, pergunta. Ou pelo 13, ou pela «Regional de Coimbra», o que vem a dar no mesmo. Não tem que enganar. O restaurante 13 (um nome que ficou do número da porta) está em terceira edição. Um período áureo primeiro, desmazelado depois, e agora, uma fase morna com tendência para aquecer, como a gostosa sopa de legumes em prato de barro.

A propósito: a sopa é servida com outro prato por baixo. Quer isto dizer que não há o perigo de se comer «sopa com dedo», tão em voga nalguns restaurantes onde o bom do empregado mergulha o polegar no caldo-verde. Quantas vezes, dedo com adesivo.

Enquanto come, (já lhe dizemos o quê) você pode seguir — que ninguém leva a mal — a conversa de uma dúzia de maduros que frequentam o 13 há muitos anos e dali não arredam. Um bate-papo animado, ao ritmo do cozido à portuguesa (quintas) que actualiza os circunstantes como nenhum telejornal desta praça.

Curioso: às vezes as posições extremam-se um pouco, um deles sai antes da fruta, mas no dia seguinte o grupo lá está, novamente unido, mérito do prato da casa: arroz à valenciana (às terças).

Importantes, também, são as lulas recheadas da sexta-feira e, recuando dois dias, a dobrada da quarta.

Entretanto, passa-se pelos escalopes panados, às segundas, e pelo bife à cortador, que só deve ser pedido quando o apetite se apróxima da fome. O bife é grande demais.

O Venceslau Serra é um homem que veio da Galiza para o Bairro Alto. Vai para dois anos que ele apostou no 13 e o negócio vai assim-assim. O problema é não exceder os 70 escudos por pessoa quando, ainda ontem, comprou a pescada a 145 o quilo.

No que respeita a vinhos: Arruda, Romeira e um desfile da garrafeira das Caves D. Teodósio. Há ainda o vinho da casa para os mais exigentes.

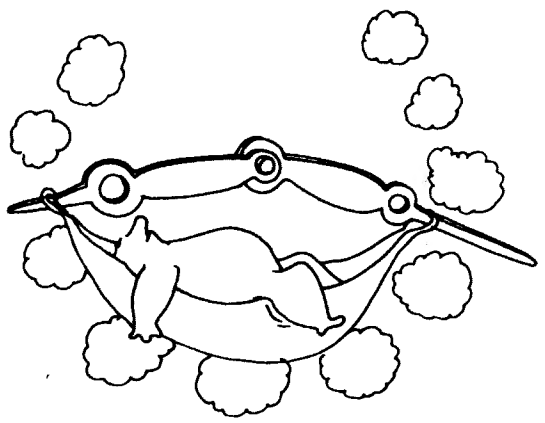
Antes do 25 de Abril, os pides andavam com o 13 debaixo de olho. «Tinham aqui muito material...», diz-nos o Venceslau, para significar que a sua clientela, ontem como hoje, era feita de gente progressista.

O 13 não é um espanto. Mas come-se ali uma boa sopa de tomate (sem dedo!) uns rojões de porco à alentejana e, a fechar, um bagaço cepa velha.

INTERVALO

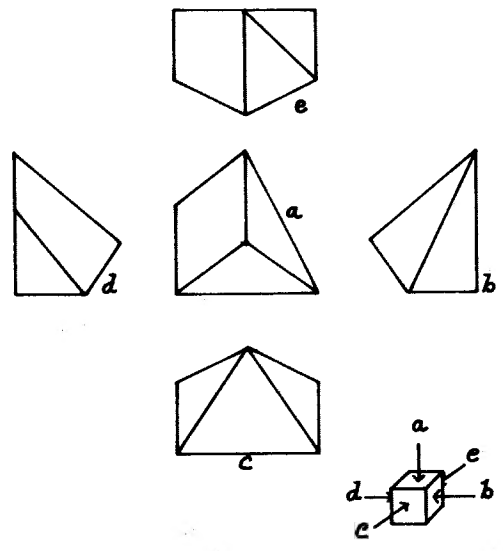
sai vinho para três

Ernesto tem 27 tonéis de vinho, dos quais 9 estão cheios, 9 meios, e 9 vazios. Há três maneiras de os distribuir por três pessoas, sem necessidade de mudar o vinho de um para outro tonel, e de modo que fiquem todos com a mesma quantidade de tonéis e a mesma quantidade de vinho. Quais são essas maneiras?



dormida à hora

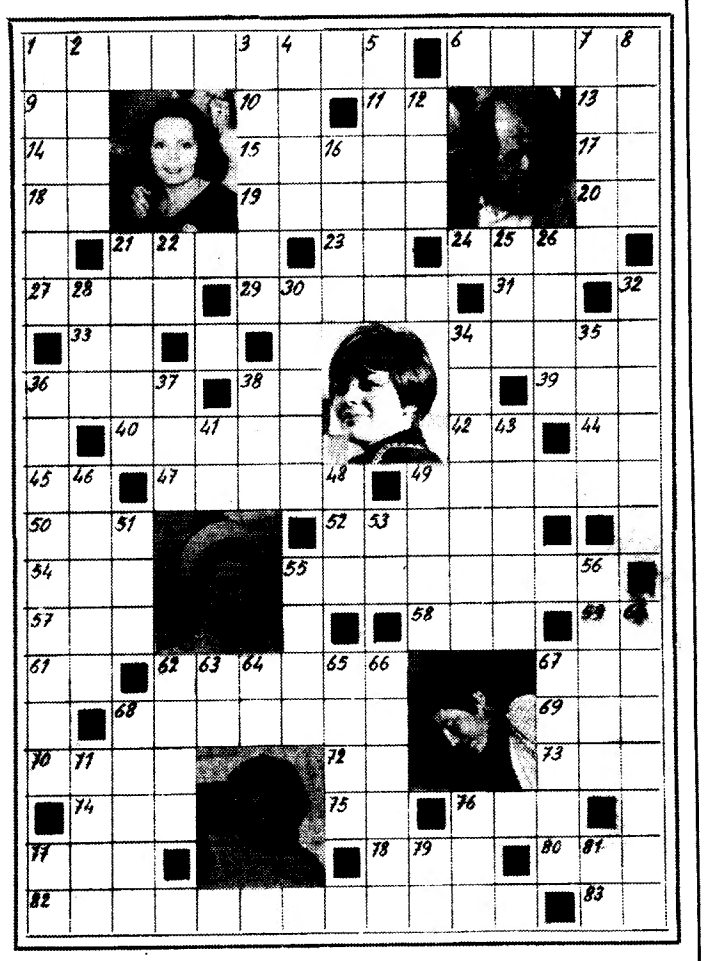
Timóteo deitou-se entre as dez e as onze da noite, no momento exacto em que os ponteiros do seu relógio coincidiam. E levantou-se entre as 4 e as 5 da manhã, quando os ponteiros estavam exactamente no prolongamento um do outro. Quanto tempo é que ele dormiu?



vista a mais

Destas cinco vistas duma mesma casa, qual é incompatível com as outras quatro?

Soluções na pág. 23



HORIZONTAIS:

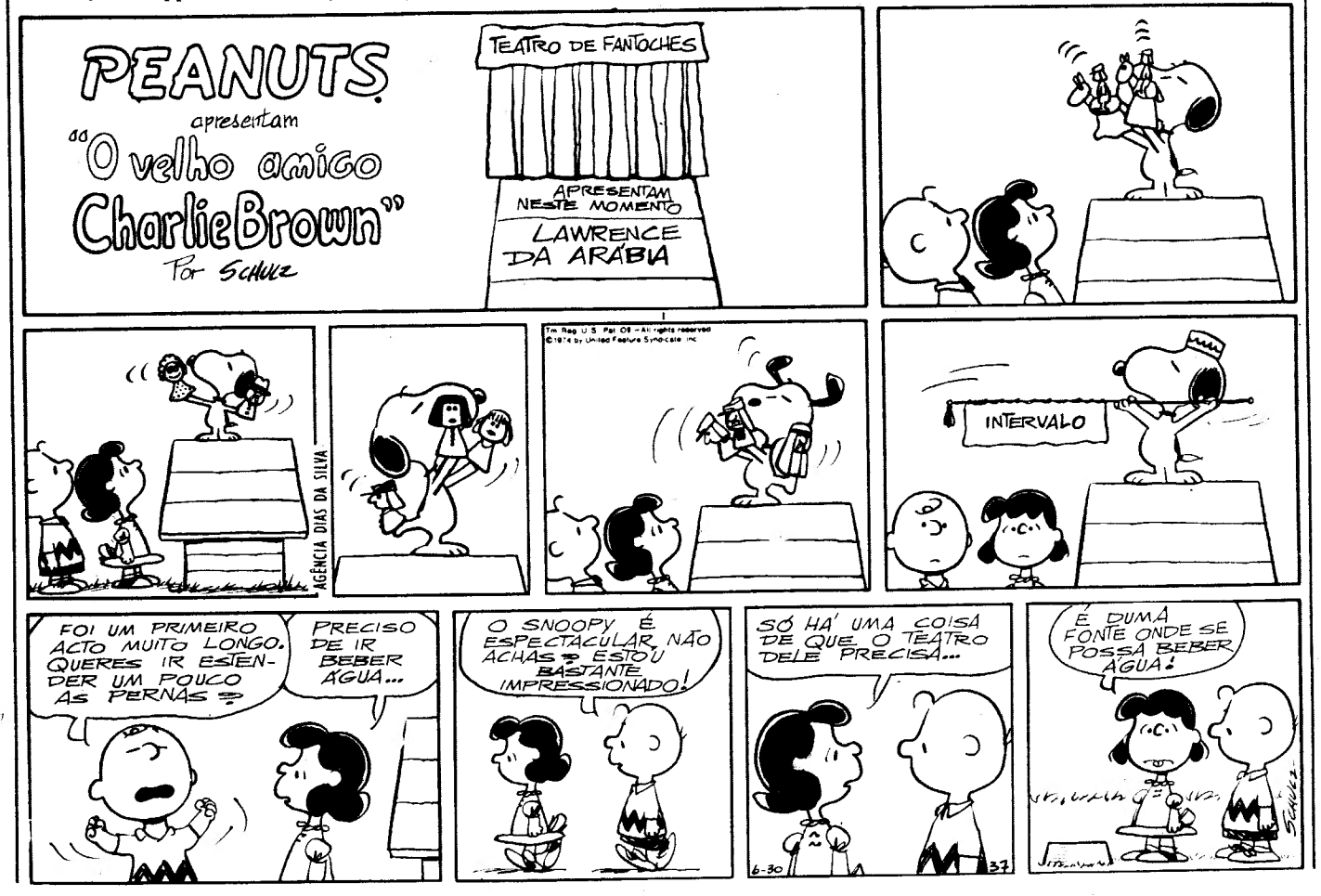
1/52, Escritor russo autor do romance «O Pavilhão dos Cancerosos» e detentor do Prémio Nobel da Literatura. 6/24/34, Pianista portuguesa que recebeu em Paris o Grande Prémio Internacional do Disco. 9, Tumor, o mesmo que arrieira. 10, Preposição e artigo. 11, Mulo. 13, Niquel (s.q). 14, Ataque de paralisia. 15, Amofinar. 17, Aparência. 18, Nota musical. 19, Espécie de forragem (Bras). 20, Pronome pessoal. 21/49, Matador de touror português já falecido. 27, Desejou. 29, Transpirara. 31, Bismuto (s.q). 33, Prata (s.q). 36, Rates. 38, Bário (s.q). 39, Agora. 40, Biologista francês, notável pelos estudos sobre os soros e pesquisa dos anatoxinas. 42, Lantânio (s.q). 44, Antiga unidade monetária da Alemanha. 45, Quinto filho de Jacob. 47, Uma das Espórades. 50, Víscera dupla. 52, Compare. 54, Tempo do verbo ir. 55/68, Cançonetista francesa que dizem ser a sucessora de Edith Piaf. 57, Fluído aeriforme. 58, Punhado. 59, Nome que os Egípcios davam ao Sol. 61, Interjeição de dor. 62, Vasilha onde se bate leite para fabrico de manteiga. 67, Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. 69, Cidade dos Países Baixos. 70, Transpiração. 72, Cidade da antiga Caldeia. 73, Conceder. 74, Cólera. 75, Pronome reflexo. 76, Tritura. 77, Nome da primeira mulher. 78, Pequena barra de oiro que serve de moeda entre os Japoneses. 80, Princesa de Inglaterra actualmente casada com o plebeu Mark Phillips. 83, Artigo indefinido.

VERTICAIS:

1/36, Famosa fadista portuguesa. 2, Estado da Venezuela. 3, Relates. 4, Fazei doação de. 5, Provir, saír de. 7, Não nascido. 8, Serra de Portugal. 12, Brame. 16, Margem de um rio. 21, Manejar. 22, Alternativa. 25, Rio da Sibéria. 26, Freguesia do concelho de Barcelos. 28, Poder. 30, Espécie de lanceiro nos exércitos austríaco, russo e alemão. 32, Empregamos. 34, Saltaria. 35, Vagueia. 37, Saudáveis. 38, Bondoso. 41, Ruim. 43, Que não fala. 46, Encolerizai. 48, O mesmo que bonzo. 49, Vendam a crédito. 51, Conjunção. 53, Frâncio (s.q.). 55, Dai mios. 56, Freguesia do concelho da Covilhã. 60, Ajustam. 62, Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. 63, Antigo Testamento. 64, Ródio (s.q). 65, Pronome possessivo. 66, Brilhantes. 67, Calculava. 68, Estado de espírito. 71, A voz do lobo e outras feras. 76, Ilha inglesa no mar da Irlanda. 77, Pertences. 78, Ósmio (s.q). 79, Itérbio (s.q) (inv). 81, Despido.

GIRA-DISCO

Camel: Quando a música é mais importante que o texto

Nos finais dos anos 60, o movimento «hippie» alastra-se para a Europa, o que origina uma maior atenção aos grupos americanos (ex. Grateful Dead, Jafferson Airplane). Nas ilhas britânicas o interesse pelos novos conjuntos nacionais é fraco; tirando os grupos de cartaz (Rolling Stones, Cream, etc.) é raro aquele que consegue evidenciar devidamente a sua música. Por outro lado, grupos do Underground londrino (Pink Floyd, Solf Machine) obtinham grande público, nas camadas da «nova geração» ligada ao movimento «hippie». Na Europa, mais concretamente na Alemanha, um som novo começa a nascer, em conjuntos como os Tangerine Dream (1965) e os Floh de Cologne «1965) que mais tarde (69-69) viriam a ser marcados pelas actuações e improvisações de grupos como os Fugs e os Quicksilver Messenger Service.

Isto tudo, e mais alguma coisa, irá influenciar e alertar os músicos ingleses, que tentam então criar um género de música que leve o público ao delírio. Os Nice, os Emerson, Lake and Palmer (só em 1971), os Yes e os Genesis, entre outros, abrem novos caminhos que irão ser seguidos por outras formações oriundas da Grã-Bretanha. Este novo som começa então, a obter grande sucesso comercial não só no continente europeu, mas também nos Estados Unidos e noutras partes do Globo. Existem contudo, alguns fracos agrupamentos, que vão ser «içados» por uma extraordinária «máquina publicitária», tirando o lugar a outros muito mais imaginativos e capacitados. Entre os ignorados contavam-se os Camel. Grupo formado em 1971 e que sempre tentou «subir» com o esforço dos seus 4 componentes. Procuram a perfeição no seu show «não somos uma banda que dê saltos em palco e que seja espectacular em atitudes. Daí termos que cuidar de um bom show de luzes e imagens para que as pessoas não tenham de se «gastar» nas nossas figuras. Preferimos que elas ouçam bem e por isso é bom ocupar-lhes os olhos» (Latimer-guitarrista). Em 1973(?) editam o LP «Mirage» que não obteve a atenção da «grande crítica especializada». No ano passado o êxito sorri-lhes com a saída do «The Snow Goose» que tem uma aceitação enorme do público. Os Camel continuaram a fazer a música que pretendem, sem se transformarem em ídolos, tendo gravado, este ano, o álbum «Moon Madness». Álbum onde a música é mais importante do que o texto; através de figuras musicais que substituem por vezes toda uma tradição verbal, conseguem criar as atmosferas que pretendem, o que se nota especialmente nas faixas: «Spirit of the water» onde o piano e o som de voz extrapalavras nos dão um ambiente fortemente sugerido pelo título. E na última faixa, «Lunar Sea», quanto a mim a melhor do disco, faixa que nos transporta para um espaço imaginário. Principalmente aqui é excelente o trabalho do teclista Peter Bardens (o melhor na minha opinião) e do guitarrista Andy Latimer, que também toca flauta (faixa «Air Born»). O baterista Andy Ward e Doug Furguson (baixo) são os mais fracos; apesar de alguns ritmos demasiadamente marcados, eles completam o bom som dos Camel.